



HISTÓRIA DA FILOSOFIA MEDIEVAL



Luciano De Crescenzo

ROCCO EDITORE



Luciano De Crescenzo

**HISTÓRIA
DA FILOSOFIA
MEDIEVAL**

Tradução de
MARIO FONDELLI

ROCCO EDITORE

Título original
STORIA DELLA FILOSOFIA MEDIOEVALE

© 2002 Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

MARIA ÂNGELA VILLELA

Conversão para E-book

Freitas Bastos

Capa: Mabuya Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

D35h

De Crescenzo, Luciano, 1928-

História da filosofia medieval [recurso eletrônico] / Luciano De Crescenzo; tradução de Mario Fondelli. – Rio de Janeiro:

Rocco Digital, 2012.

recurso digital

Tradução de: Storia della filosofia medioevale

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8122-082-6 (recurso eletrônico)

1. Filosofia medieval – História. 2. Filosofia – História. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

12-4418

CDD-189

CDU-1“04/14”

PREMISSA

Querido leitor,

uma vez que você já comprou o livro, posso contar a verdade: aquela que você está a ponto de ler não é uma verdadeira história da filosofia medieval, mas sim apenas uma breve incursão naquele período histórico. O título indica um assunto bastante definido, não há dúvida, mas o texto costuma amiúde sair por aí dando umas voltas por conta própria: há um capítulo, por exemplo, que fala dos bárbaros, outro sobre o grande medo do ano Mil, mais outro sobre São Francisco, e até há um que trata de bruxas que, com a filosofia, não têm *absolutamente* nada a ver. Quer dizer, mais do que uma história da filosofia, temos aqui uma visão panorâmica sobre alguns aspectos significativos da Idade Média.

Tive muita sorte quando estudava no clássico: tive dois professores de filosofia, o Casseti e o Valenza, cada um melhor do que o outro. Por falar nisto, sabe lá qual seria a nota que me dariam se pudessem ler este livro! No que diz respeito aos professores de hoje, por sua vez, haverá certamente alguns que acharão as minhas aproximações totalmente inaceitáveis. Se optei por elas, no entanto, foi para ir ao encontro dos leitores mais jovens. Como dizia o grande Averroés, quem decide escrever uma obra de filosofia deveria fazê-lo em pelo menos três versões: uma para os colegas, uma para os discípulos e mais outra para o povo. Os acadêmicos, no entanto, por alguma razão toda deles, só escrevem uma versão: a destinada aos demais acadêmicos. Eu mesmo, lá em casa, uso três maneiras diferentes de falar: uma quando falo com a minha filha Paola, outra quando falo com a empregada filipina, e mais outra quando falo com o meu netinho Michelangelo, que só tem sete anos.

Lembro que certa vez fui convidado a aparecer na televisão por um jornalista “maldoso”: Arnaldo Bagnasco. Maldoso, é claro, entre aspas. Antes de entrarmos no estúdio ele nem quis informar qual era o assunto do programa. “Você vai ver”, disse, “será uma surpresa e tanto”, e eu, sem pensar duas vezes, fui atrás dele. Acabei me vendo diante de um verdadeiro pelotão de fuzilamento. Havia alguns dos mais importantes filósofos italianos: Emanuele Severino, Gianni Vattimo, Carlo Augusto Viano, Girolamo Cotroneo, Sebastiano Maffettone, Lucio Colletti e, como se já não bastasse, Antonio Cosentino e Indro Montanelli em videoconferência.

Bagnasco apresentou-me dizendo: “Aqui, bem diante de vocês, temos um autor que escreveu uma história da filosofia grega e que se considera um filósofo e um historiador da filosofia. O quê acham disto?”

Como apresentação não podia ser pior. Mas afinal o papel de um animador de *talk show* é justamente provocar o debate.

O primeiro a dar a sua opinião foi Montanelli.

– Para dizer a verdade – disse –, ainda não li a filosofia grega de De Crescenzo. Mas se afinal o livro conseguiu ser lido por um número tão grande de pessoas e em vários países do mundo, que Deus o proteja! É bom ele saber, de qualquer forma, que críticas ferozes o aguardam. Sei disso muito bem, por ter escrito uma *História da Itália* que, pelo que me contam,

pode ser lida não só com proveito mas também com prazer.

Pois bem, por incrível que pareça, nenhum dos filósofos atirou contra mim. Demonstraram até uma certa simpatia. É claro, brigaram um pouco entre si, mas não houve manifestações de repúdio no que me dizia respeito, ainda mais depois de eu declarar que não me considerava nem um filósofo nem um historiador da filosofia. Para sermos exatos, eu disse:

– Acho que sou uma daquelas escadinhas com só três degraus que se encontram nas bibliotecas e que permitem alcançar os livros nas estantes mais altas.

Não tive tempo de dizer, mas também teria gostado de acrescentar que, quando se trata de estudar, fundamental mesmo é a vontade de estudar: quanto mais um aluno se interessa por uma matéria, mais fácil se torna para ele entender e aprender. Esta foi e sempre será a minha intenção: “fazer com que um rapaz de dezesseis anos sinta vontade de conhecer a filosofia.” Às vezes consigo, mas nem sempre: o importante é não desistir. E também temos de levar em conta a minha maneira de contar, que alguns (infelizmente) chamam de “humorística”. Pois é, não tenho culpa se vez por outra gosto de soltar uma piada. Por falar nisso, aproveito a ocasião para dizer que quem primeiro incitou-me a escrever um livro de filosofia não foi um editor, mas sim um amante de anagramas: pegou o título *STORIA DELLA FILOSOFIA GRECA* (História da filosofia grega) e o anagramatizou. Resultou um RIDI E FAI FOLLA GROSSA E COLTA (Ria e terá um público numeroso e culto).

Os romances diferem dos ensaios porque têm um enredo que os entremeia do começo ao fim. Pois bem, a minha história da filosofia medieval também tem enredo, e precisamente a guerra de mil anos entre a Fé e a Razão, com inúmeras vitórias da Fé e praticamente nenhuma da Razão. É ler para crer. Não são poucos os assuntos pesados. Em alguns casos, eu mesmo tive de passar por maus bocados. Às vezes tive de recorrer a um professor de filosofia que mora no meu prédio, para ele explicar direito alguns conceitos. A ontologia, por exemplo, ou então os Universais. Não dá para entender, aliás, por que tais argumentos foram tratados tão exaustivamente pelos filósofos medievais. É particularmente estranha aquela sua incansável tentativa de demonstrar que Deus existe, quando na verdade a coisa que menos precisa de demonstração é justamente a existência de Deus. Não há uma só pessoa à qual convenha ser ateia, uma vez que mais cedo ou mais tarde todos nós seremos chamados a averiguar. No máximo podemos entender a presença de uns agnósticos, mas até eles, convenhamos, quando está chegando a sua hora, já à beira do precipício, bem que começam a acalentar uma meia esperança, e então, lembrando Pascal, tanto faz apostar logo no sim.

Certo dia Aristóteles disse: “Já se inventou tudo aquilo que havia para se inventar”, e falou isto no século IV antes de Cristo. Se agora estivesse aqui na minha frente, perto do computador, iria dizer-lhe: “Amigão, desta vez você falou bobagem da grossa! O que me diz da televisão, do telefone, do automóvel, do avião e do computador? Quem você acha que os inventou? Nós, meu caro, nós homens do século XX!”

Mas ele responderia: “Grande coisa, o que foi que vocês realmente inventaram? Nada mais do que extensões! Pois é, porque a televisão não passa de uma extensão da vista, o telefone do ouvido, o automóvel é uma mera extensão das pernas. O homem, no entanto... o homem, com o

seu mistério da vida e da morte, não mudou nada, ficou exatamente como era! E sobre o homem, tudo o que havia a se dizer foi dito por nós, os gregos, nada menos que vinte e quatro séculos atrás.”

Concluo esta conversa com um conselho para os leitores que nunca entraram em contato com a filosofia antes: se acharem alguns capítulos indigestos demais, não se preocupem, passem por cima. Depois, quem sabe, poderão voltar a eles num segundo momento, depois de terminarem o livro. O que realmente importa é entender o que foi a Idade Média: para alguns, uma época obscura que seria melhor esquecer; para outros, inclusive eu, um pedaço de história fascinante que não se pode absolutamente deixar de conhecer.

Luciano De Crescenzo

I

A DÚVIDA E A FÉ

Quando falamos de Séculos Obscuros há logo duas perguntas que passam pela nossa cabeça: quando começaram e quem foi que apagou a luz. No que diz respeito ao início, eu diria que a Idade Média começou em 312 depois de Cristo, o ano em que o imperador Constantino ouviu uma voz que o incitava a desenhar uma cruz nos escudos dos legionários. Para alguns, a voz vinha do céu, para outros, era a mãe dele que, escondida atrás de uma cortina, enviava *inputs* religiosos. Quanto à luz, então, não há a menor dúvida: foi a Igreja. Mas antes de tornar todos os fiéis meus inimigos, inclusive os meus familiares mais queridos, gostaria de explicar o que entendo por filosofia.

A filosofia é uma maneira de pensar, e talvez até de viver, que fica a meio caminho entre a ciência e a religião. Há no mundo coisas que se sabem, e coisas que não se sabem, mas nas quais mesmo assim acreditamos. As primeiras pertencem à ciência (algo assim como a água que ferve a 100 graus) e as segundas à religião (como o Além, com todos os seus lugares dantescos). E finalmente há coisas que não sabemos e nas quais não acreditamos, como o Ser, por exemplo, sobre as quais se discute e briga desde os tempos de Parmênides, e que constituem justamente a filosofia.

Vamos ver então em que pé as coisas estavam antes do advento do cristianismo. A ciência ainda não era estudada nas escolas e a religião ainda não se difundira o suficiente para assustar os leigos. Cada um podia escolher o deus que mais lhe agradava e ninguém estava lá para impor-lhe outro à força. O símbolo desta abertura mental era o Panteão, isto é, um edifício construído em Roma em 25 a.C. por Marcos Agripa mas muito desejado pelo imperador Adriano. No Panteão qualquer um podia entrar, sair e rezar para quem bem quisesse. Para os forasteiros, isto é, os extracomunitários da época, o grande Adriano dizia: “Vocês acreditam no seu Deus? Querem adorá-lo? *No problem*:¹ encontrem um cantinho no Panteão e rezem para quem bem quiserem, sem no entanto incomodar os que estão perto.” Afinal de contas, o que quer dizer *Pántheion* em grego? Quer dizer “todos os Deuses”. Pois bem, mais permissivo do que isso seria impossível. E vamos ver o que diz a respeito Voltaire, um grande mestre desta virtude, no capítulo oitavo do *Tratado sobre a tolerância*.

Entre os antigos romanos, a partir do próprio Rômulo até a entrada em cena dos cristãos, não vamos encontrar um único homem que tenha sido perseguido devido às suas crenças religiosas. Cícero sempre duvidou, Lucrécio negou tudo, e nenhum dos dois foi de algum modo acusado ou reprimido. A liberdade chegou a tal ponto que Plínio, o naturalista, começou o seu livro negando a existência de Deus e afirmando que se porventura houvesse um, seria o Sol. Ao falar do inferno, Cícero diz: “Não há velha tão estúpida que ainda

acredite nele.”

E Sêneca, nas Troades, afirma: “Post mortem nihil est”, isto é: depois da morte nada existe.

Mas depois, infelizmente, chegaram as grandes religiões monoteístas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, e a tolerância foi por água abaixo, levando consigo a filosofia.

Quando alguém na vida decide ser filósofo, há três regras que ele precisa respeitar: a *aporein*, a *epoché* e a *apátheia*, quer dizer: a “dúvida”, a “suspensão do julgamento” e a “isenção das paixões”. Quanto a mim, toda vez que alguém pede a minha opinião, antes de mais nada não respondo, depois começo a gaguejar arrumando logo um “talvez”, e finalmente digo tudo o que penso recorrendo no entanto exclusivamente ao cérebro. Pois bem, o que mais incomodou os homens da Fé foi justamente a Dúvida. Quem deixa o clero preocupado, com efeito, não é o ateu, mas sim o homem que não para de fazer perguntas.

Um dos muitos prejuízos provocados pela religião foi o forçado desaparecimento dos amuletos fálicos. Na época romana, de fato, o talismã mais popular era o “caralhinho”, isto é, um objeto de terracota representando o pênis. Em Pompeia e Herculano é possível ver até hoje pequenos falos desenhados ao lado das portas, em cima à direita, como símbolos de fecundidade. Mais tarde, já com o cristianismo sentado no trono, os falos da boa sorte foram proibidos e os pobres vendedores de talismãs, para sobreviverem, foram forçados a estilizá-los até torná-los chifrinhos.

A afirmação da religião cristã em Roma, no século IV, provocou desde o início o choque frontal entre a Fé e a Dúvida e, como consequência direta, a ditadura da religião. Mas antes de juntarmos tudo numa coisa só, devemos honestamente reconhecer que, pelo menos na hora de dar os primeiros passos doutrinários, o cristianismo fez entrar em campo três santos fora de série, quer dizer, de excepcional inteligência: santo Agostinho, santo Ambrósio e são Jerônimo. Apesar disso, embora começando com este trio de todo respeito, a Idade Média construiu o seu edifício sobre os alicerces de um filósofo pagão, Plotino.

Quem era Plotino? Digamos que era um fã desenfreado de Platão, tão fanático que chegou a sugerir ao imperador Galieno a construção de uma cidade filosófica chamada Platonópolis, nos arredores de Caserta, onde os habitantes seriam todos obrigados a viver segundo os preceitos platônicos ou, melhor dizendo, neoplatônicos.

Por mais ou menos cinquenta anos Plotino preferiu não escrever coisa alguma e então, um belo dia, quase de repente, elaborou o material que o seu discípulo Porfírio iria reunir em seis coletâneas de pensamentos, cada uma delas subdividida em grupos de nove (chamadas justamente *Enéades* porque *ennéa*, em grego, quer dizer “nove”), nas quais, pela ordem, trata-se de: ética, física, tempo, alma, intelecto e Ser. Pois é, é bom lembrar que os primeiros pensadores medievais devem todos eles alguma coisa a Plotino e ao neoplatonismo. Com efeito, Plotino foi uma espécie de filtro entre a filosofia antiga e a medieval, acrescentando uma pitada de misticismo e de crenças orientais. Falando dele, santo Agostinho diz: “É só mudar umas poucas palavras nos seus escritos e teremos como resultado um perfeito cristão.”²

Mas vejamos agora o que se pode dizer acerca de Jesus. No começo, visto da capital do império romano, tudo aquilo que lhe aconteceu não tinha a menor importância. Se naquele tempo

houvesse jornais, a Crucificação sairia na última página com uma nota de apenas umas poucas linhas. Os profetas presos e crucificados contavam-se aos milhares, e Tibério, o imperador do momento, nem conhecia os seus nomes. Para ele, aquele pequeno martírio não passava de mero acidente na periferia dos seus domínios orientais. Havia um número tão grande de seitas religiosas que, uma a mais ou a menos, não fazia qualquer diferença. O Cristianismo, no entanto, firmou-se de forma extraordinária e acabou tendo o reconhecimento definitivo no dia em que o imperador Constantino deixou-se batizar na hora da morte. Os historiadores contam que logo antes de morrer o imperador disse ao sacerdote que o batizava: “Só espero não estar errado.” Nem por isso, entretanto, podemos falar de filosofia religiosa, ainda mais porque a expressão “filosofia religiosa” é por si só uma contradição.

Todas as religiões nascem de uma exigência inextinguível do ser humano: a de não querer desaparecer depois da morte. Daí a invenção da alma e do Além. E não importa se o criador se chama Deus, Alá, Iavé ou qualquer outro nome. “Viva conforme os princípios da sua religião e algum dia será premiado”, dizem os padres ao crente, e logo em seguida lembram que a verdadeira vida não é a que ele está vivendo naquele momento, mas sim a próxima, a que ele viverá após a morte. Depois de uma promessa como esta o crente pode aceitar tudo, até mesmo o martírio. Alguns deles exageram e começam a bancar os camicases e se jogam contra as Torres Gêmeas. E também há quem explore esta exigência natural do homem para alcançar o poder, e então o fenômeno deixa de ser religioso para tornar-se político. Não faz sentido, com efeito, dizer que o Ocidente é mais evoluído do que o Islã, como aliás afirmou recentemente um nosso primeiro-ministro. Bastaria apenas constatar que, em geral, os muçulmanos são mais religiosos do que os cristãos e ninguém precisaria ficar ofendido.

Na guerra entre a Dúvida e a Fé eu sempre torço pela Dúvida. Logo que alcancei a maioria achei por bem substituir o verbo “crer” pelo verbo “esperar” e o verbo “não crer” pelo verbo “recear”. Em outras palavras, passei a dizer que espero que haja alguma coisa “depois”. E espero nem tanto por mim quanto pela minha mãe que, coitadinha, rezou a vida inteira, foi à igreja todos os dias e não cometeu um pecadinho sequer nos seus oitenta e três anos de existência. Só teve um homem na vida, meu pai, e nunca disse um palavrão. Quando papai estava a ponto de soltar uma praga, ou, pior ainda, uma blasfêmia, ela o interrompia imediatamente com um “sempre seja louvado” e tudo voltava ao normal. Espero portanto que, uma vez no Céu, tenha encontrado o Paraíso assim como sempre o imaginou, com são Pedro na entrada a esperar por ela de chaves nas mãos, e todos os santos da sua predileção festivos ao recebê-la. Seria uma decepção e tanto, para ela, se em lugar do bom Deus encontrasse, sei lá, Manitó com o cocar de penas dos peles-vermelhas!

¹ Na realidade Adriano não disse *no problem* mas sim *nihil morae*.

² Sobre Plotino, convidamos o leitor a ler o que se diz dele em *Storia della filosofia greca*. Vol. II, Mondadori, Milão, 1986. (*História da filosofia grega*, Rocco, 2005.)

II

SANTO AGOSTINHO

Para desmentir-me a respeito desta impossível convivência da Fé com a Razão, vem logo santo Agostinho, o maior representante da Patrística cristã. É bom deixar bem claro, desde já, que nunca houve alguém mais racional e mais religioso do que santo Agostinho. Agora, eu francamente não sei se uma confissão, embora muito bem escrita, basta para alguém ser absolvido de todo e qualquer pecado; se no entanto isto é possível, então neste mesmo momento o meu bom Agostinho está olhando para mim lá de cima, do Céu.

A sua vida foi o que de mais inusitado se pode imaginar: nasceu em Tagaste, na Argélia, em 354 depois de Cristo (era mulato, quase negro). Depois mudou-se para Madaura e dali para Cartago, onde completou os estudos superiores. Seu pai, Patrício, era um camponês de fé pagã, e a mãe Mônica, católica que mais católica não se pode imaginar. Indeciso entre as duas religiões, ele optou pelas doutrinas maniqueístas e tornou-se um dedicado partidário daquela seita. Ficou lá durante nove anos e foi ao mesmo tempo “seduzido e sedutor, enganado e enganador”³ (para usarmos as suas próprias palavras) até conhecer pessoalmente o bispo maniqueu Fausto e ficar em seguida enojado dele.

Ainda jovem, leu o *Hortensius*, de Cícero, obra infelizmente perdida, e a partir daí foi tomado por desmedido interesse pela cultura clássica. “Aquele livro”, conta, “mudou a minha maneira de pensar”,⁴ e depois disso começou a ler qualquer texto latino ou grego que aparecesse na sua frente. E mais: também ficou apaixonado pelo estudo das estrelas, sem contudo jamais decair na astrologia. Nas *Confissões* conta explicitamente: “Nunca acreditei naqueles embusteiros que se proclamam astrólogos e que dizem: isto se deve a Vênus, e aquilo a Marte”,⁵ para em seguida acrescentar: “Se a data de nascimento realmente influísse na vida dos seres humanos, dois gêmeos deveriam ter o mesmo destino.”

Aos dezesseis anos perdeu a cabeça por uma mulher mais velha do que ele e deixou-a grávida. Continuou vivendo *more uxorio* com ela por doze anos e teve um filho chamado Adeodato. Ainda muito jovem tornou-se professor de Gramática e Retórica em Cartago. Depois, conforme a moda da época, mudou-se para Roma e em seguida para Milão, onde conseguiu mais um magistério de Retórica. Duas coisas atormentaram-no durante toda a viagem: o enjoo e o remorso por ter-se livrado da mãe com uma desculpa qualquer.

“Preciso dar uma passada no porto”, dissera para ela, “vou despedir-me de um amigo que vai para Roma, e volto. Enquanto isto, espere por mim na igreja de São Cipriano.”⁶

Como orador, santo Agostinho é o que de melhor se poderia ter: subia ao púlpito e falava de improviso. Não precisava de anotações ou lembretes. Respondia a qualquer pergunta com a maior competência, e aqueles que o ouviam ficavam fascinados. Poderia seguir falando por horas a fio e eles ficariam atentos a escutar.

Em Milão a mãe Mônica juntou-se a ele e o convenceu a desistir da primeira amante e a ficar noivo de uma juvenzinha com apenas onze anos, mas de família abastada. O plano era vê-lo finalmente casado e feliz mas, uma vez que a idade mínima para o matrimônio era de doze anos, tiveram de adiar o dia das bodas e ele, até mesmo para não dormir sozinho, encontrou uma amante mais esperta e encorpada do que a noiva prometida.

Entre um namoro e outro encontrou santo Ambrósio, o bispo de Milão, e a partir daí as suas crenças religiosas mudaram de repente. Começou a sentir necessidade de algo mais significativo. Ele mesmo nos conta nas *Confissões*.

*Tarde amei-te, ó Beleza Divina, para mim tão nova e tão antiga. (...) Chamaste-me, e o teu grito penetrou a minha surdez. Brilhaste, e o teu fulgor iluminou a minha cegueira. (...) Tocaste em mim, e o meu desejo por ti não parou mais de crescer.*⁷

Desde então cada experiência, cada encontro só serviram para confirmar nele a certeza de estar no caminho certo. O ascetismo de santo Antônio, a conversão de Vitorino como lhe foi contada por Simpliciano, e as epístolas de são Paulo iriam torná-lo um perfeito cristão. Na noite entre 24 e 25 de abril de 387, durante a véspera da Páscoa, Agostinho e o seu filho Adeodato receberam em Milão o batismo pelas próprias mãos de santo Ambrósio.⁸

Na verdade, os primeiros sinais da conversão já haviam aparecido alguns anos antes, quando ainda estava em Tagaste. Certo dia, enquanto descansava no jardim, caiu em prantos sem motivo algum. Pois bem, naquele exato momento ouviu a voz de um menino, ou talvez de uma menina, que salmodiava uma ladainha: “Pega e lê, pega e lê.”⁹ Levantou-se então num pulo, voltou para dentro de casa e pegou o primeiro livro ao seu alcance: era o Evangelho. Abriu-o ao acaso e leu estes versos (Romanos, 13, 13 e seg):

*Não é na crápula e na embriaguez, nem na falta de pudor da tua cama, e tampouco nas disputas e na inveja, mas sim apenas em Nosso Senhor Jesus Cristo que encontrarás a paz e o consolo.*¹⁰

À parte este episódio, quando voltou para a África logo depois do batismo, mandou construir o mosteiro onde iria viver como ermitão até ser nomeado bispo de Hipona. E foi justamente neste período que escreveu, sempre à noite, as suas melhores coisas: as *Confissões*, *A cidade de Deus*, a *Trindade*, a *Doutrina cristã*, o *Sermão da montanha*, as *Cartas aos Romanos*, *Sobre a verdadeira religião* e vários outros trabalhos. Tudo isso, obviamente, sem nunca ficar livre dos seus sonhos eróticos. Ermitão, sem dúvida, mas só até um certo ponto, como podemos perceber ao lermos certas frases espalhadas pelas *Confissões*.

– “Deus meu Senhor, dá-me a castidade e a continência, mas não de imediato.” (Confis., VIII, 7)

– “Ai de mim, não consigo dormir uma noite sequer sozinho.” (Confis., VI, 15)

– “Do desvio da vontade nasce a devassidão, da devassidão o hábito, e do hábito a necessidade.”

– “Ame, e depois faça o que bem quiser.”

– “Atrevi-me a conceber desejos impuros até mesmo entre as paredes da Tua Igreja.”

(Confis., III, 3)

– *O desejo de amar e ser amado tornava-se maior quando unido à posse do corpo da amante.*” (Confis., III, 1)

Em resumo, tendo em vista que estou falando de um santo, fica para mim um tanto difícil acreditar nele. Mas depois, pensando melhor, descubro que está certo: quando se ama com alma pura tudo é permitido, até mesmo o erotismo, e quem sabe se algum dia eu também não possa vir a ter alguma pretensão à santidade. Afinal de contas Agostinho só cometeu um pecado na vida: enganar a mãe no dia em que viajou para a Itália.

Morreu em 430, em Hipona, enquanto a cidade sofria o cerco dos Vândalos de Genserico. O seu corpo foi em seguida recuperado por Liutprando, rei dos Longobardos, e inumado na igreja de São Pedro em Céu de Ouro, em Pavia.

Os assuntos tratados por santo Agostinho são basicamente quatro: o *pecado*, o *tempo*, a *Cidade de Deus* e a *controvérsia contra o pelagianismo*.

Quanto ao conceito de pecado é muito esclarecedor o episódio do roubo das peras. Vou transcrevê-lo aqui palavra por palavra.

*Ao lado do meu sítio havia uma árvore carregada de peras, para dizer a verdade nem mais bonitas, nem mais gostosas do que as que eu tinha. Certa noite, depois de ficar até tarde na folgança com uma turma de amigos, alguns deles começaram a sacudir a árvore para provocar a queda dos frutos. Lembro que levamos embora uma grande quantidade deles, e não era para comê-los, fique bem claro, mas sim somente porque achávamos muito prazeroso o fato de roubá-los. Em outras palavras, eu, alma malvada, adorei a minha desonestidade, e não porque desejasse o que roubei, mas sim apenas porque sentia-me fascinado pela própria desonestidade.*¹¹

Eu mesmo lembro perfeitamente ter tido, no meu pequeno mundo, uma experiência parecida. Devia ter uns dez, onze anos, e tinha me acostumado a ir “roubar” com alguns amigos na loja de departamentos *La Rinascente*. Ficávamos zanzando perto dos balcões com o ar de quem não quer nada e agarrávamos qualquer coisa fácil de ser guardada no bolso. Podiam ser lápis de cor ou, sei lá, barras de chocolate. Certo dia um freguês me viu e perguntou: “O que pensa que está fazendo?” Então, tão bobo que até hoje sinto vergonha, respondi: “A gente faz o que pode. Tem de bancar o esperto, na vida.” E olha que a minha família era abastada e podia proporcionar-me bem mais do que aquilo: era só eu pedir.

No que diz respeito ao sexo, por sua vez, o nosso santo tinha ideias extremamente claras: distinguia de forma categórica a concupiscência da atração amorosa, isto é, a relação sexual da afeição profunda e consciente. E é sempre nas *Confissões* que ele conta:

*Aos dezesseis anos não amava as mulheres mas sim a ideia de amar. (...) Então um belo dia contaminei a minha inocência com a imundície da luxúria e ofusquei o brilho do verdadeiro amor com o inferno do desejo e dos sentidos.*¹²

Tudo indica que o inventor do Purgatório foi santo Agostinho.¹³ Antes dele, com efeito (veja-se o mito de Er, na *República*, de Platão), não havia meios-termos: ou se chegava aos campos do Céu, entre delícias e músicas maravilhosas, ou se descia ao Inferno, entre chamas e torturas. Santo Agostinho, por sua vez, certo dia escreveu na sua *Cidade de Deus*:

*Senhor, sejais misericordioso comigo: fui pecador e sei que não posso almejar o Paraíso, mas também sei que não fui mau a tal ponto de merecer o Inferno. Precisaria de algum lugar no meio, um lugar onde expiar os pecados de que sou culpado, para poder então ser recebido entre as almas dos beatos.*¹⁴

E o que mais poderia ser este lugar senão o Purgatório? Em resumo, uma espécie de estacionamento cuja existência leva os cristãos a rezar pelas almas em lista de espera. Até hoje o Purgatório é um grande sucesso em Nápoles, onde se reza muito mais pelas almas da segunda divisão do que pelas da primeira. Disso até surgiu uma troca de favores entre os mortos e os vivos, toda feita de rezas e de números a serem jogados na loteria.

Outro assunto predileto de Agostinho: o tempo. Pois é, acho que quase todos conhecem o seu famoso aforismo:

*O que é o tempo? Se ninguém perguntar, eu sei. Mas se tiver de explicar a quem pergunta, já não sei.*¹⁵

Para santo Agostinho o passado não existe na medida que já não é, o futuro não existe por ainda não ser, e o presente não existe enquanto é uma separação entre duas coisas que não existem. Ele afirma que neste mundo só existem três tipos de tempo: o presente do passado, que é a “memória”, o presente do futuro, que é a “esperança”, e o presente do presente, que é a “intuição”. E acaba concluindo que o tempo não passa de uma *distensio animi*, uma extensão da alma. E então faz a si mesmo a pergunta: O que fazia Deus antes de criar o Universo? Resposta: “Nada”, uma vez que “antes” e “depois” são conceitos que só podem referir-se aos seres humanos e não a Deus. Diferente de Platão, portanto, que imaginava Zeus soprando numa pequena estátua de argila para inspirar-lhe a vida, santo Agostinho vê Deus como um eterno presente que não tem relação com o tempo. O que equivale a dizer que “Antes de Deus nem o Antes existia”. Por outro lado, o próprio Aristóteles já se havia expressado neste sentido: “O tempo”, dissera, “é aquele número que mede a distância entre o antes e o depois. Se porventura o antes e o depois não existissem, então o tempo tampouco existiria.”

Na *Cidade de Deus* Agostinho afirma que os americanos, ao construírem as suas cidades e o seu império, acreditam estar construindo a história, quando na verdade a história só tem a ver com a cidade de Deus. Fique bem claro que o santo não diz propriamente “os americanos”, mas quando o lemos parece de fato ter alguma coisa contra eles. Em outras palavras, existiriam duas cidades totalmente diferentes entre si: a da carne e a do espírito e, veja só, a do espírito não é aquela em que estamos vivendo agora, mas sim a próxima.

Há duas cidades na vida, a baseada no amor por nós mesmos e no desprezo por Deus, e

*aquela onde o amor por Deus se contrapõe ao desprezo por nós mesmos e pelo prazer.*¹⁶

É evidente que algum traço de maniqueísmo, algo como a eterna luta entre o Bem e o Mal, ainda devia estar grudado nele.

Nessa altura só nos falta falar do Pelagianismo e das suas consequências. Pelágio, isto é, “homem do mar”, era um monge irlandês que chegara a Roma no começo do século v. Para encurtar a história, a sua heresia consistia em negar a importância do pecado original e em afirmar o princípio segundo o qual cada um só é responsável pelos pecados cometidos por ele próprio. Pois bem, para a Igreja, uma doutrina como essa era um verdadeiro aborrecimento. Nascer com um atestado de bons antecedentes queria dizer já não precisar de um padre que, com o batismo, nos absolve do pecado original. Diante de afirmações como essas, santo Agostinho também viu-se forçado a assumir uma atitude, razão pela qual enfrentou sem meias medidas Pelágio e os seus discípulos, o mais brilhante dos quais era Celéstio. Surgiu então o problema do livre-arbítrio que, de um jeito ou de outro, continua a atormentar as nossas ideias até hoje.

Agostinho afirma¹⁷ que, juntamente com Adão e Eva, toda a humanidade pecou e que portanto, desde o primeiro dia da nossa existência, temos de carregar este terrível fardo: o pecado original. Pelágio, por sua vez, discordava e, por isso mesmo, foi condenado pelos bispos para em seguida ser expulso de Jerusalém, onde chegara após sua longa romaria entre a África e a Palestina. Acabou no Egito e nunca mais se ouviu falar nele.

Mas agora, convenhamos, como hoje podemos discordar dele? Darwin, com a sua teoria da evolução, demonstrou de maneira bastante clara que Adão e Eva jamais existiram, que nós descendemos de outras formas e corpos. Francamente, eu não sei dizer em que altura do processo evolutivo a alma se meteu no nosso peito, se foi quando eu ainda era um ser pluricelular, ou um peixe, um réptil, um primata, um *Homo erectus* ou um *Homo sapiens*, mas tenho certeza de que não se tratava de uma alma pecadora. E mesmo que fosse, acho que cada um deveria ficar com o peso dos seus próprios pecados sem culpar os avós, os bisavós e os possíveis santos Agostinhos da sua árvore genealógica.

³ Agostinho, *Confissões*, tomo IV, cap. 1.

⁴ Ibid., tomo III, cap. 4.

⁵ Ibid., tomo IV, cap. 3.

⁶ Ibid., tomo V, cap. 8.

⁷ Ibid., tomo X, cap. 27.

⁸ Ibid., tomo XI, cap. 6.

⁹ Ibid., tomo VIII, cap. 12.

¹⁰ Ibid., tomo VIII, cap. 12.

¹¹ Ibid., tomo II, cap. 4.

¹² Ibid., tomo III, cap. 1.

¹³ Quanto ao Purgatório, aconselho ler o tomo XXI da *Cidade de Deus*.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Agostinho, *Confissões*, tomo XI, cap. 14.

¹⁶ Agostinho, *Cidade de Deus*, ed. Rusconi, Milão, p. 516.

¹⁷ Agostinho, *Sobre a graça e a remissão dos pecados*.

III

SANTO AMBRÓSIO

Quando eu era menino, o time Internazionale de Milão não se chamava assim: o nome era Ambrosiana, e tinha como padroeiro santo Ambrósio. Toda vez que a Ambrosiana jogava com o Nápoles derrotava-o irremediavelmente e eu, napolitano que sou, odiava-o com todas as minhas forças e, junto com o time, também odiava o seu padroeiro. Mas depois, estudando filosofia, conheci melhor o pensador e comecei a apreciá-lo, principalmente por aquilo que disse da amizade.

*A amizade é o sentimento mais bonito que o homem pode experimentar. Amizade significa ter alguém próximo com quem partilhar os sofrimentos e as alegrias da vida e com quem abrir o coração quando estamos sendo vencidos pela tristeza.*¹⁸

Ambrósio é o santo milanês por excelência: deve ser porque nasceu na Alemanha,¹⁹ em Treviri, por volta de 340. Puxa vida, por falar em Treviri, agora me lembro que Karl Marx também nasceu lá e, pelo que eu sei, não tinha absolutamente nada de milanês. Até na aparência eram diferentes: Ambrósio era baixinho, racional, e tinha a garra típica de um *manager* da IBM. Marx, por sua vez, era um brutamonte coberto de pelos da cabeça aos pés, mais parecido com um orangotango do que com um homem, e com um caráter explosivo digno de um siciliano. Resumindo, duas pessoas tão diferentes que mais diferentes não se pode imaginar.

O santo viveu no período histórico entre o fim do paganismo e o definitivo triunfo da religião cristã. O processo demorou algum tempo e o seu percurso foi bastante acidentado. Durante alguns anos várias interpretações religiosas enfrentaram-se na tentativa de levar a melhor sobre as demais. Na Itália tiveram muitos seguidores, como os maniquéus, os seguidores dos ritos celtas, os arianos e até mesmo os pagãos (que voltaram a ter um efêmero momento mágico com o imperador Juliano, o Apóstata). Quem teve um sucesso particularmente estrondoso foi Ário, um padre de Alexandria que defendia um movimento herético contrário ao dogma da Santíssima Trindade. Para ele, o Pai era a única divindade a ser venerada, enquanto criador do Céu e da Terra, o Filho apenas uma criatura, embora bastante especial, e o Espírito Santo um achado genial para justificar a virgindade de Maria. Tampouco podemos esquecer, finalmente, a religião fundada por Manes, um sacerdote persa que imaginava a vida como sendo uma eterna luta entre o Bem e o Mal. Cada um de nós, dizia ele, tem sempre ao próprio lado dois seres invisíveis, um anjo e um demônio, que o aconselham de forma diferente. Não posso afirmar com

certeza absoluta, mas acho que várias vezes já ouvi uma voz murmurar nos meus ouvidos incitando-me a escolher o pior possível.

Para dar um basta em todas estas heresias, interveio pessoalmente o próprio santo Ambrósio que certo dia, com a autoridade do seu magistério, disse:

– Meus senhores, aqui há somente Jesus: quem crê nele, tudo bem, e quem não crê, pior para ele!

E a respeito disto escreveu:

Para nós Cristo é tudo.

Se a ferida estiver doendo, ele é médico.

Se estiveres cercado pela iniquidade, ele é justiça.

Se o cansaço te esgotar, ele é força.

Se estiveres com medo da morte, ele é vida.

Se o céu te atrair, ele é caminho.

Se as trevas te cercarem, ele é luz.

*Se estiveres com fome, ele é comida.*²⁰

Também podemos atribuir a santo Ambrósio uma estranha definição da Igreja. Chamava-a, com efeito, de “a casta meretriz”, e isto porque certo dia, ao comentar um livro de Josué, contou que os únicos que conseguiram salvar-se no desmoronamento das muralhas de Jericó foram os que se refugiaram na casa da meretriz Raab (que, no entender dele, no texto bíblico simbolizava a Igreja).²¹ Coisa que, em lugar de fazer-lhe entender que mesmo nas piores coisas há sempre um lado bom, levou-o a afirmar que não há salvação a não ser na Igreja. E por falar em meretrizes, santo Ambrósio declarou-se acérrimo inimigo da maquiagem. “De pintar uma mulher” disse, “já cuidou Deus. Por sua vez você, mulher, com esse seu bistre e as suas pomadas, acabará não agradando ao homem e desagradando ao Nosso Senhor.”²²

O primeiro milagre realizado por santo Ambrósio nos é contado pelo seu secretário particular Paolino, um historiador que ficou ao seu lado até a morte. Ambrósio ainda era um recém-nascido e estava dormindo de boca aberta quando algumas abelhas pousaram na sua língua e, em lugar de picá-la como as abelhas costumam fazer, cobriram-na de mel.²³ Daí a sua habilidade oratória. O santo não havia seguido a carreira eclesiástica, parece aliás que durante os primeiros quarenta anos da sua vida nem tinha sido um católico praticante: almejava ser advogado, ou talvez juiz, e em vez disso acabou tornando-se bispo por aclamação popular. Isso aconteceu em Milão no dia 7 de dezembro de 374 (data muito querida para os milaneses), e só porque certa manhã, ao vê-lo na rua, um menino começou a gritar: “Ambrósio bispo!” O povo confiou na voz da inocência e validou a proposta com um longo aplauso. Pois bem, por mais incrível que pareça, ele não ficou nem um pouco satisfeito. Fez de tudo, aliás, para esquivar-se da nomeação: chegou até a hospedar na sua casa umas prostitutas. “Assim vou sujar o meu nome” disse, “e eles vão acabar escolhendo outro.” Tentou fugir de Milão, mas lá de cima, das alturas, alguém fez com que errasse o caminho e o povo agarrou-o de novo quando ele acabava de sair do bairro de São Siro. Contam que estava fugindo na garupa de uma mula chamada Beta. A aldeia onde foi reconhecido chama-se até hoje de Corbeta. E isto porque santo Ambrósio

teria continuado a gritar até o fim: “Corre Beta, corre Beta.” E foi assim que foi eleito entre o delírio do povo. Seja como for, bispo ou não, teve o mérito de afirmar a independência da Igreja em relação ao Império; independência que dura até hoje.

Santo Ambrósio tratava de igual para igual os dois imperadores do momento (o do Oriente e o do Ocidente) e isso deu grande prestígio à religião cristã. Certa vez impediu que Teodósio, o imperador do Oriente, entrasse na igreja porque uma semana antes, na Grécia, ordenara uma chacina que provocara a morte de quinze mil habitantes. Numa outra ocasião mandou escorraçar da cúria metropolitana o imperador do Ocidente, Valentiniano II, só porque não se havia ajoelhado com a devida humildade diante do crucifixo. Isso para deixar bem claro que o poder temporal tinha de dar prioridade ao poder espiritual.

Teve alguns problemas, no entanto, com Justina, a esposa, ou melhor dizendo a viúva do imperador Valentiniano I e mãe de Valentiniano II. A dama, na sua condição de ariana, exigiu que a basílica Porciana fora das Muralhas fosse entregue aos seus súditos arianos, mas santo Ambrósio ficou rezando bem em frente da basílica e os soldados Godos, que vinham ocupá-la, viraram os escudos e, num piscar de olhos, de invasores que eram tornaram-se defensores. Também contam que o imperador tentou mandar matá-lo. Entregou a tarefa a um feiticeiro que, em cima de um telhado, fez sacrifícios a Satanás para que incitasse o povo contra ele. Mais uma vez, no entanto, a coisa não deu em nada. Era o dia 2 de abril de 386. Santo Ambrósio desceu e enfrentou sozinho a multidão agitada. Foi logo dizendo:

Se quiserem o meu patrimônio, não há problemas.

Se quiserem o meu corpo, aqui está ele à sua espera.

*Se quiserem ver-me acorrentado, aqui estão meus braços
e minhas pernas. Se quiserem matar-me podem agir à
vontade: não oporei qualquer resistência.*

*Mas se quiserem aquilo que pertence a Deus,
só Deus poderá dar. Peçam, e ser-lhes-á concedido.*²⁴

Quer dizer, um sujeito genioso e cheio de recursos: como aliás todos os milaneses.

Foram-lhe creditados quinze milagres, entre os quais a devolução da vista a um cego chamado Severo e o uso das pernas a uma lavadeira paralisada. Bastou ele encostar a mão na roupa dela que a mulher voltou a andar. E não é só: a lenda conta que sempre tinha ao seu lado um anjo alado. Alguns garantiam até tê-lo visto sugerir em seus ouvidos as coisas que o santo iria dizer.

¹⁸ Ambrósio, *De officiis ministrorum*, III, 132.

¹⁹ Explico: a meu ver os milaneses são mais alemães do que os napolitanos, e santo Ambrósio é justamente uma demonstração disto.

²⁰ Ambrósio, *Expositio in Psalmum*, 36, 36.

²¹ Ambrósio, *Expositio Evangelii secundum Lucam*, III, 23.

²² Ambrósio, *Exameron*, TEA, Milão, 1955, p. 256.

²³ Paolino de Milão, *Vita di sant'Ambrogio*, Edizioni San Paolo, 1996.

²⁴ Ambrósio, *Ep. LXXVI*.

IV

SÃO JERÔNIMO

Sophronius Eusebius Hieronymus, isto é Jerônimo, também conhecido como “leão da religião cristã”, foi o maior inimigo de todos os pecadores e, entre os pecadores, botou em primeiro lugar a si mesmo. Sabia fazer qualquer coisa menos perdoar, e neste aspecto, conseguiu fazer com que até os amigos mais queridos o detestassem. Certa vez o seu discípulo Rufino de Aquileia escreveu num livro que, no seu entender, Jerônimo não tinha levado Orígenes em devida consideração. Foi um Deus nos acuda: no dia seguinte o santo enviou-lhe uma carta intitulada *Apologia adversus libros Rufini*, onde o definia “uma verdadeira porcaria”. E isso sem mencionar os seus atritos com os pelagianos! Publicou um livro de rara violência com o título de *Contra pelagianos* e estes, como vingança, atearam fogo no mosteiro onde ele vivia.

São Jerônimo nasceu em Strido, perto de Aquileia, em 347. Logo que chegou à maioridade mudou-se para Roma e apaixonou-se pelos clássicos latinos e gregos. Rapidamente tornou-se o mais instruído entre os padres da Igreja. Tinha o apelido de *vir trilinguis* devido ao seu perfeito conhecimento do latim, do grego e do hebraico. Recitava Sêneca e Epicteto de cor, e é a ele que devemos a famosa tradução latina da Bíblia (seja do Antigo Testamento escrito em hebraico, seja do Novo Testamento escrito em grego) conhecida como *Vulgata*, isto é, “para uso popular”, que por muitos séculos representou o texto sagrado do Ocidente.

Além da cultura, São Jerônimo tinha outra obsessão: não suportava as mulheres. Bem diferente de Agostinho, que como vimos levou a vida que levou, ele evitava qualquer contato físico com o sexo oposto. Era tão completamente inimigo do eros que nem mesmo admitia os banhos quentes: no seu entender eram excitantes demais. Olhando bem, no entanto, não é que evitasse de forma tão completa as mulheres, principalmente as de nobre ascendência. Podia contar, com efeito, com um grupo de matronas que se reuniam toda semana na casa de uma tal de Marcela para melhor estudar as Sagradas Escrituras, e que o convocavam como coordenador. Coisa que acabou provocando cochichos no bairro, a ponto de constrangê-lo a deixar Roma e partir para o Oriente. Verdadeira ou falsa que fosse a boataria, sabemos com certeza que a partir daí ele dedicou o seu tempo a uma tal de Paula, viúva do senador Tossócio, e à filha dela, Eustóquio. Foram primeiro a Chipre e Antioquia, em seguida para a Terra Santa e finalmente para o Egito, onde ficaram em busca de ermitões perdidos no deserto. Depois de se fixarem em Belém, fundaram um mosteiro duplo, um para os homens e outro para as mulheres. Tudo isso, obviamente, à custa de Paula a quem, graças a Deus, o dinheiro não faltava. Nem é preciso dizer que mais tarde tanto Paula quanto a filha Eustóquio foram nomeadas santas. Por falar nesta última, vale a pena lembrar que quando Jerônimo a conheceu em Roma enviou-lhe uma carta (*Libellus de custodia virginitatis*) onde avisava que uma jovem podia perder a virgindade só de pensar no assunto. Coisa que provocou a reação dos amigos da moça, que o enfrentaram,

dando-lhe uma surra e ameaçando jogá-lo no Tibre se ousasse escrever outra. Ela no entanto, a terna e gentil Eustóquio, ficou tão fascinada com Jerônimo que a partir daí acompanhou-o como uma sombra, até que um belo dia, ou melhor dizendo, um feio dia, depois de tantas dietas e abstinências, deixou este vale de lágrimas.

Esses antecedentes, de qualquer maneira, insinuam uma dúvida: São Jerônimo odiava mais as mulheres de que amava o Senhor? Só para se ter uma ideia, ao tratar da onipotência divina, ele afirma: “Deus pode anular qualquer pecado mas não pode invalidar os pecados sexuais. Se uma jovem perde a virgindade, não pode certamente devolvê-la. Pior para ela que a entregou sem pensar duas vezes ao primeiro homem que apareceu.” E ainda acrescenta: “Sei que as minhas palavras são audaciosas, mas Deus, se quiser, só pode aliviar a angústia de uma pecadora arrependida, mas não pode absolvê-la da sua mancha!” Essas afirmações custaram-lhe críticas extremamente duras por parte de muitos pensadores cristãos. Entre as tantas, as de Pier Damiani que, muitos séculos depois, em *De divina omnipotentia*, acusa-o abertamente de não acreditar no poder ilimitado do Pai Eterno, para então concluir: “No entender de Jerônimo, qualquer pecado pode ser perdoado, a não ser aqueles que têm a ver com as tentações da carne, quando na verdade bem outros deveriam ser os pecados que pesam nas nossas consciências!”

Além de escrever textos religiosos, São Jerônimo também era um leitor compulsivo, tanto que quando se retirou no deserto levou consigo uma verdadeira biblioteca. Mais ou menos como dizer: “Podem tirar tudo da minha vida, mas não me tirem os livros.” É claro que, antes de mais nada, ele já censurara alguns daqueles textos. O livro de Ezequiel, por exemplo, já não tinha os capítulos XVI e XXIII devido a umas descrições detalhadas demais dos atos libidinosos das irmãs Oolá e Oolibá. Vale a pena salientar, finalmente, que, como todos os ermitões, Jerônimo sofreu as costumeiras e esperadas alucinações eróticas. Toda vez que estava a ponto de adormecer no deserto, com efeito, apareciam pontualmente diante dele mulheres que se despiam. E daí mais flagelações, arrependimentos e lágrimas.

Imagino São Jerônimo deitado na areia, sob um sol escaldante, com um lenço na cabeça e cercado por uma mureta de livros com pelo menos um metro e meio de altura. Ficou quatro anos sozinho, para então voltar a Antioquia e, logo a seguir, a Roma, onde o papa Damásio deu-lhe uma chance tornando-o seu secretário particular. Também foi acusado de amar mais Cícero do que as Sagradas Escrituras. Disseram-lhe: “Você, Jerônimo, não é um cristão, é um ciceroniano”, e ele, atormentado, mergulhou novamente na leitura dos Evangelhos.

Também houve quem visse nele um possível papa, mas seja devido ao péssimo temperamento, seja pela aparência descuidada e o fedor insuportável que dele exalava, a sua candidatura nunca foi realmente levada a sério. São Jerônimo circulava tão malvestido que não dava para imaginar coisa pior: só andava descalço, vestia uma pele de cabra e usava no pescoço uma corda com um crucifixo de ferro que pesava dois quilos. Em resumo: um homem asqueroso. Os colegas olhavam para ele com asco e tampando o nariz toda vez que entrava nos aposentos deles. Estava com quarenta anos mas aparentava setenta.

Em resumo, para quem ainda tivesse alguma dúvida, Jerônimo tinha um péssimo caráter, era rabugento, invejoso, irritadiço e polêmico. Cobriu santo Ambrósio e santo Agostinho de

insultos. Entre as muitas injúrias, acusou o bispo de Milão de ter tirado muita coisa da obra de Dídimo o Cego. E tem mais: brigou até com a amiga mais querida, a matrona Paula, proibindo-lhe de escrever, falar com desconhecidos e sair de casa.

Morreu sozinho, como um cão sem dono, em 419. Descanse em paz.

V OS BÁRBAROS

Cada italiano de hoje deve ter tido pelo menos um antepassado no século V depois de Cristo. Pois bem, vamos chamá-lo de Gaspar e imaginemo-nos no lugar dele. Recebeu na cabeça duas pauladas, uma mais violenta do que a outra: os bárbaros e a religião. Em menos de duzentos anos vovô Gaspar e os seus descendentes foram premiados com a presença dos Visigodos de Alarico, dos Vândalos de Genserico, dos Ostrogodos de Odoacro, dos Hunos de Átila, dos Francos de Clóvis e dos Longobardos de Alboim. O lema era “faz favor, a casa é sua”. Por sua vez a Igreja, graças àquilo que já havia sido feito por santo Ambrósio, mantinha-se cuidadosamente afastada do poder temporal: assistia sem piscar às invasões, achando que quanto mais sofrimentos houvesse por aí, mais o vovô Gaspar iria merecer o Paraíso. Quanto ao resto, vivia-se numa espécie de Afeganistão *ante litteram*, onde no lugar do Alcorão havia as Sagradas Escrituras, onde as mulheres tinham de ficar trancadas em casa, onde não era possível expressar qualquer opinião apenas um pouquinho diferente da do poder e onde, a qualquer momento, ao sair de casa, podia-se topiar num bárbaro de chifres no elmo e espada na mão. O historiador francês Duby conta que houve anos de carestia absoluta e que no século V depois de Cristo chegar aos quarenta anos era um verdadeiro recorde.

*Os homens viviam agrupados. Dormiam amontoados na mesma cama e, por medo, nunca saíam de casa sozinhos: os que se atreviam a fazê-lo eram olhados com desconfiança e suspeita. Eram considerados loucos ou criminosos.*²⁵

Graças a um monge da abadia de Cluny conseguimos até encontrar um relato explicando o que fosse uma carestia nos primórdios da Idade Média.

*Tinha havido tanta chuva que por mais de um ano não fora possível trabalhar nos campos. Não sobrara coisa alguma para comer. Os homens tinham começado a engolir qualquer coisa que encontrassem ao seu alcance. Depois de acabar com a grama, os cardos, os pássaros, as serpentes e os insetos, tinham começado a comer a própria terra. Então começaram a comer uns aos outros e até os mortos foram desenterrados e comidos um pedaço de cada vez.*²⁶

Francamente, este relato do monge parece-me um tanto exagerado, mas poderia não o ser, e agradeço a Deus por ter-me feito nascer na Itália do século XX onde, mesmo querendo, já não é possível morrer de fome. Basta ir a um restaurante qualquer e pedir o que sobrou dos pratos dos clientes.

E finalmente havia os ermitões, quer dizer, aqueles que optavam pela mais absoluta solidão para não ter qualquer contato com os demais mortais. Que fique entre nós: podiam até ser almas beatas, mas com todo o respeito por sua santidade, praticavam hábitos francamente repulsivos.

Uns enfurnavam-se em cavernas, outros iam morar no deserto e todos contentavam-se em comer e beber o mínimo indispensável para sobreviver. Também havia os *acemetos* (literalmente “os que não dormem”), isto é, um grupo de fiéis que haviam decidido orar o tempo todo, desistindo até do sono. Quem adormecia era acordado pelo vizinho. A única ocasião em que podiam dormir era quando todos desmoronavam exaustos ao mesmo tempo. E isso tudo só para fazer jus ao cantinho de Paraíso com que tanto sonhavam. Algumas ordens religiosas chegavam a considerar pecado lavar-se. Muitos monges, com efeito, gabavam-se de nunca ter lavado os próprios pés e chamavam os piolhos de “pérolas do Senhor”.

À parte são Jerônimo, do qual já falamos, podemos lembrar são Simeão, o estilita que passou os últimos quinze anos da sua vida em cima de uma coluna com a altura de dez metros. Contam que costumava ter longas conversas com todos os que iam visitá-lo. Os visitantes, obviamente, falavam de baixo para cima e ele lá das alturas. E não podemos esquecer santo Antônio, que bem no meio do deserto imaginava mulheres nuas que o tentavam piscando o olho debaixo de uma esteira,²⁷ e são Bento de Núrsia que, ao alcançar a maioridade, foi trancafiar-se numa caverna onde recebia a comida através de uma corda baixada do teto por outro ermitão. Mas quanto a tentações, são Bento também teve lá seus problemas: Satanás enviava-lhe pontualmente toda noite a imagem de uma linda mulher que ele conhecera quando jovem. O coitadinho, para castigar-se dos pensamentos impuros, jogava-se nu numa moita de urtigas. Só assim conseguia mortificar ao mesmo tempo o corpo e a alma. Então, depois de três anos, Deus seja louvado, saiu do antro e foi fundar a abadia de Montecassino, mais tarde bombardeada por outra espécie de bárbaros vinda do outro lado do oceano.

Fica claro que as tentações sexuais não respeitam ninguém, particularmente quando se trata de gente muito jovem. O cérebro e o instinto são dois motores separados que funcionam cada uma por si. A minha primeira experiência sexual foi uma coisa linda, e teria sido ainda mais maravilhosa se fôssemos dois. E afinal de contas, quem já não teve pensamentos impuros aos quinze anos? Eu tive um sem-número deles, e resolvi todos sozinho no escuro do meu quarto. Havia noites em que simplesmente não conseguia pegar no sono: era atormentado pela famosa cena do filme *La cena delle beffe*, aquela em que Amedeo Nazzari, arrebatado por um impulso de ira, rasga a blusa de Chiara Calamai deixando à mostra o seio dela.²⁸ Obviamente, quando ia confessar-me com o padre Atanásio, nem passava pela minha cabeça mencionar o assunto, mas ele, Deus o guarde, lia nos meus pensamentos e nunca deixava de lembrar-me de que os que fazem certas coisas ficam cegos dentro de no máximo dez anos. Ainda bem que estava errado.

Passando agora dos jovens pecadores para os velhos santos, muitos foram os milagres atribuídos a são Bento. Certo dia os seus monges, achando-o observador demais da regra da ordem, decidiram livrar-se dele e prepararam-lhe um copo de vinho envenenado. Ele, no entanto, antes de encostá-lo aos lábios, benzeu-o com o sinal da cruz e o copo quebrou-se em mil pedaços. Outra vez, um lavrador estava cortando uma moita de espinhos com um podão quando a lâmina do utensílio soltou-se e acabou num pequeno lago. Sem problema: são Bento primeiro recitou um pai-nosso, depois enfiou o cabo do podão na água, e a lâmina voltou a grudar-se sozinha. Estas e muitas outras coisas ainda se contam pelas bandas de Cassino.

E os filósofos? *Vai ser uma longa noite escura*, disseram para si mesmos, e durante alguns séculos deixaram até de pensar. O mais importante, para eles, era salvar a pele. Caberia principalmente aos pensadores árabes, e em particular a Avicena e Averroés, retomar o discurso interrompido sete séculos antes. Enquanto isso teremos de nos contentar com alguns filósofos não propriamente sublimes, embora dignos do nosso respeito, como Hipácia, Proclo, Boécio e Scotus Erígena.

²⁵ Georges Duby, entrevista para Chiara Frugoni Settis em *Mille e non più Mille*, Rizzoli, Milão, 1994.

²⁶ Georges Duby, na mesma entrevista.

²⁷ Por falar em santo Antônio, imperdível é o quadro de Domenico Morelli intitulado *As tentações*, exposto na Galeria Nacional de Arte Moderna de Roma.

²⁸ *La cena delle beffe*, filme de 1941 de Alessandro Blasetti.

VI

HIPÁCIA

Hipácia era uma mulher excepcional e, por incrível que pareça, conseguiu ser filósofa numa época em que filósofos e mulheres não gozavam de muita consideração. Filha do matemático Teão, tornou-se ela mesma cultora da matemática e da astronomia. Depois, no começo do século v, foi escolhida para presidir a escola neoplatônica de Alexandria, no Egito, onde sobressaiu pela sua intuição e profundidade do pensamento. Os seus cursos, muito frequentados pelos jovens, tinham como matéria básica a filosofia de Aristóteles e, como matérias complementares, as teorias dos cínicos e dos estoicos. O desprezo pelos bens materiais, praticado por Epicteto e Diógenes, era o seu cavalo de batalha. Toda vez que tocava no assunto durante as aulas conseguia um grande sucesso.

A habilidade de Hipácia consistia em saber harmonizar de forma muito fluida a Fé e a Matemática, como se fossem matérias complementares. Nunca entendi como ela conseguia. Na prática, tentava demonstrar a existência de Deus por meio de uma série de raciocínios matemáticos e sem nunca apelar para a imaginação dos discípulos. Partia portanto de um pressuposto: a existência das coisas e dos seres criados, para chegar aonde queria chegar, isto é, à existência do Criador, e tudo isso na base de raciocínios tais como “um mais um igual a dois”. O ideal, para ela, era poder levar a termo as suas aulas dizendo: “Como queremos demonstrar.”

A tentativa foi muito apreciada por Sinésio de Cirene, bispo de Tolemaide, e isso a deixou bastante tranquila, mas Sinésio, digamos a verdade, era um bispo um tanto incomum: basta dizer que quando foi nomeado impôs como primeira e irrenunciável condição a de poder continuar a dormir com a mulher.

Quem por sua vez contestou-a com o maior vigor foi são Cirilo, o bispo de Alexandria. Hipácia, além do mais, tinha criado uma afetuosa amizade (talvez afetuosa demais) com o judeu Orestes, o prefeito do lugar, que por sua vez era inimigo declarado do mencionado Cirilo. Resumindo, as coisas não demoraram a ficar feias para os dois amigos: foi organizado um *pogrom* de cunho racista contra os judeus e os primeiros a sofrer foram justamente Orestes e Hipácia. Ela em particular, embora não fosse judia, teve um fim horrível. Estava viajando de charrete, cuidando da própria vida, quando foi presa, despida, arrastada para uma igreja e cortada em pedaços por um tal de Pedro, o Leitor, e uma multidão de fiéis furibundos. As suas carnes foram então cortadas em fatias finas e jogadas na fogueira. Na verdade, no que dizia respeito ao povo, a verdadeira acusação era a de não se ter portado como “verdadeira mulher”, isto é, de ter ensinado numa escola pública no lugar de um homem em vez de ter ficado em casa cuidando das tarefas domésticas.

Estava com quarenta anos quando morreu em 415 d.C.

Comentário vivamente desaconselhado aos que detestam a matemática

A pergunta poderia ser: “É possível demonstrar a existência de Deus recorrendo à matemática?” E a resposta seria: “Demonstrar não, mas certamente intuir.”

Na natureza não há coisa alguma, mas nenhuma mesmo, que seja igual ao zero ou ao infinito.²⁹ Estas duas entidades, com efeito, não são dois números, mas sim dois limites, dois pontos de chegada fora do alcance dos nossos sentidos. O máximo que podemos encontrar é alguma coisa que tende ao zero ou ao infinito, sem entretanto conseguir chegar lá. Nem pensar, então, no que aconteceria se tivéssemos a infeliz ideia de multiplicá-los entre si! Obteríamos um produto desprovido de significado.

Vamos tentar explicar melhor: digamos que o zero e o infinito são dois números mafiosos. Toda vez que um deles vê-se multiplicado por outro número, transforma-o em si mesmo. Assim sendo, qualquer número multiplicado por zero é igual a zero, e qualquer número multiplicado pelo infinito é igual ao infinito. Aí surge a pergunta: “E se a gente multiplicar o zero pelo infinito, quem ganharia?” A resposta é: “Nenhum dos dois, o resultado seria indefinido.” Poderíamos dizer, por exemplo, que zero vezes infinito é igual a 27, ou a 135, ou a 1928, e nunca estaríamos errados pois todos estes números (27, 135 e 1928) divididos pelo infinito dariam zero e vice-versa. Que tal, então, imaginarmos Deus como o produto de zero vezes infinito? Conseguiríamos entender melhor o Big Bang e, quem sabe, até as dimensões do Universo.

Agora, não sei se Hipácia chegou alguma vez a perguntar isto tudo a si mesma, mas não há dúvida de que o zero e o infinito sempre estimularam a imaginação dos filósofos, começando por Zenão, que se baseou nele para criar o paradoxo de Aquiles e a tartaruga.

Encontrar Deus é como pular em altura: o atleta dá uma corridinha e, logo antes de bater na haste, dá um pulo. Com a matemática acontece mais ou menos a mesma coisa: toma-se impulso com os raciocínios e então pula-se com a intuição. Eu só posso ajudar no impulso, mas quanto ao pulo vão ter de se virar sozinhos.

²⁹ Para saber mais, aconselho a leitura de *Da zero a infinito, la grande storia del nulla* de John Barrow, Mondadori, Milão, 2001.

VII

PROCLO

Querem saber quem era Proclo? Um filósofo neoplatônico, o último do paganismo e o primeiro da Idade Média. Nasceu em Constantinopla em 412 e passou a maior parte da vida em Atenas, onde dirigiu a mais ilustre escola de filosofia do mundo, a Academia de Platão. São famosos os seus comentários sobre o *Parmênides*, o *Crátilo* e o *Timeu*. Contam que quando falava das transmigrações da alma descritas por Platão, costumava receber entusiásticas ovações.

Naquela época o bestseller do momento era *A metafísica*, de Aristóteles. A obra vivia sendo citada a toda hora pelos intelectuais, mas também era a menos compreendida, tanto assim que um belo dia Proclo e o seu mestre Siriano decidiram boicotar Aristóteles e reabilitar Platão. “Quer apostar”, disseram para si mesmos, “que Platão é mais inteligente do que Aristóteles? Além do mais, dá para entender o que ele diz.”

Proclo, também conhecido como o Hegel do século V, escreveu um certo número de tratados, seis para sermos exatos, entre os quais o *Livro das causas*, em que afirma que o Ser tem três momentos fundamentais, e precisamente:

- 1) “O permanecer em si”, por ele chamado de *moné*.
- 2) “O sair de si”, isto é, o *próodos*.
- 3) “O voltar para si”, também conhecido como o *epistrophé*.

O que isso significa? Francamente não sei, mas posso tentar explicar de duas formas diferentes: recorrendo ao Uno de Parmênides, ou então adaptando os três níveis à minha própria pessoa.

Primeira interpretação: O Uno é aquilo que é e é igual a si mesmo. Não podemos dar uma definição dele, pois qualquer tentativa acabaria fatalmente se tornando uma diminuição. Para alguns é Deus, para outros é tudo aquilo que na vida não muda, para mais outros é o princípio e o fim. No mesmo instante, no entanto, manifesta-se na criação e, ao manifestar-se, aumenta de valor. Depois, ao chegar ao cumprimento do projeto, volta novamente para si e identifica-se com a eternidade. (Se vocês entenderam, fico muito satisfeito. Se não entenderam, paciência.)

Segunda interpretação (a que se refere a mim mesmo): eu sou um ser humano e sou aquilo que sou. Então, vivendo, aumento o meu valor pois encontro outras pessoas e aprendo com elas. Finalmente, no fim da minha vida, quando menos espero, percebo que me aproximei de Quem me criou. Esta segunda interpretação é mais fácil de se entender, pelo menos por ser mais condizente com a nossa maneira de pensar, mas percebo que poderia ser considerada redutiva.

Para dizer a verdade, não é que as três fases de Proclo chegaram propriamente a me entusiasmar. Sabemos muito bem que com o passar do tempo costumamos piorar por fora e

melhorar por dentro. O que no entanto deixa-me pensativo é a contínua preocupação dos filósofos medievais em descobrir a existência de Deus em todas as manifestações do mundo criado. Não dá para saber se dependia de uma necessidade pessoal, ou do medo de incorrer na censura das autoridades religiosas; só sabemos que nenhum filósofo da Idade Média consegue levar a bom termo o seu pensamento sem recorrer à Necessidade do Ser Supremo.

Além da presença divina, afirma Proclo, há no homem forças que atraem e forças que repelem, chamadas por ele de *Simpatias* e *Antipatias*. De onde elas se originam, ninguém sabe: talvez dos nossos antepassados, através do DNA, ou quem sabe do fato de termos tido uma juventude mais fácil ou mais difícil. Acontece que existem e são determinantes no relacionamento com os nossos similares. Quem não possui *Simpatias*, diz Proclo, evita aqueles ofícios que implicam o contato com as massas. Na política, por exemplo, vale muito mais a simpatia do líder do que a sua ideologia. Podemos dizer o mesmo daqueles que se dedicam ao espetáculo. Quem não é simpático, é melhor que se dedique a trabalhos individuais, como o artesanato ou a lavoura nos campos. Proclo, por sua vez, graças justamente às *Simpatias*, participava das sessões teúrgicas durante as quais conseguia entrar em contato com as potências divinas, e tudo isso com a ajuda da filha de Plutarco de Atenas³⁰, que ele usava como médium.

Resumindo: Proclo nos aconselha a cuidarmos mais da alma do que do corpo. Na vida terrena, afirma ele, tudo já está decidido: a Necessidade, isto é, o Destino, conhece o nosso futuro nos mínimos detalhes.

No que diz respeito à vida eterna, por sua vez, tudo continua totalmente indefinido: cabe a nós mesmos escolhermos o tipo de eternidade na qual gostaríamos de viver. Se nos portarmos bem, seremos recompensados.

Proclo escreveu muito. Receando, porém, não ser lido, e portanto entendido, recorreu a um estratagema: assinou todos os seus escritos com o nome de Dionísio, o Aeropagita. Fez então circular a notícia de este Dionísio ser nada menos que um filósofo do século I d.C., discípulo de Paulo de Tarso, convertido à religião cristã diante do Aerópago.

Parece-me necessário acrescentar que nem todos os historiadores da filosofia acreditaram na mentira do pseudo-Dionísio e que, até hoje, muitos acreditam piamente que ambos existiram, seja Proclo, seja Dionísio. De qualquer maneira, independentemente de quem tenha sido o verdadeiro autor do *Livro das causas*, não esperem encontrar nele grandes revelações. Ambos esforçaram-se para conciliar o neoplatonismo com o cristianismo, e ambos defenderam a superioridade do Uno e a transcendência de Jesus, sem entretanto acrescentar coisa alguma que merecesse ficar na história. Que fique entre nós, e sem deixar os professores de filosofia participarem da nossa conversa, poderíamos perfeitamente esquecer os dois sem maiores problemas.

³⁰ Não confundir com o mais conhecido Plutarco de Queroneia, o famoso autor das *Vidas paralelas*, nascido três séculos antes.

VIII

BOÉCIO

Anício Mânlio Torquato Severino Boécio era o que podemos chamar de romano da gema. De fato, nasceu em Roma³¹ em 475, quando quem mandava na Itália eram somente os Godos e suas ramificações: os Ostrogodos e os Visigodos. Casou pouco mais do que adolescente com Rusticiana, uma filha de Símaco, um grande orador pagão. Logo a seguir mudou-se para Atenas a fim de estudar filosofia, a verdadeira, e só depois disso voltou à Itália para dedicar-se à política. Agora, graças ao bom relacionamento que conseguira instaurar com o imperador Teodorico, teve no começo um sucesso meteórico: aos trinta anos já era cônsul do Império, aos quarenta, Mestre de Palácio e aos cinquenta, primeiro-ministro. Infelizmente para ele, no entanto, tudo acabou de um dia para o outro por culpa de um sujeitinho miserável chamado Cipriano, líder do partido filogótico.

Cipriano acusou-o de ter enviado ao soberano Teodorico duas cartas anônimas cheias de ameaças e injúrias. O pobre coitado tentou inutilmente demonstrar a própria inocência. “Não fui eu, eu juro, nunca escrevi essas cartas!”, ficou dizendo aos berros. Mas não houve jeito: os senadores residentes em Roma (a “quinhentos mil passos de distância”, conforme as suas palavras) condenaram-no por traição, magia e espiritismo.

O que a magia e o espiritismo tivessem a ver com o assunto, nunca deu para entender. Seja como for, trancaram-no numa torre em Pávia, e depois de um ano colocaram uma corda em volta das suas têmporas e foram apertando até que os olhos pularam fora das órbitas. Ainda bem que soube aproveitar a tranquilidade do cárcere para escrever *De consolatione philosophiae*, uma autêntica obra-prima em cinco livros (era assim que os antigos chamavam os capítulos) que o tornou famoso durante toda a Idade Média. O seu corpo descansa na igreja de São Pedro em Céu de Ouro, em Pávia, ao lado do de santo Agostinho. Imagino que à noite, quando a igreja está vazia, os dois devam entreter-se em animadas conversas.

Severino Boécio poderia ser considerado o Sócrates dos Séculos Obscuros, ainda mais por ter escrito as suas melhores coisas no cárcere, antes de morrer como um condenado. Assim como Sócrates, defendeu o princípio segundo o qual não convém ser mau. “Quem se porta mal”, costumava dizer, “é antes de mais nada um idiota, uma vez que os bons vivem melhor do que os maus!” E acrescentava: “O segredo, na vida, é portar-se bem: tudo mais não conta.” No segundo livro do *De consolatione*, no oitavo parágrafo, o bom homem explica-nos como tudo é regido pelo amor:

*O amor governa o mar, a terra
e o céu. Mas é só ele soltar de leve
as rédeas para que todas as coisas*

*que até então se amavam umas às outras
fiquem em guerra e destruam a si mesmas.
Felizes aqueles que dentro da própria
alma possuem o mesmo amor
que rege a terra, o céu e o mar!*³²

Devemos a Boécio a tradução de várias obras de Aristóteles, entre as quais o *Organon*, isto é, a *Analítica primeira*, a *Analítica segunda*, os *Tópicos* etc., e quem sabe não tenha sido ele o primeiro a fazer com que pudéssemos entender as categorias aristotélicas. Filósofo cristão (mas lá no fundo também pagão), tentou de todas as formas conciliar as duas religiões, o paganismo e o cristianismo. Dos gregos, ele diz: até Homero acreditava num único Deus, só que lhe atribuía nomes diferentes conforme os problemas a serem resolvidos no momento, de forma que ora Ele se torna Ares, ora Héfaistos. Martin Grabmann definiu Boécio “o último dos romanos e o primeiro dos escolásticos”.

No *De consolatione* começa logo com uma confissão.

*Eu, que no passado com juvenil ardor, escrevi
prosas e versos atrevidos, sou agora forçado
a entoar, chorando, estas tristes cantigas.*³³

Prossegue então com a descrição de um sonho, ou melhor, dizendo de uma visão:

*Pareceu-me ver em pé, diante de mim, uma
mulher de aspecto deveras venerável. Tinha
olhos faiscantes além da normal capacidade
humana, embora fosse velha demais para ser
considerada da minha época. Às vezes era
da minha altura, às vezes parecia arrebentar o
teto da cela e alcançar o céu com a cabeça.*

Quem seria então esta mulher? Nada mais e nada menos do que a Filosofia. Não uma jovem, portanto, nada a ver com uma top model, mas sim uma idosa dama de aparência perturbadora. A sua veste tinha um corte perfeito, embora rasgada em vários lugares.³⁴ “Culpa dos filósofos”, informa Boécio, “que com suas contínuas disputas haviam provocado aqueles rasgos.” Nos versos seguintes, então, brinda-nos com mais detalhes a respeito da roupa.

*Embaixo, quase na bainha da saia, vislumbrei
duas letras: um Teta e um Pi, isto é, as iniciais
da Teoria e da Prática, os dois extremos entre
os quais até hoje continuamos brigando.*³⁵

A Filosofia aproximou-se: numa mão segurava uma pilha de livros, na outra um cetro. Sentou-se então ao lado dele, na beira da cama, e disse:

*Não é você aquele que, alimentado com o meu leite,
chegara a uma condição sólida e madura? Olhe só no que
se transformou agora! E dizer que lhe tinha oferecido
armas suficientes e válidas para enfrentar qualquer
adversidade, e o que foi que fez com elas?
Foi o primeiro a jogá-las fora! Por que se cala agora?
Por que fica com a expressão de um asno que está
ouvindo uma lira? O desalento e a vergonha são
o motivo da sua angústia? Preferiria que fosse a vergonha.
Receio no entanto que seja o desalento.*³⁶

Ao dizer isto, curvou-se sobre ele e com uma dobra da veste enxugou-lhe os olhos cheios de lágrimas. Em resumo, para quem ainda tivesse alguma dúvida, a Filosofia gostava de Boécio.

No segundo livro do *De consolatione* a dama explica-lhe como funciona a Fortuna. “É parecida com uma roda”, ela diz, “às vezes leva você para cima, às vezes para baixo.” Mas ele, Boécio, não podia queixar-se, uma vez que quando jovem havia ficado muito mais para cima do que para baixo. É verdade que depois, com o avançar da idade, também teve de enfrentar momentos ruins, mas isso é parte do jogo. Mas cuidado: não se pode confundir o prazer com a Felicidade! “A felicidade”, faz questão de dizer a Filosofia, “é alcançada com o Ser e não com o Parecer, justamente porque o Bem Supremo, o verdadeiro, coincide com Deus.”

Também é interessante, em Boécio, a distinção entre Fado e Providência.

*A providência fica guardada na racionalidade
do Ser Supremo, enquanto o Fado só depende
da casualidade do viver.*³⁷

E mais adiante:

*Assim como o raciocínio está para a intuição,
o ser gerado está para o Ser em si,
a circunferência está para o centro,
e o tempo que passa está para a eternidade,
da mesma forma o curso mutável do Fado está
para a imutável simplicidade da Providência Divina.*³⁸

Que, traduzindo em miúdos, quer dizer: se alguma coisa boa acontece na sua vida, agradeçam a Deus, mas se ao contrário houver alguma coisa ruim, só podem queixar-se com o Destino. Para conseguir a Providência é preciso elevar-se acima das vicissitudes humanas e entrar em contato com a esfera divina. A respeito disto também achou por bem expressar a sua opinião Dante Alighieri.³⁹ Cada contingência, ele explica, já está claramente formulada na mente de Deus. Isto não impede que o curso do navio continue sendo sempre escolhido por quem o governa, razão pela qual, se alguma coisa sair errada, só precisamos culpar a nós mesmos que não soubemos governar o barco, e não a Deus, que já sabia de tudo. Quanto a mim, no entanto,

devo reconhecer que fico sempre jogando a responsabilidade em cima de Deus, seja quando as coisas saem certas, seja quando saem erradas.

Resumindo, Boécio tenta fazer conviver a Fé com a Dúvida, a Religião com a Filosofia e o Ser com a Essência de Deus, mas nem sempre consegue. Você fica com vontade de dizer *é isso aí*, mas se não tiver dentro de você um pouco de Fé, nunca vai conseguir acreditar num Ser Supremo! Apesar disso, no entanto, não podemos nos deixar condicionar demais pela racionalidade. Às vezes, sugere Boécio, é melhor olhar o mundo com os olhos da esperança do que com os da razão. E a respeito disso, citando Aristóteles, diz: “Ao observarmos Alcibíades não podemos deixar de admirar a sua beleza, mas se também pudéssemos ver suas entranhas só poderíamos ficar enojados.”

É de qualquer forma um tanto surpreendente que Boécio, teólogo cristão, ao sentir-se próximo da morte, recorra mais à ajuda da Filosofia do que à de Deus. Talvez queira imitar um pouco demais o Sócrates do último dia, o que foi retratado no Fédon. Levando-se em conta, porém, que tudo isto foi escrito enquanto estava preso, bem que podemos perdoá-lo sem maiores problemas.

³¹ Para outros, no entanto, em Alexandria do Egito.

³² Boécio, *De consolatione philosophiae*, II, par. 8.

³³ Ibid., I, 1

³⁴ Ibid., I, 6.

³⁵ Ibid., I, 5.

³⁶ Ibid., II, 3.

³⁷ Ibid., IV, 9.

³⁸ Ibid., IV, 15.

³⁹ Dante, *A divina comédia*, Paraíso, XVII, 37-42.

IX

A ESCOLÁSTICA

Para os intelectuais do Renascimento, a palavra “Escolástica” quase soava como um palavrão: servia para indicar um lugar atrasado e carola, onde eram ministrados, amiúde recorrendo-se até ao chicote, alguns ensinamentos religiosos. Mas a Escolástica, ao contrário, pelo menos nos primeiros tempos, foi uma das mais felizes intuições do imperador Carlos Magno. Em 782, com efeito, Carlos Magno fundou em Aquisgrana uma escola chamada *Schola Palatina* e entregou-a aos cuidados de um monge de sua confiança, um certo Alcuíno de York, do qual infelizmente não sei coisa alguma. Logo a seguir começaram a surgir por toda parte *scholae e escolinhas* mais ou menos organizadas, mais ou menos religiosas. Os ricos enviaram para lá seus filhos e os mais dotados tiveram uma bela carreira.

Assim nasce, então, a Escolástica, isto é, a primeira tentativa séria de combater a ignorância e as superstições da Idade Média. Mas o que ensinava, afinal, a Escolástica? Antes de mais nada as matérias do trívio que, diga-se de passagem, nada tinham a ver com as triviais esquinas das trabalhadoras do sexo, e compreendiam a Retórica, a Gramática e a Dialética. Nos cursos superiores, por sua vez, eram tratadas as matérias do quadrívio, isto é a Aritmética, a Geometria, a Música e a Astronomia; não muito diferente dos liceus clássico e científico dos nossos dias.

Antes de juntar tudo na mesma panela, no entanto, precisamos distinguir três períodos da Escolástica: o que começa em 782, com Carlos Magno, e chega até o fim do século XI, o que compreende os séculos XII e XIII, e o que vai do século XIV até o começo do XV.

No primeiro período a Escolástica ficou aos cuidados dos padres e dos monges e dedicava toda a sua atenção às matérias que tinham a ver com a religião, deixando as mais técnicas aos estabelecimentos de ensino particulares.

No segundo período, os dois tipos de escola fundiram-se num só ciclo de estudos e acabaram tendo uma única sede de ensino. E, no que diz respeito às sedes, dividiram-se em paroquiais, monásticas, episcopais, palatinas ou de praça, conforme o local onde eram ministradas as aulas.

Então, a partir do século XII, a humanidade começou a viajar e a economia passou de uma fase meramente agrícola para o estágio do marketing. O comércio desenvolveu-se e aumentaram as trocas de produtos entre os países, às vezes distantes entre si e até separados pelos mares. Diante disto, a Escolástica foi forçada a adequar-se às necessidades do mercado, ampliando o seu campo de interesses. Nasceu então a contraposição entre a *sapientia* (dos monges) e a *scientia* (dos intelectuais).

No terceiro período, finalmente, surgiram as primeiras *Universitates*. No começo eram somente lugares particulares, hoje em dia poderíamos quase chamá-los de clubes, onde professores e estudantes encontravam-se para trocar ideias mais à vontade. Entre as mais

antigas podemos lembrar as de Ravena, Pávia, Bolonha, Pádua e a minha tão amada Universidade de Nápoles, a “Frederico II”.

As aulas consistiam em três partes: a *lectio*, durante a qual era lido um texto clássico no mais absoluto silêncio, a *quaestio*, onde se enfrentavam dois relatores que defendiam ideias diferentes (o *opponens* e o *respondens*, escolhidos pelo próprio mestre) e a *disputatio*, com a participação dos estudantes, quando debatiam-se todos os prós e os contras do texto. Cuidado, no entanto, para não confundir a *disputatio* com o debate. A *disputatio* nada mais era do que um pretexto para o mestre expor com maior clareza o que acabara de ler na *lectio*. Quer dizer, como uma aula de democracia, mas só até um certo ponto.

Na primeira fase a filosofia era vista como uma espécie de *ancilla theologiae*, isto é, como uma serviçal da religião. A definição não é minha, mas sim do já mencionado Pier Damiani, um monge nervoso, totalmente desprovido de humor, com o qual era difícil até manter uma conversa. A Fé, no entender dele, tinha prioridade absoluta, e quem discordasse corria o risco de imediata excomunhão. Era bom você não se esquecer disto, se queria ser promovido. O resultado final disso tudo foi que, para dar um mínimo de instrução aos próprios filhos, era preciso fazer a seguinte escolha: ou ignorantes ou carolas.

Na segunda fase, por sua vez, a que vai do século XII ao XIII, Fé e Razão começaram a tomar distância, para então acabar se enfrentando de armas em punho na terceira e última fase. As disputas entre nominalistas e realistas tornaram-se tão ferrenhas que os organizadores tiveram de colocar um painel de madeira para separar os dois oradores e impedir que chegassem às vias de fato.⁴⁰

Mas qual é afinal a diferença principal entre a maneira de ensinar dos antigos gregos e o da Escolástica? Muito simples: nos tempos de Péricles havia homens sábios, cada um cercado por um grupo de discípulos, que andavam para cima e para baixo pelas ruas de Atenas falando do Bem e do Mal. Os alunos prestavam a maior atenção e de vez em quando interrompiam o mestre para perguntar alguma coisa. Em geral não havia um assunto fixo. Debatia-se qualquer coisa, e quem propunha o argumento eram quase sempre os alunos. Falava-se da alma, do amor, do ser, do devir, das leis e de qualquer outro assunto que lhes passasse pela cabeça.

Pois bem, como já contei várias vezes, eu também tive uma experiência dessas. Acabava de completar dezenove anos e frequentava o primeiro ano de engenharia, quando escolhi como meu Sócrates pessoal o professor Renato Caccioppoli,⁴¹ o famoso matemático napolitano. Ia buscá-lo em casa, às oito da manhã, com mais três colegas, no edifício Cellammare, na rua Chiaia, para então acompanhá-lo até a universidade. Às vezes íamos a pé ou então, quando chovia, de bonde, com cada um pagando a própria passagem. Quando estávamos na rua ele avançava um metro à frente de todos, e falava. Nós acompanhávamos como sombras, sem perder uma única palavra. E quando porventura não concordávamos, dizíamos isso com a maior franqueza e ele, sempre sem se virar, explicava melhor o seu pensamento ou então dizia: “Tudo bem, como quiserem. Mas agora deixem-me pensar melhor a respeito e amanhã de manhã dar-lhes-ei uma resposta”, para então acrescentar: “O importante, quando a gente raciocina, é não usar o coração mas sim o cérebro.” Então, certo dia, como que querendo desmentir a si mesmo, ele se

matou e nós o perdemos para sempre. Parece que ficou no rastro da mulher que amava, de longe, e a viu embarcar para Capri com o novo amante. E deu no que deu: voltou para casa e matou-se com um tiro na cabeça.

⁴⁰ Georg Wilhelm Friedrich Hegel, *Lezioni sulla storia della filosofia*, III/1, La Nuova Italia, Florença, 1985.

⁴¹ Para ulteriores informações, veja-se o capítulo XIII da minha *História da filosofia grega*, vol. II, Rocco, Rio de Janeiro, 2005.

X

JOÃO SCOTUS ERÍGENA

Uma das muitas coisas que nunca entendi na história da filosofia é por que João Scotus Erígena se chamava Scotus Erígena. Para alguns chamava-se Scotus porque nascera na Escócia, para outros era Erígena porque nascera na Irlanda (da forma celta *Eriu* = Erin, “Irlanda”). A única explicação possível é que quando nasceu, em 810, Escócia e Irlanda fossem uma só nação. De qualquer maneira, seja onde for que ele tenha nascido, o nosso amigo foi morar na França, e precisamente na corte de Carlos, o Calvo, e assumiu a direção da *Schola Palatina*. Sabedores disto, vamos tentar entender o que disse de tão importante para merecer um lugar tão destacado na história da filosofia medieval.

Para Scotus Erígena, a Fé e a Razão, por terem sido criadas pela mesma Pessoa, não podiam ser inimigas entre si. Que nós queiramos acreditar em Deus porque sentimos sua presença (ou necessidade) no fundo da alma, ou que cheguemos à sua existência através de toda uma série de raciocínios mais ou menos complexos, o resultado é sempre o mesmo: a imprescindível existência de um Criador responsável por tudo aquilo que nos cerca. O erro de Scotus Erígena, eventualmente, foi o de atribuir à Razão, pelo menos no começo, um pouco mais de importância do que à Fé. Isto é, ter afirmado, embora uma só vez, que com um pouco de boa vontade a filosofia poderia ser uma válida aliada da religião, ou até mesmo um precioso atalho para se chegar mais rapidamente à compreensão de certas coisas. Isto rendeu-lhe inúmeras críticas, tanto assim que foi condenado por dois concílios, o de 855 e o de 859. Se ele tivesse se contentado em dizer “Vá aonde o seu coração mandar”, como alguns anos atrás escreveu uma célebre colega minha, teria evitado toda uma série de problemas.

João Scotus Erígena dizia mais ou menos o seguinte: “Abram os olhos e olhem a sua volta: se estiverem vendo um mundo que se desenvolve, que se agita, que lhes fala, que os estimula, terão forçosamente de admitir que deve ter havido Alguém que deu o primeiro empurrão, e que este Alguém é Deus, e que Deus é tudo aquilo que nos cerca: Deus é a Água, o Ar, a Terra, o Fogo, as Estrelas, o Sol, o Vento e o Leão. Mas também é a Verdade, a Bondade, a Essência, a Luz, a Justiça... e queiram desculpar se ainda lhes parece pouco.” O que não quer dizer supervalorizar a Natureza e desvalorizar a Fé, nada disso, mas sim recorrer à Natureza para que nos ajude a acreditar.

De qualquer maneira, depois da condenação, João Scotus tornou-se, se possível, ainda mais cauteloso. “Sem a Razão”, disse, “a Fé é lenta, e sem a Fé a Razão é vazia.” Mesmo assim não podemos deixar de nos perguntar: “Teria ele mudado de ideia para se proteger ou porque estava realmente convencido de que a Fé era a máxima virtude existente no mundo?” Não podemos esquecer que naquela época, afinal, podia bastar um descuido “talvez” no meio de uma

conversa para arranjar um enorme problema.

Na sua obra principal, o *De divisione naturae*, João Scotus Erígena distingue quatro Naturezas diferentes:

- 1) A Natureza criadora, isto é, Deus, que está na origem de todas as coisas.
- 2) A Natureza criada e criadora, isto é, Jesus e o Verbo, que foram criados mas por sua vez criaram ou, melhor dizendo, difundiram a religião.
- 3) A Natureza criada mas não criadora, isto é, o mundo que nos cerca em todas as suas manifestações humanas e não humanas.
- 4) A Natureza não criada e não criadora, isto é, novamente Deus, mas desta vez na forma de vida eterna. Um mundo que iremos conhecer pessoalmente. O mais tarde possível, eu acrescento e espero.

O homem, precisa João Scotus Erígena, junta em si mais de uma Natureza: ainda pequeno parece-se com um anjo, já adulto torna-se um animal, e quando fica velho morre como um verme. Pois bem, quero deixar bem claro que eu acho exatamente o contrário: evidentemente o filósofo só julgava o homem pela sua aparência exterior. Apesar dos meus setenta e tantos anos de idade, não me sinto nem um pouco parecido com um verme, e aliás quanto mais velho fico mais me vejo atraente: se tiver de comparar-me com o rapazola de quando tinha dezoito anos, acho que me tornei mais bondoso, inteligente e sensível: não há um só dia, com efeito, que não me faça sentir profundamente comovido por alguma coisa. Ontem mesmo acabei revendo *Luzes da cidade*, de Chaplin, e saí do cinema com os olhos cheios de lágrimas.

Outro conceito interessante de João Scotus Erígena é o que diz respeito ao pecado. Alguns estão convencidos de que Deus, por ser onipotente, poderia fazer com que os homens não cometessem pecados. “Mas então”, comenta o bom homem, “que valor poderia ter uma existência vivida sem pecados se não houvesse a possibilidade de cometê-los ou não?”

No seu tratado *De divina praedestinatione* o filósofo defende todas as liberdades do homem, inclusive a de pecar, e diz textualmente: “Não faria sentido proibir uma coisa que não se pode cometer.” A este respeito surgiu uma interminável disputa entre o monge Gotescalco de Fulda e o bispo Incmaro de Reims, seu superior direto. O primeiro defendia o princípio segundo o qual tudo já havia sido estabelecido por Nosso Senhor, enquanto o segundo defendia o livre-arbítrio.

“Já antes do nascimento”, afirmava Gotescalco, “Deus sabe quem entre nós irá ao Paraíso e quem irá ao Inferno.”

“Nada disso”, rebatia Incmaro, “cada um é artífice do seu próprio destino.”

“E aonde quer chegar com isso?”, insistia Gotescalco. “Está querendo dizer que há coisas que Deus não consegue saber?”

“Não senhor, quanto a saber Ele sabe”, replicava Incmaro, “mas não foi Ele a escolhê-las. Deus limita-se a conhecê-las de antemão.”

Erígena escolheu uma posição intermediária: dividiu os homens em dois grupos distintos, os eleitos e os maus. Para os primeiros, disse, Deus já tinha escolhido o destino: iriam ter uma vida sem pecados e acabariam todos no Paraíso. Para os outros, por sua vez, continuava havendo um fiapo de esperança, uma vez que ainda existia a possibilidade de se arrependerem.

Para Erígena, portanto, nascer mau não era uma condenação sem apelação: sempre era possível juntar-se aos eleitos nos últimos instantes da vida. E o fato de Deus saber disto tudo de antemão não representava afinal de contas um condicionamento.

João foi morto na saída da escola por um dos seus alunos, mas desconhecemos o motivo. Provavelmente por ter atormentado demais algum discípulo com as suas perguntas sobre as Naturezas possíveis. Mas há quem diga que o mandante foi o próprio imperador, desgostoso com um comentário infeliz que o filósofo soltou durante um jantar. Contam que estavam sentados um diante do outro às duas cabeceiras da mesa, e que Scotus tinha tomado alguns tragos. Havia com efeito deixado várias vezes o imperador sem jeito com suas perguntas inoportunas. No fim da refeição, Carlos, o Calvo, perguntou-lhe: “Qual é a diferença entre um bobo e um Scotus?” e ele, sem pensar duas vezes, respondeu: “O comprimento desta mesa, majestade.” No dia seguinte, Deus o tenha, foi encontrado na rua, perto da escola, com um punhal fincado nas costas.

XI

AVICENA

Nesta altura dos acontecimentos, o cetro do pensamento filosófico muda de mão e passa dos cristãos para os islâmicos, e quando digo islâmicos não me refiro às imagens vistas na televisão nestes últimos tempos, isto é, os talibãs de turbantes na cabeça e barbas com trinta centímetros de comprimento, mas sim a um grupo de pensadores que viveram entre os séculos XI e XII depois de Cristo. É bom que se saiba, com efeito, que entre os islâmicos houve e continua havendo finas inteligências que merecem todo o nosso respeito. Depois disso ficar bem claro, podemos constatar que, assim como na época de Constantino houve um conflito entre o Cristianismo e a filosofia, da mesma forma, por volta do ano Mil, surgiu uma grande confrontação entre a religião islâmica e a Razão. Um numeroso grupo de filósofos – alguns destinados ao esquecimento, outros mais dotados, tais como al-Masarraah, al-Kindi, al-Farabi, al-Gazali, Avicena e Averroés – tentou simplesmente chegar a um acordo entre o pensamento de Aristóteles e o Alcorão e, para usar as palavras do meu professor no liceu, foi uma “enrascada do pepino”, onde com “pepino” o mestre se referia a um atributo masculino que em 1948, numa classe mista, ele jamais poderia mencionar.

Avicena, também conhecido como Ibn-Sina (980-1037), era um médico muito conceituado no seu ambiente, e talvez tenha sido por isso que também escreveu uma obra intitulada *O livro da cura*. Ainda garoto, com apenas dezessete anos, comprou por acaso *A metafísica*, de Aristóteles, e ficou profundamente impressionado. Ele mesmo confessa isso numa autobiografia: “Li o livro mais de quarenta vezes sem nunca entender coisa alguma. Não pode ser, dizia a mim mesmo, não pode ser: preciso entender alguma coisa! E tanto estudei, tanto me esforcei em cima daquelas páginas que no fim acabei descobrindo a sua lógica.”

Mas o que foi que Avicena entendeu de Aristóteles? Que o Ser tem forçosamente de existir, e para chegar a esta conclusão fez o seguinte raciocínio: a criação precisa de um Criador (e até aqui todo mundo concorda), mas que o Criador também, para sentir-se criador, precisa da criação, pois do contrário, que criador seria? É claro que Avicena não fala assim, de forma tão simples, mas sim com palavras bastante elaboradas. E não é só: uma vez demonstrada a necessidade da existência do Criador, leva adiante o seu raciocínio e afirma: “A necessidade do Ser é sentida na própria medida de ela existir, e não poderia não existir, ou existir de forma diferente, se de fato não existisse.” Ou então, dito com outras palavras: “As coisas naturais são necessárias e, enquanto necessárias, surgem de um processo que tem como premissa lógica a Necessidade, sendo esta última entendida como existência de Deus.” Peço perdão aos leitores, mas mais claro do que isto não consigo dizer. Se não gostarem, não fiquem com raiva de mim, entendam-se com Avicena.

Infelizmente, no entanto, além de médico o nosso filósofo também era astrólogo, e isto faz

com que tenha uma maneira de raciocinar que não tem absolutamente nada a ver com Aristóteles. Se o ser humano, diz o astrólogo Avicena, conhecesse perfeitamente os movimentos dos astros poderia prever o futuro com extrema exatidão. Tudo depende, no entender dele, da diferença existente entre o que é possível e o que é necessário. As coisas aprazíveis nem sempre são possíveis, enquanto as desagradáveis, só Deus sabe por quê, são necessárias e não podemos evitá-las. Precisamos nos conformar.

Um assunto que Avicena trata demoradamente é a imortalidade da alma. Segundo ele, cada um de nós não teria apenas uma alma, mas sim duas: uma de qualidade inferior, também chamada de “alma passiva”, que precisa do corpo para existir e que só pode esperar pela reencarnação, e uma mais nobre, chamada de “alma ativa”, que, sendo de qualidade superior, depois do nosso último sopro vital iria diretamente para a Mente de Deus com todas as demais almas eleitas. Para sermos mais precisos, Avicena acredita que cada um de nós seja um indivíduo com um corpo e duas almas, e que se porventura no futuro vier a ser escolhido, acabará direto na Mente de Alá. Pois bem, quero deixar bem claro que nenhuma das duas hipóteses é do meu agrado.

No que diz respeito à primeira, a da alma de qualidade inferior, nunca acreditei na reencarnação. Qual seria o sentido, digo a mim mesmo, de cinco séculos atrás eu ter sido Leonardo da Vinci se depois não posso me lembrar? Por sua vez, quanto à segunda, a de acabar na mente de Alá, embora ficando muito grato pela honra, o que mais me amedrontaria seria o tédio: viver pela eternidade com tantas outras almas, todas apinhadas umas em cima das outras, sem ter absolutamente nada para fazer, nem mesmo o suicídio, seria uma chateação mortal. Ora, ora: eu disse “mortal”! Está na cara que não entendi Avicena!

Nessa altura eu teria de mencionar os Universais. Pois é, eu já falei na premissa: nenhum tema filosófico jamais conseguiu ser mais maçante do que os Universais. Nunca entendi por que tantos homens de fino raciocínio demoraram-se tanto tratando do assunto. Talvez só para dar uma demonstração da sua capacidade dialética.

O primeiro a chamá-los à baila foi Porfírio de Tiro na *Isagoge*, uma introdução às *Categorias* de Aristóteles. Mas, verdade seja dita, o inventor dos Universais foi Platão, que no mito da caverna apresenta-os disfarçados de Ideias. Aqui, no entanto, temos de falar dos de Avicena. O que vêm a ser? Vamos tentar explicar dando um exemplo: eu sou um ser vivo, para sermos exatos, um animal, mas também sou bípede de pele clara, de olhos azuis, nascido na Itália, em Nápoles, e assim por diante, até especificar a minha altura, o meu peso, a minha idade e o meu carácter irritadiço. Na prática saí de características universais para pouco a pouco chegar a características individuais. Falta estabelecer até qual nível uma definição pode gabar-se de ser “universal” e a partir de onde ela passa a ser somente “individual”. E, finalmente, para onde nos leva todo este trabalho? A demonstrar que houve o Um (não um qualquer, Um com a letra maiúscula) que primeiro imaginou-os e depois espalhou-os dentro da gente.

Alá, diz Avicena, antes de criar o cavalo, já devia ter na cabeça a ideia do cavalo. Existe, portanto, a “cavalaridade”, isto é, algo comum a todos os cavalos que também está no nosso cérebro e que, toda vez que vemos um cavalo, leva-nos a dizer: “Este aqui deve ser um cavalo!” Com linguagem matemática, a “cavalaridade” seria o mínimo múltiplo comum de todos os

cavalos. Mas há mais: pensando bem, não existem dois “indivíduos” perfeitamente iguais. Nem mesmo os gêmeos chamados de idênticos. A minha amiga Isabella Rossellini, por exemplo, tem uma irmã totalmente diferente dela tanto no olhar quanto no caráter. E até Caim e Abel, convenhamos, eram bastante diferentes, pelo menos no comportamento. E mesmo assim há características em comum entre eles.

Avicena, concluindo, explica-nos o Mal sem contudo responsabilizar pela sua existência o Nosso Senhor.

*Deus limitou-se a dar a saída. Se depois,
às vezes, o mundo decidiu seguir seu
próprio caminho, Ele não tem culpa:
cabe a nós prestar mais atenção.*

XII

MIL E NÃO MAIS MIL

O Apocalipse de João, no capítulo 20, diz textualmente:

*Vi um anjo que descia do céu
segurando a chave do Abismo e uma grande corrente.
Agarrou o dragão, a antiga serpente
– isto é, o diabo, Satanás – e acorrentou-o por mil anos;
jogou-o no Abismo, trancou-o
e selou a porta por cima dele,
para que nunca mais seduzisse as nações.*

Destes poucos versos escritos por João Evangelista nasceu a psicose que ficou conhecida como o “milenarismo” e abalou todo o gênero humano: crentes e não crentes viveram os últimos dias do século X de uma forma que não podia ser pior. De qualquer maneira, existem duas versões a respeito do assunto, totalmente contrárias mas, ambas, verossímeis. Vamos examiná-las com calma.

Primeira versão

O mundo está chegando perto do dia 1º de janeiro do segundo milênio. Todo o gênero humano está tremendo de medo. “Mil e não mais Mil”, gritam os pregadores nas igrejas, e cada um descreve o fim do mundo de uma forma que não se pode imaginar pior: a chegada da Morte com sua foice, os clarins anunciando os cavaleiros do Apocalipse, os ferozes gafanhotos, os cavalos verdes, os seres monstruosos vindos de outros planetas, os abismos que se abrem embaixo dos pés dos pecadores, os mosquitos gigantes que esvoaçam em cima dos moribundos, as imensas labaredas que envolvem os seres humanos, os condenados que queimam lentamente para que possam sofrer mais sem nunca consumir-se. Resumindo, um inferno pior do que o próprio Inferno! E como se ainda não bastasse, lá vem também o Anticristo.

São João faz de tudo para nos encher de pavor, e no capítulo 13 anuncia:

*Vi sair do mar um animal
com dez chifres e sete cabeças,
e sobre os chifres dez diademas,
e em cada cabeça um título blasfemo.
O animal parecia uma pantera,
com patas de urso e boca de leão.
(...)*

Então todos os homens acompanharam a fera e disseram em coro: “Benditos os que se parecem com a fera e podem lutar com ela.”

Agora, deixando logo bem claro que Apocalipse não quer dizer “catástrofe” mas sim “revelação”, parece que a humanidade nunca se portou tão bem quanto naqueles últimos dias do ano Mil. As igrejas viviam cheias de fiéis, os pregadores trovejavam dos púlpitos, os confessionários tinham longas filas de pecadores, os vendedores de cilícios faturavam, os ricos doavam suas vestes aos pobres, os sãos assistiam os doentes e de repente não houve mais homicídios nem roubos. Na última noite, então, ficaram todos de joelhos a rezar. As ruas e as praças encheram-se de pessoas que olhavam para o céu fazendo o sinal da cruz. Contam que era uma linda noite, com a lua a brilhar mais do que nunca, e que ninguém, mas ninguém mesmo, cometeu na ocasião qualquer ato impuro.

Então chegou o 1001 e, graças a Deus, todos recomeçaram a cometer atos impuros como antes e pior do que antes. Muito bonito, a respeito disto, o comentário de Giosuè Carducci: “Pode-se imaginar a felicidade ao ver o sol nascer no primeiro dia do segundo milênio?!”

Segunda versão

Nada aconteceu. Absolutamente nada. A maior parte dos seres humanos nem sabia em que ano estava vivendo, ainda mais porque os sistemas de datação divergiam muito uns dos outros: num lugar era 997, em outro, 1001, em mais outro, 1003. Uma verdadeira balbúrdia!

A verdade é que é realmente difícil saber em que anos estamos vivendo. Nós mesmos não sabemos. Se é verdade que Herodes morreu no ano 4 antes de Cristo (não podendo portanto ordenar a “matança dos inocentes” quatro anos depois da própria morte), se é verdade que ao calcular a exata duração de um ano solar tanto Dionísio, o Pequeno, no século VI, quanto Luís Lílio, no século XVI, cometeram erros monumentais, então Jesus nunca pode ter nascido quando acreditamos que nasceu: a data do seu nascimento deveria ter acontecido, no mínimo, no ano 6 a.C., razão pela qual hoje a gente não estaria vivendo em 2005 mas sim em 2011, apesar de todos aqueles que à meia-noite em ponto do dia 31 de dezembro de 2000 soltaram foguetes e abraçaram-se comovidos para festejar o início do terceiro milênio.

Resumindo, naquela época ninguém sabia nada acerca de nada, e até a Bíblia afirmava que nem Jesus conhecia com exatidão a hora do fim do mundo. De qualquer maneira, os magos, as feiticeiras e os astrólogos, uma vez superado o espanto, continuaram a levar adiante o seu ofício de sempre, isto é, o de produzir horóscopos e previsões para pessoas simplórias que acreditavam neles. Exatamente como acontece hoje em dia com os noticiários da televisão e as revistas de fofocas.

Segundo esta segunda versão, portanto, o milenarismo não passaria de uma invenção romântica de alguns intelectuais do século XIX.

Num livro de Chiara Frugoni Settis, intitulado *Sogni e incubi della fine del mondo*, lemos que houve um tal de Abon, abade da atual Saint-Benoît-sur-Loire, que fez de tudo para tranquilizar

os fiéis da sua paróquia, sem contudo conseguir qualquer resultado prático. O lema “Mil e não mais Mil” era eficaz demais para não seduzir as massas. Tanto os ingênuos quanto os céticos deixaram-se levar por ele como um bando de abobalhados e dom Abon correu várias vezes o risco de ser linchado, como se fosse um demônio enviado pelo próprio Satanás para deixar morrer no pecado o maior número possível de pessoas. E pensar que naquela época não havia jornais, televisão nem rádio para difundir a psicose como, por sua vez, acontece agora com o terrorismo.

Algumas coincidências, além do mais, contribuíram mais ainda a espalhar o terror do fim do mundo. Um tal de Siguebert de Glembox fala de cometas de mau agouro, de tremores de terra, de tempestades e outros desastres naturais.⁴² E não é só: em Nápoles, alguns anos antes do propalado fim do mundo, o Vesúvio teve uma erupção tão violenta que a cidade inteira ficou coberta de material vulcânico. Logo a seguir quase todas as cidades da Gália e da Itália, inclusive Roma, foram assoladas por incêndios misteriosos. Foram consumidas pelo fogo até algumas das vigas mestras de madeira da basílica de São Pedro e os fiéis acudiram em massa ao sepulcro do santo para pedir a sua ajuda divina. Como não pensar, diante disto, que Satanás estava se livrando dos grilhões?

As críticas mais interessantes contra o milenarismo vieram, como era de se esperar, de alguns céticos. “Será possível”, eles questionavam, “que Deus não consiga derrotar o Demônio? Não o aniquila porque não quer, ou porque realmente não consegue eliminá-lo?” Duas perguntas, portanto, e cada uma mais constrangedora do que a outra. A resposta foi que Deus usava Satanás para punir os pecados cometidos pelos homens.

No que diz respeito ao Diabo, então, a coisa tornou-se ainda mais complexa. Nós estamos acostumados a imaginá-lo nu, de pele rubra, com chifres e com rabo. São João, por sua vez, descreve-o como “o grande dragão, a antiga serpente, aquele a quem chamamos de Satanás e que transvia toda a humanidade graças aos seus anjos fiéis”. O Diabo, portanto, não só não é vermelho, como também tem ajudantes exatamente iguais aos anjos e entre eles, como são João faz questão de salientar, também haveria uma mulher: “O nome dela é Jezabel: faz-se passar por profetisa e seduz os homens levando-os à fornicção. Eu mesmo a encontrei mais de uma vez.”

Em Roma, o chefe dos milenaristas foi um “frade trapista” chamado Anselmo. Era praticamente um louco: circulava seminu pela cidade, fustigando-se as costas com uma corrente enferrujada. Juntava milhares de fiéis para em seguida exortá-los ao arrependimento.

“Peçam perdão a Deus enquanto tiverem tempo!”, gritava Anselmo. “Doem seus bens aos pobres! Confessem seus pecados e comunhem antes que seja tarde demais! O Senhor espera por vocês!”

Entre os arautos da morte não podemos esquecer outro monge, um tal de Montano, chefe da seita dos “montanistas”, que muitos séculos antes já tinha descrito o fim do mundo nos mínimos detalhes. No seu entender, uma Nova Jerusalém iria descer do céu, uma cidade não contaminada onde só os homens com a consciência limpa poderiam entrar. Esta cidade já havia sido vista mais de quarenta vezes por numerosos fiéis, surgindo na planície de Pepuza só por alguns

segundos na primeira claridade da manhã, para em seguida desaparecer entre os raios do sol. Quando falava, Montano costumava ser acometido por crises epiléticas. Para assisti-lo, sempre havia ao seu lado duas beatas, Prisca e Maximila, que traduziam as suas palavras quase sempre incompreensíveis.

E finalmente, quase em cima da hora, apareceu um napolitano, um certo Canata, também conhecido como ‘*o nano curto e male ‘ncavato*’, isto é, “o anão baixo e mal-acabado”, um pretenso adivinho com pouco mais de um metro de altura que defendia a tese segundo a qual só dois lugares do mundo iriam salvar-se, e precisamente uma gruta em Capri e outra gruta, aliás um buraco, em Cabo Miseno.

“No fundo do antro da Sibila”, profetizou o Canata, “há outra gruta, e no fundo desta gruta há um buraco por onde só eu consigo passar. No buraco há uma pequena estátua de Maria. Entreguem-me os seus bens e eu os colocarei aos pés da Santa Virgem. Quanto a vocês, nessa noite irão embarcar num escaler e irão esconder-se em Cala del Rio, na parte meridional da ilha de Capri. Irão encontrar ali uma gruta só acessível por mar. Todos aqueles que estiverem sem joias, dinheiro e demais objetos valiosos, irão sobreviver. Então, no dia seguinte, poderão voltar a Nápoles para receber seus tesouros de volta.”

Nem é preciso dizer que o anão baixo e mal-acabado não esperou o fim do mundo para sumir com as joias de todos aqueles que haviam acreditado nas suas palavras.

⁴² Rodolfo, o Glabro, *Cronache dell’anno Mille*, Fondazione Valla-Mondadori, Milão, 1989.

XIII

AIMON

Contam que em Salerno, no começo do ano Mil, surgiu uma heresia chamada Duplicismo. Parece que quem a promoveu foi um certo Aimon, um monge excomungado, também conhecido como o Duplicista, o Salentino ou o *Magister*. Tratava-se de um brutamonte com quase dois metros de altura: um tamanho francamente excepcional para a época. Havia quem fizesse troça dele justamente por isto. Diziam-lhe: “*Aimon, Aimon, homo longus raro sapiens*” (Aimon, Aimon, o homem alto raramente é sábio), e ele respondia: “*Sed si sapiens, sapientissimus*” (Mas quando sábio, é muito sábio).

Procurei Aimon em todas as histórias da filosofia medieval mas nunca encontrei. A primeira pessoa (e a última) que me falou a respeito foi um professor de filosofia aposentado, um tal de Ermete Calogero, que conheci por acaso durante um jogo Nápoles-Salerno, vencido pelo Nápoles com um gol de pênalti no último minuto. O professor, torcedor fanático do Salerno, saiu do estádio furioso da vida e, quando percebeu que eu também me interessava por filosofia, decidiu imediatamente vingar-se. Ele tinha um ódio visceral pela cidade de Nápoles e esperava vivamente um reaparecimento com toda a pompa do Vesúvio.

“Vocês napolitanos”, disse, “nem podem imaginar o que foi a Escolástica de Salerno. Tão diferente do que foi a Escolástica de Nápoles! Quem quisesse aprender alguma coisa, na Idade Média, tinha de nos procurar, em Salerno. No que diz respeito à Medicina, tivemos o grande Constantino, o Africano, aquele que em 1060 traduziu para o latim todos os escritos de Hipócrates e Galeno. E quanto à filosofia, tivemos o divino Aimon!”

E o que vem a seguir é justamente a história de Aimon assim como me foi contada pelo professor Calogero.

Parece que o Duplicista, depois de ensinar por vinte anos as matérias do trívio e do quadrívio, começou a dar uns sinais de desequilíbrio mental, a ponto de provocar a ira do bispo de Nápoles. A sua heresia consistia no fato de não acreditar no Uno, mas sim no Dois, e aliás, para sermos mais precisos, nos Dois Irmãos. O *Magister* estava convencido de que no céu não havia um só Criador, mas sim dois, ambos poderosos e ambos eternos. Tomem cuidado, no entanto, para não confundir os Dois Deuses de Aimon com o Bem e o Mal dos maniqueus. O Duplicismo só queria mostrar que o futuro era incerto e que a escolha entre o caminho certo e o errado dependia de nós e de mais ninguém. Os fiéis, segundo ele, estavam livres para escolher um ou outro Deus, conforme se sentissem naquele momento. Uma escolha, portanto, mais devida à intuição do que à fé.

Esse negócio de escolher um número como símbolo da própria crença é coisa antiga. Basta pensar em Parmênides, que acreditava no Uno, como se tratasse de uma autêntica divindade,

passando então pelo Dois de Manes (também chamado de Mani), pelo Três da Santíssima Trindade, para chegar então ao Quatro de Rodolfo, o Glabro, que fez o elogio da Divina Tetralogia.

Dizia o Glabro que na vida os acontecimentos importantes são sempre quatro.⁴³ Temos os quatro Evangelhos (Lucas, Marcos, Mateus e João), os quatro elementos naturais (ar, água, terra e fogo), os quatro rios que chegam até nós do Éden (o Fison, o Geon, o Tigre e o Eufrates) e os quatro sentidos (a vista, o paladar, a audição e o olfato). Ele não levava em conta o tato, por achá-lo motivo de pecado. Ninguém jamais escolheu, que eu saiba, o Zero como símbolo religioso, exceto talvez algum niilista russo que ficou fascinado com *Pais e filhos*, o romance de Turgenev em que o protagonista, o tal de Evgenij Bazarov, era um adorador do Nada. Mas agora voltemos a Aimon e ao seu mui amado Dois.

O livre-arbítrio já criou muitas dificuldades para muitos católicos. Nem todos os seres humanos mostraram-se sempre propensos a aceitar o mesmo conceito de destino. Os leigos, por exemplo, são mais levados a acreditar no Acaso do que na Necessidade,⁴⁴ ou até mesmo no sorteio dos destinos contrapostos.⁴⁵

Que culpa poderia ter Judas, perguntam alguns, se o Nosso Senhor já tinha estabelecido, na sua mente, que quem iria traí-lo por trinta siclos seria justamente Judas Iscariotes? Como poderia ele, pequeno apóstolo, opor-se a um projeto de tamanhas proporções?

Se porventura o encontrasse no Além, perguntar-lhe-ia:

- Salve, Judas, como vai?
- Tudo bem, e o senhor?
- Sem problemas, obrigado... mas gostaria de saber como foi que você acabou no Inferno.
- Nem me fale, também gostaria de saber! Nunca entendi o que houve. Até me matei só para mostrar o meu descontentamento! A meu ver deveria ter ido ao Purgatório, para depois juntar-me, digamos depois de uns mil anos, aos demais apóstolos. Na verdade, acho que lá em cima precisavam de um ator que soubesse desempenhar direitinho o papel de traidor e, infelizmente, eu fui o escolhido. Às vezes chego a pensar que até mereceria um prêmio, um Oscar Divino, por ter conseguido levar a cabo a tarefa. Não foi nada fácil fazer o que fiz!

No entender do professor Calogero, no entanto, a culpa foi toda de Judas.

– Não havia um só roteiro – disse ele –, mas sim dois: o primeiro escrito pelo Deus Um e o segundo escrito pelo Deus Dois. E quem escolheu o roteiro que lhe era mais condizente foi Judas.

- Mas então estamos de volta ao Bem e ao Mal – objetei –, como na época dos maniqueus.
- Isto tampouco é verdade – respondeu Calogero –, porque às vezes quem propõe o melhor destino é o Deus Um, e às vezes é o Dois, mas no fim das contas quem acaba escolhendo é sempre o homem. Para os gregos a vida era uma contínua sucessão de bívios: pegar um caminho em lugar de outro era uma escolha pessoal. *Kataphatiké* quando o caminho se revelava positivo e *apophatiké* no caso contrário. Os deuses nada têm a ver: eles se limitam a olhar.
- E qual dos dois Irmãos aconselhou Adão a comer a maçã?
- Nenhum dos dois: naquela altura estavam ambos ocupados demais planejando as raças

animais para perder tempo com uma bobagem dessas. Quem convenceu o homem a colher o fruto proibido foi Eva. Ela disse: “Vamos lá, Adão: não seja bobo! O que acha que pode acontecer por causa de uma maçã? Tenho certeza de que ninguém vai se importar!”

Mas não ficou só nisso. Depois do jogo o professor e eu fomos até a rua Caracciolo tomar um café no Ciro, em Mergellina. Ele fez questão de elucidar alguns aspectos da vida de Aimon.

– O *Magister* não gostava nem um pouco das mulheres: dizia que eram as únicas capazes de influir nos destinos opostos. Ele tinha abandonado a igreja para correr atrás de uma mulher chamada Cassídia que, se bem me lembro, era lavadeira. Infelizmente para o filósofo, no entanto, depois de casar com ele a dama decidira traí-lo com um padeiro. “A filosofia”, Aimon disse um belo dia, “não pode competir com o pão. *Primum vivere, deinde philosophare.*” E com efeito, toda vez que saía, o padeiro aparecia lá na casa dele com uma bengalinha de presente.

Depois acrescentou:

– Em Salerno ainda contam que nos seus últimos anos de vida Aimon, toda vez que chegava a um bívio, parava e antes de decidir qual caminho seguir jogava ao ar uma moeda. Também contam que quando morreu, os duplicistas cavaram para ele duas covas. Na primeira escreveram “Aimon o bom” e na segunda “Aimon o mau”. Onde afinal de contas acabou a sua alma, se no Inferno com Judas ou no Paraíso com os Deuses Irmãos, nunca conseguimos saber. Até um juiz de futebol, pensando bem, deveria recorrer à moedinha antes de marcar um pênalti...

Agora, que fui levado a tocar no assunto, o fato de a escolha de um caminho no lugar de outro poder mudar drasticamente a nossa vida faz-me perceber que a coisa tem muito a ver comigo. Dois foram com efeito os bívios que condicionaram a minha existência.

O primeiro remonta a 1957. Estou com vinte e oito anos de idade, são quase nove da noite, estou indo a uma festa para a qual fui convidado, estou seguindo pela rua Cimarosa mas, ao chegar à altura da funicular de Chiaia, encontro um amigo: Nando Murolo.

– Olá, Luciano – diz ele –, para onde está indo?

– A um *bailezinho*⁴⁶ – respondo –, na praça Vanvitelli.

– Esquece! – rebate o amigo. – Vem comigo: estou indo para a rua Luigia Sanfelice. Estão dando uma festinha com umas moças que você nem pode imaginar! E além do mais ainda tem comida!

Vou com Nando. A primeira jovem que vejo é de uma beleza arrebatadora.

– Qual é o seu nome? – pergunto.

– Gilda – responde ela.

Eu me apaixono. Ela se apaixona. Casamos. Temos uma filha: decidimos chamá-la Paola. E agora eu pergunto: se tivesse ido à outra festa, a minha filha teria nascido?

O segundo bívio é de 1978. Estou com quarenta e nove anos, sou engenheiro, trabalho na IBM ITÁLIA, sou um alto funcionário e ganho muito: um milhão de liras por mês (daquela época). Nas sobras de tempo também escrevi um livro que publiquei na Mondadori: *Così parlò Bellavista* [Assim falou Bellavista]. Vendi cinco mil exemplares. Rendeu-me quase dois milhões de liras de direitos autorais. Não era pouco, para uma obra de estreia, mas não o bastante para

convencer-me a mudar de profissão: não podia deixar um trabalho de treze milhões por ano em troca de um serviço tão mal pago quanto o de escritor. E então, como bom napolitano, seguro com firmeza o meu emprego fixo e seguro. Então, certa noite, sou convidado a jantar na casa de Renzo Arbore. Sento ao lado de um cavalheiro gorducho e bigodudo: é Maurizio Costanzo. Confesso-lhe as minhas dúvidas e ele me diz:

– Por que não vem contar estas coisas na televisão? Quarta-feira que vem vou estreiar o meu novo programa de entrevistas intitulado *Bontà loro*. O senhor aparece, conta tudo, e vamos ver qual será a reação do público.

Fui o primeiro autor do qual Costanzo mostrou a capa do livro diante das câmaras. O resultado foi excepcional: cem mil exemplares no primeiro mês, mais cem mil no segundo, e depois toda uma série de novas edições até superar o meio milhão de exemplares. Mudei de profissão e tornei-me escritor. Se não tivesse comparecido àquele jantar, hoje eu seria provavelmente um engenheiro aposentado que em certa altura escrevera um livro.

Moral da história: pensem duas vezes antes de ir jantar.

⁴³ Rodolfo, o Glabro, *Cronache dell'anno Mille*, Fondazione Valla-Mondadori, Milão, 1989.

⁴⁴ A Necessidade, também chamada de *anánke*, era para os gregos a deusa do destino.

⁴⁵ Para quem quiser saber mais, aconselho a leitura de *Il caso e la necessità*, de Jacques Monod, Mondadori, Milão, 1986.

⁴⁶ Naquela época as reuniões juvenis eram chamadas de *bailezinhos* em Nápoles, e de *festinhas* em Milão.

XIV

AS RELIGIÕES

Há uma dúvida que não quer sair da minha cabeça: “A religião pode ser considerada uma filosofia?” Depois de pensar um pouco, acabo respondendo a mim mesmo: “Sim, a religião é certamente uma filosofia, em especial quando implica uma escolha de vida.”

Sempre houve muitas religiões, talvez até demais. Claro, elas satisfazem uma necessidade natural da alma humana. As primeiras que vêm à minha cabeça, talvez por serem as mais próximas dos lugares onde vivi, são o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Seguem-se então, na ordem, o Confucionismo, o Hinduísmo e o Budismo, e finalmente umas dez crenças menores mas nem por isso menos fervorosas. Cada religião, diga-se de passagem, exige a mais absoluta fidelidade por parte dos seus adeptos, por isto mesmo chamados “fiéis”. Única exceção: o meu tão amado Paganismo que, como já expliquei no primeiro capítulo, foi a mais tolerante entre todas as crenças religiosas.

A Idade Média foi uma época de intensa religiosidade. As três grandes religiões monoteístas, cada uma com o seu profeta (Moisés, Jesus e Maomé) e o seu texto sagrado (a Bíblia hebraica com trinta e seis livros, a Bíblia cristã com setenta e três livros e o Alcorão num só livro), condicionaram ao máximo a vida dos seres humanos. A olhar agora para elas mantendo alguma distância, estas religiões não parecem tão diferentes assim uma das outras: as três pregam o amor pelos semelhantes, as três acreditam no Além, as três acreditam que a verdadeira vida não é esta que estamos vivendo mas sim a próxima. Os responsáveis por alguns desmandos, na verdade, foram alguns dos seus fiéis, digamos assim, mais exagerados. Mas deixando de lado os fanáticos, só podemos agradecer a Deus, a Iavé ou a Alá se houve um mínimo de ordem na vida medieval. Seja bendita a alma de Cleóbulo, o sétimo dos sete sábios, que escreveu nos muros do templo de Delfos: “Ótima é a medida!”

Acho então oportuno, agora, demorar-me brevemente sobre as três grandes religiões monoteístas e seus respectivos profetas.

Moisés

Dizia Pascal: “Toda a infelicidade do mundo depende do fato de ninguém querer ficar na própria casa.” (*Pens.* Nº 354), e se houve alguém que ignorou por completo o assunto foi justamente Moisés que, no século XIII antes de Cristo, decidiu deixar a sua terra natal, o Egito, mudando-se para a atual Arábia Saudita. Já desde o nascimento ele tivera de enfrentar alguns problemas. O faraó Ramsés II, para dar um freio na população que crescia a olhos vistos, um belo dia ordenou que as parteiras eliminassem todos os primogênitos de sexo masculino, e a mãe de Moisés, para salvá-lo, entregou-o à correnteza do Nilo dentro de uma cesta espalmada

com piche. Ora, como sempre acontece nestas trágicas peripécias, o pequenino não morreu e foi “salvo das águas” justamente pela filha do faraó. Logo que o rapaz chegou à maioridade, no entanto, começou a brigar com as autoridades locais e resolveu mudar-se com todos os seus patrícios para fora do Egito. Então, depois de atravessar o Mar Vermelho (que se abriu diante dele e fechou-se de novo em cima dos egípcios), acabou na Arábia Saudita, onde casou-se com Zipora, uma mulher do lugar, com a qual teve dois filhos, Gerson e Eliezer. Foi por lá, finalmente, que teve a revelação da existência de Iavé.⁴⁷ E não é só: uns dois séculos mais tarde, um dos seus inúmeros descendentes, Davi, aperfeiçoou o Êxodo fazendo de Jerusalém a capital do reino de Israel. Melhor que não o tivesse feito! Os israelenses e os palestinos continuam até hoje se matando com a maior dedicação dia sim e outro também. Só nos resta esperar que os respectivos Alá e Iavé lhes concedam o mais breve possível um suplemento de inteligência!

Jesus

Vamos logo deixar bem claro que Cristo não é um sobrenome, mas sim apelido. Naquela época os sobrenomes ainda não haviam sido inventados. Quando alguém precisava identificar uma pessoa, citava-se o lugar de nascimento ou o nome do pai: são Paulo, por exemplo, era chamado Paulo de Tarso, e o rei Dagoberto ficou na história como Dagoberto de Clotário. Cristo, por sua vez, era apenas um apelido e queria dizer “ungido”, isto é, consagrado pelo Senhor. Todo o mundo sabe onde ele nasceu, particularmente aqueles que pelo menos uma vez na vida montaram o presépio. Nasceu em Belém, numa gruta, não muito longe de Jerusalém. Os primeiros que cuidaram de aquecê-lo foram um boi e um burrico, com sua respiração. Também recebeu alguns presentes: o ouro de Gaspar, o incenso de Melquior e a mirra de Baltazar. Pelos Evangelhos, no entanto, nunca soubemos se era loiro, moreno, alto, baixo, com barba ou sem barba. Cada um pôde imaginá-lo como melhor lhe agradasse, e portanto de barba e cabelos loiros e de olhos azuis. As suas atividades principais foram duas: espalhar o Verbo e ajudar os necessitados. Seria muito longo e provavelmente impossível mencionar todos os cegos, surdos, mudos, aleijados e leprosos que Jesus curou ao longo da sua vida. Fazia milagres todos os dias, até aos sábados, violando um dos preceitos de Moisés: “Quem trabalhar aos sábados será condenado à morte.”⁴⁸ E ao fazer isso despertou as iras de todas as autoridades religiosas das redondezas. Então, cada vez mais descuidado com o perigo, começou a ressuscitar os mortos. Disse a Lázaro: “Levanta-te e anda”, e este se levantou. “Isto já é demais!”, exclamou o grande sacerdote Caifás, e fez com que o Sinédrio (o parlamento da Galileia, que também tinha poderes judiciários) o condenasse à morte. Como todos sabem, Pôncio Pilatos, o governador romano da Judeia, lavou as mãos e Jesus foi crucificado no monte Gólgota, um pequeno morro ao lado de Jerusalém, junto com dois larápios.

Agora, quanto ao fato de o cristianismo ser uma religião monoteísta não pode haver dúvidas, mas mesmo assim, lá no fundo e de forma quase sub-reptícia, algum tipo de paganismo continua presente na alma do povo, pelo menos pelas minhas bandas. E assim, como na época romana, Marte, Minerva e Vênus eram os responsáveis diretos pela guerra, a cultura e o amor, hoje em dia em Nápoles santa Luzia é a protetora da vista, são Crispino dos sapateiros, são Macário dos

doceiros e são Pascoal Baylonne das mulheres. Entre os santos do paganismo, um dos papéis mais simpáticos é o de Macaon, protetor dos radiologistas. Quando ele nasceu, o pai Asclépio pediu a Zeus um presente especial para o seu primogênito e o rei do Olimpo brindou-o com a possibilidade de ver dentro do corpo humano sem abri-lo. Com os mais sinceros agradecimentos de todos aqueles que precisam de uma tomografia computadorizada ou de uma radiografia.

Maomé

O terceiro a chegar é Maomé. Nasceu em Meca, por volta do ano 570. Naquela época, quem reinava no Oriente Médio era Heráclio I, um déspota que, além de querer controlar todos os movimentos dos seus súditos, também pretendia ser adorado como um deus na Terra. Entre outras coisas, conseguiu recuperar a verdadeira Cruz, aquela em que Jesus havia sido crucificado e que em certa altura fora roubada pelos persas, para então levá-la de volta a Jerusalém como troféu de guerra. Quanto à religião, Heráclio I demonstrava alguma preferência pelo paganismo. Parece que naquele tempo as divindades veneradas pelo povo, entre pagãos, árabes e tribais, eram mais de trezentas e sessenta.

Todos esses deuses, no entanto, deixavam Maomé bastante incomodado: ele queria um Deus único e forte, e invocou Alá, o Deus dos muçulmanos. Talvez não pudesse imaginar que a sua doutrina fosse propagar-se pelo mundo afora. Dentro de muito poucos anos, com efeito, o islamismo difundiu-se como mancha de óleo desde o Oriente Médio até a África setentrional, a Espanha, a Sicília, alcançando a imensidão do Oriente.

Em 622, quando Maomé já estava com cinquenta anos, mudou-se com alguns amigos para Medina e ali, conforme relata, Alá ditou-lhe palavra por palavra, de Deus para homem, todo o Alcorão. Nenhum livro jamais teve tanto sucesso quanto o Alcorão! Não é improvável que a sua imensa aceitação tenha alguma coisa a ver com a simplicidade do texto. Isto não quer dizer, é claro, que naquela época fosse muito lido, longe disso (ninguém sabia ler, então), mas certamente ouvido: e o impacto imediato dos conceitos conseguiu penetrar logo na alma das massas.

⁴⁷ Terceiro capítulo do Êxodo. Iavé, na verdade, chamar-se-ia Jhwh, nome propositadamente impronunciável formado por quatro consoantes. Nós, no entanto, não sendo judeus, chamá-lo-emos de Iavé.

⁴⁸ Êxodo, 31, 15.

XV

SÃO FRANCISCO

Seria impossível encerrar essa nossa conversa sobre religiões sem mencionar são Francisco. Uma concepção de vida, a dele, que é algo mais do que uma religião: talvez mais próxima de Parmênides do que dos ditames do Evangelho. Além do mais, são Francisco viveu duas vidas, uma totalmente diferente da outra: a primeira até os vinte e quatro anos de idade e a segunda a partir dali até o fim. A primeira, a da juventude, irei deixar que o próprio pai, dom Pietro de Bernardone, um mercador de tecidos de Assis, agiota e endinheirado, conte para nós.

O meu filho nasceu [em 1182] enquanto eu estava na França, na feira de Champagne. Lembro que tinha conseguido ótimos negócios e estava particularmente de bom humor. Ao voltar para casa, em Assis, fui recebido pela minha mulher Pica, que segurava nos braços um menino minúsculo. “Nasceu, nasceu!”, gritou ela. “E o chamei João.” Na hora eu não fiz comentários, mas quando chegou o dia do batismo decidi mudar o nome. “Quero que se chame Francisco” – anunciei, e ela logo resmungou: “Francisco? E por quê? Nunca ouvi falar nesse nome.” Eu então a acalmei. “Vamos chamá-lo Francisco porque precisa nos lembrar da França, o país com o qual mais negocio. Pode ficar tranquila: o nome vai dar-lhe sorte!” Mas eu estava errado. E como estava errado! No começo Francisco parecia-se com qualquer outro menino: era alegre, nunca se cansava de brincar e até gostava de cantar. Mande-o estudar com um velho padre, o da igreja de São Jorge. Ele, o padre, já estava um tanto abobalhado, mas eu achava até bom: pelo menos não iria encher a cabeça do garoto com ideias carolas. Sabe como é, eu desejava que fosse igualzinho a mim em tudo: um tanto baderneiro, esperto nos negócios e mulherengo. E nesse sentido até ensinei-lhe as chansons de geste, muito na moda naquela época. Ora, nem sempre portava-se como devia: certa vez gastou todo o dinheiro que eu lhe dera para oferecer aos amigos um banquete que nem mesmo um príncipe poderia permitir-se. Vestiu uma roupa feita com cortes de seda e adornou-se com todos os colares e joias que encontrou na casa. Depois quis porque quis participar da guerra contra Perúgia e, nem preciso dizê-lo, acabou sendo feito prisioneiro. Tive de negociar mais de um ano com os capitães da cidade vizinha para que mo devolvessem e eles aproveitaram para pedir um resgate exagerado. Pois bem, acreditem: paguei sem pestanejar, e ele voltou mais alegre e fagueiro do que nunca. Resumindo, era normal. Depois aconteceu o que aconteceu: certo dia encontrou um leproso e, em lugar de fugir ao som do chocalho como qualquer pessoa normal faria, desmontou do cavalo e abraçou-o. Isto mesmo, abraçou-o! E tem mais: numa outra ocasião entrou no meu depósito e tirou todas as fazendas preciosas guardadas nas prateleiras para então vendê-las abaixo do custo, e isso, só para pagar as obras da igreja de São Damião. Agora, digam a verdade: o que podia eu fazer? Gritar com ele? Dar-lhe uma surra? Pois bem, foi exatamente isso que eu fiz: com a ajuda

dos criados agarrei-o, dei-lhe uma dúzia de chibatadas e tranquei-o no porão só com pão e água. Dois dias depois, no entanto, a mãe ficou com pena e soltou-o. Recorri então ao bispo e ele, o meu Francisco, bem na frente do prelado, tirou toda a roupa do corpo e saiu pelas ruas de Assis nu como uma minhoca. Ainda bem que um quitandeiro, ao vê-lo, jogou-lhe em cima dos ombros um saco vazio. Pois é, vocês não vão acreditar: desde aquele dia ele vive enfiado naquele saco. Fez três buracos: um para a cabeça e dois para os braços. E não é só: agora circula pedindo esmola como se não fosse meu filho.

Segunda vida, totalmente diferente da primeira. Desta vez deixamos com a palavra um dos seus discípulos: frei Gaspar de Petrignano.

Conheci Francisco certo dia no caminho de volta do mercado. Eu estava enojado com a vida que vinha levando: qual é o sentido, dizia para mim mesmo, de passar a manhã inteira brigando com um vigarista que me deve algum dinheiro quando sei muito bem que a vida é curta e que mais cedo ou mais tarde terei de prestar contas ao Senhor?! Vejo Francisco e fico logo fascinado. Toda a sua roupa consiste num saco de juta, e estamos bem no meio do inverno. Penso logo em doar-lhe um dos trajes que não consegui vender na feira, mas ele, embora agradecido, recusa. Explica que a única roupa que lhe interessa é a da alma. Convido-o então para a minha casa: comemos juntos e fico a noite inteira acordado conversando com ele. Não entendo muito bem o que me conta, mas continuo ouvindo. Parece-me estar vivendo pela primeira vez. No dia seguinte fomos à igreja de San Nicola e comungamos. Pergunto onde mora e ele me leva a um oratório meio em ruínas chamado de Porciúncula. Sem pensar duas vezes tomo a decisão de eu também morar ali, no Porciúncula. Pego uma braçada de palha e preparo um lugarzinho para dormir num canto. Para agasalhar-me recorro às fazendas que ainda tenho comigo. Infelizmente não sou tão bom quanto Francisco: a minha carne é fraca, estou com frio. Hoje mais três irmãos juntaram-se a nós: Bernardo, Pedro e Egídio. Acomodamo-los todos atrás do altar. Bernardo também era um mercador. Pedro, por sua vez, até então havia sido um jurista. É uma pessoa muito instruída: trouxe consigo grande quantidade de livros. Egídio, o mais pobre, é um camponês. Não sabe ler nem escrever, mas é o melhor de todos quando se trata de trabalhar com as mãos. Consertou um buraco no telhado de onde, toda vez que chovia, descia tanta água que inundava a igreja inteira. Agora acompanhamos Francisco, felizes como nunca estivemos na vida. As nossas escolhas são: a humildade, a caridade, a obediência, a pobreza, a serenidade, a paciência, o trabalho e a alegria. Ontem Francisco disse a um lavrador: “Não cultive todo o seu terreno. Deixe uma parte para o mato, pois acabará tendo muitas flores.” Certa vez, eu me lembro, fomos todos a Roma. Ele queria encontrar Inocêncio III. Queria que o Papa reconhecesse a sua Regra, mas os guardas não nos deixaram passar. Confundiram-nos com guardadores de porcos. Ficamos três meses esperando fora das portas do Latrão. Dormíamos na rua. Francisco não entendia por que o Papa não nos recebia. Mas eu sim: conheço os homens melhor do que ele. O que impedia a nossa entrada não eram nossas ideias, mas sim nossos trajes. Ostentar a pobreza, aqui em Roma, é o mesmo que dizer ao Papa: “Não tens vergonha desse luxo todo?” Finalmente, de tanto insistir, conseguimos entrar. Parece que

justamente naquela noite Inocêncio III tinha tido um pesadelo. Tinha sonhado que a basílica do Latrão chegara muito perto de desmoronar quando um homem franzino, vestido como Francisco, havia aparecido e, usando apenas a força dos braços, conseguira mantê-la de pé. O Papa mandou então os guardas buscá-lo e reconheceu a Regra sem qualquer objeção. A coisa mais bonita que fez graças a Francisco foi o presépio. Estávamos em Grétio, nos arredores de Rieti,⁴⁹ quando ele nos falou de Belém e do nascimento do Menino Jesus. Era o dia de Natal. Francisco foi ao vilarejo e pediu emprestado um boi e um burrico, em seguida convenceu alguns aldeões a vestir-se como pastores e um deles chegou com a esposa, uma boa mulher. Logo que chegaram nomeamo-los Maria e José. Em resumo, montamos um presépio vivo. O menino, obviamente, não estava lá, mas quando chegou a meia-noite todos, todos mesmos, pudemos vê-lo espernear na palha. Impossível descrever a nossa felicidade! Francisco dormia num buraco tão curto, mas tão curto que quando apoiava a cabeça na pedra ficava com uma boa parte das pernas do lado de fora. Certo dia o homem mais rico de Grétio, um certo Giovanni Velita, decidiu presenteá-lo com um travesseiro de penas. Pois bem, foi a única noite em que Francisco não conseguiu pegar no sono. Mais três anos e ele morreu de privações [na tarde de 3 de outubro de 1226⁵⁰].

Enquanto isso, o número de franciscanos tornara-se bem maior. Além dos já mencionados, havia agora frei Ângelo, frei Sabatino, Moricone, o Pequeno, Felipe, o Comprido, frei João, frei Bárbaro, frei Silvestro, frei Leão, frei Masseu, frei Ginepro e o imponente frei Elias, quem, depois da morte de são Francisco, iria planejar a basílica de Assis.

Chegaram então as mulheres: a primeira foi Clara de Favarone, de rica e nobre família. Só tinha dezessete anos, mas fugira de casa para fundar a Ordem das Clarissas, isto é, a Segunda Ordem franciscana. No ano seguinte também nasceu a Ordem Terceira, a dos homens letrados que, embora não sendo religiosos, desejavam levar uma vida modesta e natural. Hoje em dia poderíamos chamá-los de não conformistas, ecologistas ou algo parecido. E finalmente chegaram os filósofos. Entre eles lembraremos são Boaventura, Roger Bacon, Duns Scotus, Roberto Grosseteste e Guilherme de Occam.

Uns poucos anos mais tarde o conde Orlando de Chiusi doou a Francisco o monte chamado de “La Verna”, e foi neste monte de 1.300 metros de altura que o santo iria receber os estigmas. Acreditar ou não acreditar não vem ao caso: acontece que ele realmente tinha os estigmas. O fenômeno, no entanto, também marca o fim do verdadeiro sofrimento, tanto físico quanto psíquico. No que diz respeito à saúde, também devido ao estômago doentio, a de são Francisco nunca tinha sido muito boa. Depois dos quarenta anos, então, piorara bastante: era esquelético e tornara-se quase cego. Aproximava-se, em resumo, o encontro com “Irmã Morte”. Enquanto isso, porém, na Ordem haviam surgido ciúmes, invejas e contrastes entre os que se excediam nas penitências e os que as evitavam: era um contínuo acusar-se mutuamente. “Você não é um verdadeiro franciscano!”, “Você não sabe de nada!”, “Você não passa de um exibido!” e assim por diante.

Prefiro deixar o comentário final, no entanto, a Gregório IX, o pontífice que só dois anos depois da morte de Francisco tornou-o santo.

Meus amados fiéis, eu lhes peço: procurem ficar no meu lugar. Pediram-me para nomear santo um certo Francisco de Assis. Eu tentei saber mais, mas não foi nada fácil: uns me falam de uma alma beata, uns de alguém com algo errado na cabeça. Em quem acreditar? Um problema e tanto! Em geral, passam-se vários anos entre o dia da morte e o dia em que alguém é nomeado beato, e eu gostaria de aplicar esta regra; mas vocês nem podem imaginar quantas pessoas já vieram a mim para elogiar esse Francisco. Parece até que nem mesmo Jesus fez tudo o que ele fez! Já li, também, o seu testamento. Havia nele o relato completo do seu encontro com o leproso. Conta que depois que o abraçou “tudo o que antes parecia-lhe amargo tornou-se doce”. Será mesmo verdade? Claro, ninguém pode duvidar que viveu duas vidas, uma o contrário da outra: foi esbanjador e mendigo, deu festas dignas de Lúculo, onde todos se embriagavam e fornicavam e então, de um dia para o outro, começou a passar o seu tempo ajudando os que sofrem, na mais absoluta pobreza. Esteve em todo lugar: foi à Síria, ao Marrocos, visitou a Terra Santa, onde até participou da Quinta Cruzada, sem no entanto jamais combater: só procurou converter os muçulmanos. Mas como pode ter tentado uma coisa dessas, eu pergunto a mim mesmo, se não conhecia a língua? Contam-me que operou vários milagres: transformou a água em vinho, ressuscitou um rapaz, fez andar um paralítico, devolveu a vista a mais de um cego e expulsou o demônio de vários possessos. O que mais me impressionou, entretanto, foi o seu relacionamento com os animais. Dizem que conseguia falar com as cotovias, que elas o acordavam todas as manhãs, que pregava aos pássaros e que as andorinhas lhe obedeciam. Parece que lebres e coelhos procuravam abrigo entre os seus braços, e também contam que brincava com os peixes, que ensinou um cordeiro a rezar, e que até convenceu um lobo a nunca mais matar os bichos silvestres em troca da comida que cada manhã os habitantes de Gúbio deixavam para ele fora das muralhas. Disseram-me que perto do seu túmulo os milagres não param: um dia a tumba aparece coberta de rosas, no dia seguinte de lírios, e no outro de margaridas. O que será que eu devo fazer? Digam vocês mesmos: trata-se de um santo ou de um louco?

49 Aconselho que o leitor visite Grétio e a Abadia de São Francisco. O lugar é encantador e fica a menos de cem quilômetros de Roma.

50 Naquela época passavam a contar o novo dia logo depois das vésperas, e é por isto que festejamos São Francisco em 4 de outubro.

XVI

SANTO ANSELMO

Na filosofia existe uma palavra terrível, uma palavra que apavora qualquer estudante do curso secundário: *ontologia*. Obviamente é mais uma palavra que vem do grego, para sermos precisos, de *óntos*, que quer dizer “do ser”, e *loghía* que significa “estudo”; a ontologia, portanto, é o “estudo do ser”.

No terceiro ano do clássico o professor Casseti, ao entrar na sala, costumava exclamar “é porque é”, a frase mais ontológica possível. Às vezes jogava-a na nossa cara diretamente em grego, “*estí óti estí*” e nós, todos satisfeitos, repetíamos em voz alta, ficando de pé. Era uma maneira como outra de dizer bom-dia. Mas agora vamos ao que interessa: santo Anselmo de Aosta poderia ser considerado o maior propagandista da ontologia medieval, ou pelo menos um dos poucos que tentaram botar na cabeça dos outros que “o ser é enquanto é”. Antes de enfrentarmos o mais difícil dos santos filósofos, no entanto, tentarei explicar do meu jeito o que se entende por “ser”.

Toda essa história teve início lá pela metade do século V antes de Cristo. Parmênides já era um ilustre cavalheiro, de sessenta e cinco anos e cabelos brancos, quando decidiu ir a Atenas com o discípulo predileto, Zenão. Vinham ambos da Itália meridional, de Eleia, na Basilicata, para sermos exatos, e tencionavam assinar uma aliança com as autoridades atenienses. Acontece porém que, mais que de política com os políticos, acabaram tratando de filosofia com os filósofos, e portanto com Sócrates também, que na época devia estar com mais ou menos vinte e cinco anos. Parece que no começo os nossos compatriotas não deixaram uma impressão muito boa nos requintados atenienses. O encontro aconteceu na casa de Pitodoro.

– Quem são eles? – perguntou Sócrates a alguém ao seu lado. – Aqueles dois de pés sujos?

– Não sei – respondeu o outro –, mas ouvi dizer que o mais velho, o de barba e cabelos brancos, já disse alguma coisa importante, tão importante que todos comentam até hoje.

– Eu só sei – interveio mais outro – que o mais idoso se chama Parmênides e o mais jovem Zenão, que dormem na mesma cama e que vieram ambos da Itália meridional.

Sócrates dirigiu-se então diretamente ao velho mestre:

– Ó, Parmênides, ouvi dizer que você formulou um pensamento muito importante. Poderia por favor partilhá-lo conosco para que possamos, eventualmente, comentá-lo juntos?

Parmênides já estava a ponto de responder quando foi detido pelo aluno.

– É inútil pedir o meu mestre para falar – disse Zenão –, pois de qualquer forma ninguém iria entender.

Todos ficaram ofendidos. Que atrevimento era aquele? Ali estavam os filósofos atenienses, os homens mais inteligentes do mundo, e aqueles dois campônios, além do mais de pés sujos, ousavam duvidar da sua capacidade de entender!

Sócrates, no entanto, sempre mais paciente do que os demais, preferiu insistir:

– Vamos, Parmênides, diga-nos o que descobriu. Quem sabe, talvez possamos até dar a nossa pequena contribuição às suas ideias.

E foi nesta ocasião que Parmênides disse a famosa frase, no meu entender a que de fato deu início à história da filosofia: “O Ser é, o Não Ser não é.”

Certo dia, ainda me lembro, fui forçado a explicar a diferença entre o Ser e o Não Ser a uma bonita jovem que aparecera em Cinecittà para fazer um teste.

– Qual é o seu nome? – perguntei.

– Patrícia, e estou com vinte anos – respondeu.

– E o que tenciona fazer na vida?

– Quero ser atriz, ou então *velina*⁵¹.

– E quer ser atriz para Ser ou para Não Ser?

– Para ser, é claro, para ser atriz.

– Tudo bem, mas deixe-me explicar o que vem a ser Ser atriz e o que vem a ser Não Ser atriz. Se quiser tornar-se atriz para ser famosa e ver a sua foto na capa das revistas, para distribuir autógrafos e aparecer na tevê como convidada e ganhar um monte de dinheiro, fique sabendo que todas estas coisas juntas representam o Não Ser da atriz, isto é, o Parecer.

– E o Ser, então? O que vem a ser o Ser?

– É aquela sensação que você sente dentro de si mesma quando percebe que a pessoa à sua frente riu ou ficou comovida. Pois é, porque naquele momento você se dá conta de ter sido “realmente” atriz, isto é, de ter transmitido uma emoção que não era sua, mas sim do autor, a outro indivíduo que se chama espectador, e esta sensação vale mais do que todos os ofícios do mundo e, quem sabe, até de tudo aquilo que nem podemos chamar de ofício.

– Entendi. Mais ou menos como disse aquele cara?

– Aquele cara quem?

– O que escreveu *Avere o essere*?⁵² Só que no momento não me lembro do nome.

Mas vamos voltar a santo Anselmo. O primeiro problema é decidir como chamá-lo: para os italianos é santo Anselmo de Aosta, para os franceses é santo Anselmo de Bec e para os ingleses é santo Anselmo de Canterbury. Pois é, porque nasceu em Aosta, foi abade em Bec e arcebispo em Canterbury. Não quero bancar o nacionalista, mas acredito de fato que o lugar de nascimento seja mais importante do que os demais endereços. Com efeito, se porventura algum dia eu tiver de ficar na história, sem dúvida alguma vou preferir ser lembrado como Luciano de Nápoles antes de como Luciano de Roma ou de Milão, embora tenha morado um bom tempo tanto em Roma quanto em Milão.

O pai de santo Anselmo, mestre Gandulgo, governador de Aosta, era um chefe que mantinha todos na linha com o poder do dinheiro. Quando percebeu que o filho queria ser monge, ficou furioso.

“Monge você não vai ser!”, esbravejou. “Aqui nós temos uma tradição a ser defendida, e principalmente uma fortuna a ser administrada. Eu nunca vou aceitar que o meu primogênito, aquele que herdará todas as minhas posses, se torne algum dia um mero papa-hóstias.”

A vocação, no entanto, fala mais alto, e quando ela existe não há como sufocá-la. Anselmo havia sido educado pelos beneditinos e o que mais almejava era dedicar-se à leitura dos clássicos e aos estudos teológicos. A proibição paterna deixou-o tão doente que chegou a ameaçar a sua própria vida. Então, graças a Deus, conseguiu recobrar-se e, um belo dia, tomou coragem e fugiu de casa: foi à Normandia, para a abadia de Bec, famosa pela sua escola de teologia, e dali para Canterbury, onde havia sido eleito arcebispo. Famosas as suas brigas com os monarcas com que entrou em contato: Guilherme o Ruivo e Henrique I. De fato, ao voltar de Roma, impediram-lhe várias vezes o desembarque na Inglaterra. Recorreu ao Papa e conseguiu fazer com que o respeitassem.

Santo Anselmo escreveu oito livros: o *Monologion*, um diálogo consigo mesmo, o *Proslogion*, um diálogo com os outros, e seis diálogos sobre várias humanidades, entre os quais *O livre-arbítrio* e *A queda do Diabo*. Opúsculos de poucas páginas, na verdade, mas cheios de intuições filosóficas. Assim como Scotus Erígena, ele também começou dando o passo errado. Em seu primeiro diálogo escreveu *intelligo ut credam*, “compreendo para acreditar”, já no *Proslogion*, no entanto, corrigiu-se afirmando ser cem por cento a favor do *credo ut intelligam*, quer dizer, do “acredito para compreender”. Acontece que, enquanto é possível (eu diria até automático) chegar à existência de Deus a partir da Fé, o percurso inverso é praticamente impossível. Em outras palavras, a Fé não é uma coisa que alguém pode impor a si mesmo, da mesma forma que ninguém pode “tomar coragem” se não tiver em si esta coragem. Não podemos dizer a nós mesmos: “Decidi que a partir de amanhã vou acreditar em Deus.” Já é tão difícil parar de fumar, imagine só, então, parar de duvidar.

Tendo isto em mente como premissa, vamos ver como santo Anselmo chega a acreditar em Deus. No *Proslogion* ele diz textualmente: “De todas as coisas existentes no mundo há uma maior do que as demais. Um vegetal é inferior a um animal, um animal é inferior a um homem, um homem é inferior Àquele que o criou e Aquele que o criou é a coisa mais perfeita que se pode pensar [admitindo, é claro, que seja correto dizer ‘a mais perfeita’]. Agora, uma vez que cada coisa é por sua vez constituída por um conjunto de requisitos, e que um destes requisitos é sem dúvida alguma a existência, como poderia esta coisa ser ‘a mais perfeita’ se lhe faltasse justamente o requisito mais importante, isto é, o fato de existir? *Ergo* Deus existe.” E tem mais, ele também escreveu: “O maior pensamento que existe no mundo não pode ser pensado como não existente.”

Talvez ele tivesse conseguido ser mais convincente se tivesse dito: “Para mim existe e não se fala mais no assunto.” Teria chegado ao mesmo resultado mais rápido, evitando inclusive, como aconteceu, as críticas dos dominicanos de são Tomás, dos franciscanos de são Boaventura e de um numeroso grupo de filósofos, entre os quais ilustres cavalheiros como Descartes, Spinoza, Leibniz, Hume, Locke e Kant. Este último, em particular, dirá mais tarde que o raciocínio de santo Anselmo não é ontológico, mas sim tautológico.⁵³ E continuará precisando que Deus não existe, mas “poderia” existir. Então, sem mencionar Gaunilon, um monge de Montmontier, que num livro intitulado *Defesa do estúpido* afirmou claro e bom tom que não bastava pensar numa coisa para que ela realmente existisse, e que só um estúpido podia cair nas armadilhas de santo

Anselmo, diz Gaunilon: “Posso perfeitamente imaginar uma ilha maravilhosa no meio do oceano, cheia de aprazíveis lagos e regatos, com um bando de graciosas mocinhas que me fazem vento e espantam as moscas com folhas de palmeira, mas nem por isto a ilha e as jovens realmente existiriam.” E santo Anselmo, como resposta: “Uma coisa é uma ilha e outra, completamente diferente, Deus. A ilha, por mais bonita que se possa imaginar, nunca poderá ser a coisa mais importante do mundo. Mas Deus sim.” E aí é a vez de Gaunilon replicar: “O raciocínio nunca conseguirá provar a existência de Deus. Só a Fé pode fazer isto e a Fé, como todos sabem, não raciocina.”

Oito séculos mais tarde, entretanto, houve um filósofo inglês, Francis Herbert Bradley, que se levantou para defender santo Anselmo, dizendo: “Tudo aquilo que é possível é”, frase que, traduzida em palavras ainda mais simples, significa: “Se somos capazes de imaginar uma coisa, esta coisa também deve existir.” Resumindo, puxa daqui, empurra dali, acaba aparecendo de novo o mito da caverna: as imagens que vemos na parede nada mais são do que as sombras das Ideias que se movem atrás de nós. Ao mesmo tempo, no entanto, ver as sombras já é uma prova de que há alguma coisa que se move atrás de nós, isto é, as Ideias. Só que Platão, quando nos explica o mito da caverna, é muito mais claro do que santo Anselmo.

No que me concerne, finalmente, estou totalmente do lado de Gaunilon. Só a Fé pode fazer com que acreditemos em Deus, e é por isso mesmo que invejo todos aqueles que têm Fé: vivem melhor do que eu, passam os derradeiros anos da sua vida mais serenos e não ficam perguntando a si mesmos três ou quatro vezes por dia:

- Existe ou não existe, afinal?
- Haverá ou não alguma coisa depois?
- E se houvesse o Nada?
- E o que viria a ser o Nada?

Outro assunto tratado por santo Anselmo: os Universais. Já falamos a respeito no capítulo dedicado a Avicena. Com toda a franqueza, não descobrimos muita coisa nova estudando santo Anselmo. A verdade é que todos os filósofos da Idade Média, com maior ou menor empenho, recorrem ao assunto para demonstrar a existência de Deus. Se na mudança, dizem, percebemos alguma coisa que não muda, então quer dizer que existe o Imutável.

Eu, por mim, preferi avisar logo de saída: a partir de agora os Universais irão atormentá-los pelo resto da vida. Não quero dizer, com isso, que eles sejam incompreensíveis, Deus me livre, mas que são muito chatos ninguém pode negar.

⁵¹ Assistente de palco de um programa da TV de grande audiência na Itália.

⁵² Erich Fromm, *Avere o essere (Ter ou ser)*, Mondadori, Milão, 1986.

⁵³ Tautologia: maneira de falar lapalissiana que expressa um conceito já enunciado nas premissas, isto é, tenta aparentemente demonstrar uma tese repetindo as mesmas palavras.

XVII

AS CRUZADAS

Se houve as cruzadas, a culpa foi toda dos grandes profetas que nasceram, viveram e morreram todos por aquelas bandas. Os representantes das três religiões envolvidas, o hebreu Davi, o cristão Jesus e o muçulmano Maomé, pelo menos do ponto de vista geográfico, não tinham muita imaginação: nunca chegaram a se afastar muito de Jerusalém. Daí o nome de Terra Santa dado à cidade e a todo o território em volta. O que havia, afinal, de tão bonito em Jerusalém, nunca deu para entender. Vocês devem concordar comigo que como lugar nunca foi lá grande coisa: fica bem perto do deserto de Judá e, ainda por cima, não tem agricultura, nem recursos minerais, nem mar nem lagos nem qualquer outra beleza natural. Quanto ao clima, então, nem precisa falar! O geógrafo grego Estrabão definia-o justamente como o lugar pelo qual nenhum Estado iria sacrificar uma vida sequer. Enquanto Roma continua tendo sete colinas, uma mais bonita do que a outra, Jerusalém só tem duas: o Cedron e o Sion (que deu origem ao termo “sionismo”). Entre as duas colinas, então, há um vale que, tendo ficado cheio de detritos, nem mais parece um vale. E mesmo assim todos querem a cidade, todos a desejam e continuam a chamá-la de “Terra Prometida”. Ao longo da história foi conquistada pelo egípcios, os árabes, os israelitas do Norte, depois os do Sul, os assírios, os babilônios e finalmente pelos antigos romanos. Pompeu, em 63 antes de Cristo, fez de Jerusalém a capital das províncias orientais.

Seja como for, na Idade Média, ou pelo menos até o ano Mil, ficou na moda fazer peregrinação à Terra Santa. Era o sistema mais fácil para reservar para si um lugar no Paraíso (fácil até certo ponto, é claro). A primeira peregrina em ordem de tempo foi Helena, a mãe do imperador Constantino. A matrona visitou comovida a gruta de Belém, a horta do Getsemâni, o Monte das Oliveiras e o local onde teria acontecido a Ascensão. Depois disso o filho, só para contentá-la, mandou construir o Santo Sepulcro, a igreja mais importante de toda a cristandade, no lugar onde se presumia que Jesus havia sido enterrado. Nessa altura, milhares e mais milhares de fiéis acharam por bem imitá-la e, por mar e por terra, mas principalmente por terra, foram à Palestina. No século V foi registrado o maior número de romarias, particulares ou em grupo, e sempre nesta mesma época, Eudóxia, a imperatriz de Bisâncio, escolheu Jerusalém como sua segunda sede, dando início à coleta de relíquias que se tornou uma verdadeira mania: conseguiu até o retrato da Virgem Maria, executado pessoalmente pelo próprio são Lucas, além de inúmeros outros objetos sacros. A iniciativa teve um sucesso enorme e, a partir daí, não houve mais qualquer limite para a caçada: todo o mundo queria trazer de volta dos lugares sagrados uma lembrancinha que tinha a ver com a Fé: um dedo de são Mamede, um polegar de são João Batista, uma mecha de cabelos de são Paulo, uma lasca de madeira da Cruz, um dos pregos fincados na carne de Cristo e assim por diante. E pouco importava se tais relíquias eram verdadeiras ou falsas: em volta de cada uma delas foram construídos santuários e igrejas pela

Europa inteira. Resumindo, tudo corria às mil maravilhas até que os muçulmanos se deram conta da invasão e começaram a perseguir os peregrinos, isto é, os “infiéis”, como costumavam chamá-los.

Resultado: ora devido aos assaltantes, ora devido aos árabes, nem sempre era fácil chegar são e salvo ao Santo Sepulcro. Logo apareceu alguém, então, que para aumentar o próprio prestígio político, começou a organizar expedições de homens armados, chamadas de “cruzadas”, isto é, um contingente de cavaleiros suficientemente numeroso para garantir a vida de todos os participantes. Só que conseguir montar o esquema de expedições como essas não era fácil: era preciso juntar rapazes fortes e destemidos, elmos, escudos, armas e principalmente cavalos. Os participantes eram chamados cruzados porque tinham túnicas, capas e escudos onde apareciam enormes cruzes vermelhas.

Para dar um relato completo das cruzadas seria preciso um livro inteiro; quanto a nós, nessa nossa pequena história, só temos o intuito de mostrar ao leitor como, em plena Idade Média, já podiam amadurecer e tomar forma iniciativas em que se misturavam religião e política. Tentaremos portanto fazer uma lista das oito cruzadas principais, na ordem, com as notícias básicas e os intérpretes mais relevantes.

Primeira cruzada – 1096-99. Promotores: papa Urbano II e Pedro de Amiens, dito o Eremita. Este último era um louco: cavalgava um burro, descalço, não comia carne e só tomava vinho. Passava pelas ruas das aldeias gritando: “Para a Terra Santa! Todos para a Terra Santa, e todos tornar-se-ão santos!” O povo ia atrás dele, uns a pé, outros a cavalo. Um dos protagonistas da primeira cruzada foi Godofredo de Bouillon, duque da Baixa Lorena que, partindo de Ratisbona, atravessou a Áustria, a Hungria, a Romênia e a Bulgária para finalmente chegar a Jerusalém em 1099. Durante a viagem matou todos os que tiveram o azar de encontrá-lo e que se recusaram a se converter à religião cristã, quer dizer, judeus, muçulmanos e até alguns cristãos orientais que, devido à língua, não conseguiram entender-se com ele. O empreendimento concluiu-se com a conquista de Jerusalém. Na prática foi uma gigantesca chacina: em menos de três dias foram massacradas mais de vinte mil pessoas, tudo em nome de Jesus, ou seja, de um homem que uns mil anos antes tinha dito: “Ama o teu semelhante como a ti mesmo.”

Segunda cruzada – 1147-49. Promotores: papa Eugênio III e Bernardo de Claraval. O imperador Conrado III e o rei da França, Luís VII, também estavam lá. A vontade de derrotar os muçulmanos era enorme, mas tudo acabou com um grande papelão por parte dos nossos antepassados devido a um ataque abortado contra as muralhas de Damasco. E até a fuga foi uma desgraça: a cavalaria turca perseguiu os cruzados, despejando neles um enxame de setas envenenadas. O caminho de volta ficou salpicado de cadáveres e de carcaças de cavalos.

Terceira cruzada – 1189-92. Entre todas, é a minha preferida. Vejam só quem estava lá: Frederico Barba-Roxa, imperador da Alemanha (que se afogou num rio no ano seguinte), Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, e Filipe II, rei da França. Para enfrentá-los, Yusuf ibn Ayyub Salahal-Din, por nós chamado Saladino, que reconquistou Jerusalém para os muçulmanos. Depois de oito anos de luta, a cruzada concluiu-se com um acordo: os cristãos poderiam visitar a Terra Santa quando e como quisessem, desde que se limitassem a olhar, rezar

e ir embora dentro de vinte e quatro horas.

Quarta cruzada – 1202-04. Promovida pelo papa Inocêncio III e muito desejada pelos venezianos, equipados pelo doge Henrique Dândolo. Mais do que uma cruzada, foi uma verdadeira guerra de extermínio: em lugar de dirigir-se à Terra Santa, os cruzados “desviaram-se” para interesses concretos, saqueando Constantinopla e todas as cidades que encontraram no caminho. Liquidaram milhares de bizantinos e criaram o Império do Oriente, chefiado por Balduíno de Flandres.

Quinta cruzada – 1217-21. Instigada pelo papa Honório III, foi liderada por André II, rei da Hungria, e por João de Brienne. O ataque, desta vez, partiu do Sul, e precisamente do Egito. Ao chegarem à Terra Santa, no entanto, os cruzados foram forçados a sair em debandada devido à manifesta inferioridade numérica. Não podemos esquecer a extraordinária participação de São Francisco de Assis, obviamente desarmado.

Sexta cruzada – 1228-29. Organizada por Frederico II, naquela altura excomungado pelo papa Gregório IX, foi a cruzada com o menor número de mortos e feridos da história: pelo menos nos primeiros tempos, desenvolveu-se mais na mesa de negociações do que no campo de batalha. O imperador conseguiu fazer com que lhe entregassem (pagando?) Jerusalém, Belém e Nazaré, e autoproclamou-se rei da Terra Santa. Então, depois de uma trégua que durou dez anos, foi derrotado em Gaza e teve de voltar para a Europa. Muitos consideram esta cruzada uma continuação da anterior.

Sétima cruzada – 1248-54. Esta também partiu do Egito. Foi convocada pelo papa Inocêncio IV e ficou por conta de Luís IX, da França. Acabou muito mal: o próprio rei Luís foi feito prisioneiro e, para ganhar a liberdade, foi forçado a pagar um vultoso resgate aos muçulmanos, além de devolver todos os territórios conquistados.

Oitava cruzada – 1270. Segunda tentativa de Luís IX, que também foi fracassada. O rei, esperando vingar-se da cruzada anterior, navegou para a Tunísia com um poderoso contingente de tropas. Mas antes mesmo de desembarcar pegou a peste: morreu em uma semana e a cruzada se desfez. Em compensação, ganhou para si a santidade e os agradecimentos da posteridade.

Resumindo: oito cruzadas, oito carnificinas e um só mandante: a Fé. Se formos analisar os acontecimentos históricos que mais lutos trouxeram à humanidade, percebemos que lá por trás, como mandante, sempre encontramos um chefe religioso. E que o chefe se chame Davi, Urbano II ou Bin Laden, o resultado é sempre o mesmo.

Nesta altura, porém, parece-me oportuno demorar-me mais um pouco nesta história de guerras santas para descrever melhor o sultão Yusuf ibn Ayyub Salahal-Din, também chamado de Feroz Saladino. Este homem terrível, afinal de contas, ocupou uma boa parte da minha vida de menino lá pelos anos 1930.

A firma Perugina, naquela época, depois do estrondoso êxito de um programa de rádio chamado *Os Quatro Mosqueteiros*, lançou um concurso de figurinhas que teve um sucesso

extraordinário: os garotos, na Itália, não falavam de outra coisa. Tratava-se de uma coleção de figurinhas todas baseadas nos personagens de um livro de Nizza e Morbelli. Acontece que, por acaso ou por escolha de mercado, nem todas as figurinhas tinham o mesmo número de exemplares, razão pela qual algumas tornaram-se desde logo muito raras. Isso deu origem a cotações diferentes e intermináveis contratações.

Em Nápoles, na praça dos Martiri, diante da loja da Perugina, juntavam-se turmas de colecionadores, todos à cata das figurinhas mais procuradas. Na época eu só tinha dez anos e a loja de luvas do meu pai ficava ao lado da Perugina. Devido a esta proximidade tornei-me uma espécie de corretor das figurinhas mais raras e, além do *Feroz Saladino*, tornei-me um especialista na *Bela Sulamita*, no *Cachorrinho pequinês* e nas *Filhas de Ramsés*. Quem as quisesse tinha de tratar comigo mesmo. Além do mais, as vendedoras da Perugina, gostando de mim, vez por outra repassavam-me algumas raridades. O concurso, nesta altura, tornara-se tão popular que a EIAR (a RAI daquele tempo) foi forçada a adiar nas tardes de domingo a transmissão dos jogos de futebol para deixar espaço às musiquinhas (os jingles de hoje) a respeito dos personagens mais falados no momento. Ainda me lembro, entre todas, da do rei Luís:

*Está Luís da França
Com três pulgas na pança
Uma pula, outra voa
Outra atira numa boa.*

Ou então a cantada pelo bastante saudoso Nunzio Filogamo no papel do mosqueteiro Aramis:

*Ó Saladino, grande sarraceno
De fez e espadim.
Provocaste todas as cruzadas
Por ser um grande espadachim.*

Com uma figurinha do *Feroz Saladino* a gente podia conseguir mais ou menos cem liras, correspondentes a cerca de cento e cinquenta euros atuais (era a época da música *Se potessi avere mille lire al mese*⁵⁴). Cento e cinquenta coleções completas davam direito a um Fiat Pulga. Até que eu tentei, mas nunca consegui passar de três álbuns.

⁵⁴ “Quem me dera ter mil liras por mês.” (N. do T.)

XVIII

AS BRUXAS

Como eram vistas as mulheres na Idade Média? Bastante mal, eu diria, aliás muito mal mesmo, até pior do que para as afegãs sob os talibãs. Não podiam sair de casa. Não podiam falar com estranhos, nem frequentar uma escola, nem ocupar qualquer cargo, digamos assim, de algum prestígio. (Afinal de contas, até a minha mãe, que viveu em tempos mais modernos, isto é, na primeira metade do século passado, embora pertencendo a uma família considerada de “gente bem”, na sua condição de mulher não tinha ido além do terceiro ano do primário.) Somente aos homens era permitido frequentar as escolas superiores. A mulher tinha de ficar em casa, calminha e calada, à espera de alguém (possivelmente rico) que a pedisse em casamento. Quase sempre a escolha não dependia dela, mas sim dos pais ou de algum casamenteiro. E afinal, como poderia ela, embora diretamente interessada, escolher o noivo se nem mesmo lhe era permitido botar o nariz fora da porta de casa?

Quando feinha, a mulher medieval só tinha um caminho a seguir: da cama para a cozinha e da cozinha para a cama. Se no entanto ela fosse bonita, e portanto com mais chance de casar com um homem rico, ficava presa no gineceu da casa.

Mas não pensem que na época de Péricles a situação fosse melhor. Basta um só episódio para nos darmos conta disto. É o último dia de vida de Sócrates. O grande filósofo está na prisão, cercado pelos discípulos, quando lá aparece sua mulher, Xantipa.

– Ó Sócrates – diz a coitadinha, tentando abraçá-lo –, esta é a última vez que o vejo! Você vai morrer inocente.

E ele, virando-se para Critão:

– Que alguém a leve embora, por favor, pois do contrário ela não vai deixar ninguém conversar.

Na Idade Média a mulher era considerada o símbolo vivo do pecado original. “A porta do diabo”, para usarmos as palavras de Tertuliano. Em ordem de estima decrescente, tínhamos em primeiro lugar a virgem, em segundo a viúva e em terceiro a mulher casada. Por volta do ano Mil, então, não era preciso fazer muita força para acabar com uma mulher atraente. Era só espalhar que mantivera relações sexuais com o demônio e a pobre coitada já podia considerar-se perdida: era condenada à fogueira depois de enfrentar uma adequada sessão de torturas na qual contaria tintim por tintim tudo o que havia feito com o demo. Podemos assistir a uma cena deste tipo naquela obra-prima de Ingmar Bergman, o filme intitulado *O sétimo selo*. O cruzado interpretado por Max von Sydow aproxima-se da suposta bruxa e pergunta se ela realmente manteve relações com Satanás, e ela, pobrezinha, amarrada a uma cruz, com os pulsos fraturados pela tortura, com um fio de voz responde que sim, já não tendo nem a força de negar.

E depois disto, a fogueira.

Carlos, o Bom, conta: “Certo dia o conde de Thierry encontrou a caminho de Lille uma mulher que borrifou água em cima dele. Pois bem, vocês podem não acreditar, mas a partir daquele dia o coitado do conde ficou doente do estômago, tanto que nunca mais conseguiu comer sem vomitar logo a seguir. Mandeí então os meus cavaleiros procurar a bruxa, prendê-la e queimá-la viva de mãos e pés atados.” E era Carlos, o Bom: já pensaram se ele fosse o Mau?!

Os séculos em que o maior número de mulheres foram queimadas são o XIII e o XIV, aqueles que foram dominados pela Inquisição. A primeira bruxa foi queimada em Toulouse em 1244. Ficou famoso, no mesmo século, o suplício de santa Guilherma, a Boêmia. A acusação mais grave era a de ter participado de um sabá. E o que vinha a ser um sabá? É fácil dizer: antes de mais nada era preciso chegar montado em uma vassoura, depois havia um banquete, o mais obscuro possível, e finalmente a orgia generalizada: bruxas, demônios, macacos, cães monstruosos com dois órgãos genitais, lobos, asnos e assim por diante. Temos aqui uma descrição de Tersilla Gatto Chanu.

*Participavam do sabá homens e mulheres de qualquer tipo, idade e condição, mas principalmente pessoas insatisfeitas com a vida, mulheres sozinhas, viúvas, solteiras e putas. Eram as “streghe”, as bruxas, cujo nome deriva de strix, a ave de rapina mencionada por Ovídio, símbolo de um mundo tenebroso cheio de insídias e de horrores. A ação desenvolvia-se segundo um roteiro fixo: a chegada cavalgando uma vassoura ou um pedaço de pau, os cumprimentos ao diabo, o batismo ao contrário, o banquete e, para concluir, a orgia desenfreada até a manhã seguinte.*⁵⁵

Entre as acusações mais graves, a de prestar homenagem a Satanás, isto é, de beijar o seu traseiro, de chupar o sangue dos cristãos e de comer as tenras carnes dos recém-nascidos. Todas coisas inventadas, obviamente, mas suficientes a mandar uma pobre coitada para a fogueira.

Uma grande demonstração de bruxaria, para as pobres infelizes, era em alguns países a “prova de flutuação”: a ré era literalmente jogada num rio e, caso não afundasse, queria dizer que era uma bruxa. Acontece, no entanto, que naquela época as mulheres usavam várias saias sobrepostas que, ao ficarem encharcadas, puxavam as coitadas para o fundo, de forma que mesmo demonstrando-se inocentes, acabavam morrendo afogadas...

O ano que assinala a passagem da mulher de ser inferior a ser humano com os mesmos direitos do homem foi 1968. Toda vez que contamos a história de uma mulher precisamos especificar se os fatos se referem a antes ou a depois da era feminista. A minha irmã Chiara, por exemplo, até o dia das bodas, trinta anos atrás, nunca tinha saído de casa sozinha. Lembro que certa vez briguei com a minha mãe porque pretendia que eu fosse com ela e o noivo encomendar os convites de casamento.

– Não os deixe sozinhos – disse ela –, nem mesmo no elevador.

Eu, já achando aquilo tudo uma grande bobagem, objetei:

– Mas eles vão casar dentro de uma semana!

E ela:

– Eu sei, mas nunca se sabe. E, além do mais, se as pessoas os virem sozinhos, o que poderão

pensar?

Tudo isto não acontecia na Idade Média, mas sim em 1953.

De qualquer maneira, não era só o povão a pensar que mulher fosse um ser inferior: os intelectuais também pensavam a mesma coisa. Abelardo, só para citar um nome, comentando um trecho da Bíblia em que se diz que o Senhor criou o homem à sua imagem e semelhança, faz questão de dizer que a imagem referia-se ao homem e a semelhança à mulher. E santo Tomás, na *Summa contra gentiles*, diz claramente que a alma da mulher é uma alma de qualidade inferior, na prática uma almazinha de nada. E olhem que tanto Abelardo quanto santo Tomás eram intelectuais do mais alto gabarito.

O resíduo destes preconceitos ainda estão presentes em alguns dos meus concidadãos. Em Nápoles, por exemplo, quando um motorista percebe que o carro diante dele virou de repente sem sinalizar e que quem dirige é uma mulher, não deixa de exclamar: “È ‘na femmena!” (É uma mulher!)

⁵⁵ Tersilla Gatto Chanu, *Le streghe*, Newton & Compton, Roma, 2001, p. 11.

XIX

ABELARDO

Se algum dia eu acabar no Purgatório e precisar de um advogado, não terei dúvidas: escolherei Pedro Abelardo e ficarei com certeza de ir direto ao Paraíso. Nunca houve, e nunca haverá no mundo, alguém mais habilidoso com as palavras do que Abelardo.

O grande medo do ano Mil acabava de ser deixado para trás e todos estavam muito ocupados em confraternizar, falar, sentir-se vivos e, possivelmente, brigar. E quanto a brigas Abelardo não tinha rivais: duas foram as escolas que frequentou quando jovem e duas vezes ele foi expulso dentro de poucos meses. Os respectivos mestres, Roscelim de Compiègne e Guilherme de Champeaux, escorraçaram-no aos pontapés. E isso porque, toda vez que davam início a uma aula, ele se levantava para contestá-los. E o pior é que estava sempre certo, entre os aplausos dos companheiros da escola. Em geral, os assuntos tratados quase sempre tinham a ver com os Universais, mas na verdade o que realmente importava a Abelardo era ganhar a disputa dialética. Não suportava que alguém pudesse dizer coisas incorretas na sua presença, e tanto brigava e tanto esbravejava que no fim os outros concordavam com ele.

Com Pedro Abelardo, pelo menos na aparência, reanima-se o contraste entre dialética e misticismo, uma vez que o nosso amigo só recorria à dialética para afirmar os princípios da teologia. No seu entender, três eram as divindades que realmente importavam, e precisamente: o Pai (isto é, a *Potência*), o Filho (isto é, a *Sapiência*) e o Espírito Santo (isto é, a *Caridade*). No mais, divertia-se muito falando a respeito dos Universais. Nem podia ser diferente, uma vez que naquele tempo não se conseguia falar de outra coisa. Só falava a respeito deles, no entanto, para demonstrar que, como testemunho da existência de Deus, havia alguma coisa em comum na aparente variedade dos gêneros. E ao tratar destes conceitos conseguiu brigar com todos, até com seus mestres Roscelim e Guilherme. Para Roscelim os Universais não existiam, não passavam de uma emissão da voz, um *flatus vocis*. Para Guilherme, no entanto, existiam de direito e de fato. No seu entender, com efeito, eles ficavam nada menos do que na mente de Deus. E então, aparecia Abelardo que ainda encontrava uma terceira posição. Os Universais, afirmava, não são nem uma “voz” nem uma “coisa”, mas sim apenas uma capacidade da alma humana de perceber o que há de imutável no variável. Como dizer que era o homem a identificá-los, e não os vários gêneros a tê-los dentro de si. Em seu livro *Sic et non* escreve textualmente: “O Universal não pode ser uma realidade uma vez que uma realidade não pode ser o predicado de outra realidade.”

Abelardo era uma pedra no sapato de muita gente, e mais ainda de Bernardo de Claraval, o verdadeiro fundador da Ordem dos cistercienses. Para um monge daquele nível, um livre-

pensador como Abelardo só podia ser motivo de fastio. Intelectual demais, solto demais na maneira de se expressar e, para sermos mais claros, também libertino demais para os seus gostos. Por mais que tente esconder certas coisas, mais cedo ou mais tarde todo mundo acaba sabendo, e além do mais era a própria ética de Abelardo que batia de frente com o misticismo de Bernardo. Em termos simples e elementares, a ética de Abelardo consistia em afirmar que o Bem e o Mal não eram dois valores autônomos e independentes, mas sim apenas duas maneiras de ser onde a intenção era muito mais importante do que a ação, e uma vez que só Deus está a par das nossas intenções, somente Ele poderá algum dia nos julgar. Uma maneira de entender o pecado, esta, bastante parecida com o “ame de alma pura e depois faça o que bem quiser” de santo Agostinho.

Abelardo tornou-se mais famoso devido às suas vicissitudes particulares do que aos seus princípios filosóficos. Contar a vida dele é extremamente fácil, uma vez que ele mesmo, numa carta muito longa escrita a um amigo e intitulada *Historia calamitatum mearum* (*História das minhas desgraças*) descreve tudo o que lhe aconteceu, desde que nasceu até o dia em que, vestindo a batina, corre o risco de ser esganado pelos outros monges, todos invejosos das suas qualidades. Faço questão de citar alguns dos trechos mais significativos:

Nasci numa aldeia chamada Pallet, na Bretanha, mais ou menos oito milhas a oriente de Nantes. A minha terra de origem transmitiu-me o gosto pelas letras e o meu pai também, antes de entregar-se à carreira das armas, dedicara muitas horas da sua vida aos estudos. E quis que eu fizesse o mesmo. Sendo o primogênito, eu era o predileto dele, razão pela qual preferiu que não me tornasse soldado e ensinou-me a dialética.

Tornei-me um bom mestre peripatético até que, depois de muito circular pelo interior, cheguei a Paris para frequentar a escola de Guilherme de Champeaux.⁵⁶

E foi então que começaram os problemas. Num primeiro momento o mestre Guilherme de Champeaux recebe-o com entusiasmo, mas depois, ao ver-se contestado diante dos seus discípulos, escorraça-o sem a menor cerimônia. Abelardo, no entanto, não se deixa abater tão facilmente: abre a sua própria escola em Melun, a uns cinquenta quilômetros de Paris, e declara:

Não demorou para a minha fama no campo da dialética espalhar-se por toda parte e, pouco a pouco, não só ofuscou a dos meus antigos companheiros de estudos como também a do meu próprio mestre Guilherme de Champeaux.

A partir daí ninguém pode pará-lo: abre uma segunda escola em Corbeil e, quando fica sabendo que o seu antigo mestre e atual inimigo Guilherme decidiu aposentar-se, fica no lugar do próprio, embora só por um breve período.

Quanta dor e quanta inveja sentiu Guilherme no dia em que passei a dirigir a escola de dialética. Lívido de bilis e vermelho de raiva, tentou astuciosamente fazer com que me afastassem de novo. E uma vez que a inveja é como o vento, que tão mais alto é o topo da árvore, mais ele o sacode, fui forçado a mudar-me outra vez para Melun.⁵⁷

Entre uma escola e outra, entretanto, acontece um fato determinante. Abelardo conhece Heloísa, uma jovem estudante, e a sua vida muda de repente. Em outras palavras: descobre a existência do sexo.

*Até aquele momento eu nunca tinha frequentado imundas prostitutas, tendo tomado a decisão de dedicar-me exclusivamente aos estudos dos textos sagrados. Mas Heloísa era outra história: não tanto quanto à beleza, superava todas as suas colegas quanto à cultura, qualidade esta muito rara entre as mulheres. Era a sobrinha de um certo Fulberto, um velho cônego que gostava muito dela.*⁵⁸

Em resumo: Abelardo e Heloísa ficam apaixonados. Ele está com quarenta anos, ela com dezesseis. Para encontrar-se com ela mais livremente, então, o filósofo decide alugar um quarto na casa do tio.

Fulberto era muito ganancioso quanto a dinheiro e desejava que a sobrinha se aperfeiçoasse nos estudos literários.

Deu-me até a permissão de bater nela se a jovem não se esforçasse. Eu fiquei pasmo: era como confiar uma jovem ovelha a um lobo faminto. Abríamos os livros mas só conversávamos de amor, nunca de filosofia.

*Havia mais beijos do que explicações. E as minhas mãos apalpavam mais o seu seio do que os livros. Não demorou muito tempo para Heloísa perceber que estava grávida. Contou-me isso na maior felicidade e perguntou-me o que deveria fazer. De forma que certa noite, quando o tio estava ausente, raptei-a e levei-a para a minha aldeia, onde ficamos até o nascimento do menino ao qual demos o nome de Astrolábio.*⁵⁹

Depois de tornar-se pai, Abelardo volta a Paris e se casa com Heloísa. Para evitar o escândalo, no entanto, celebra o casamento de noite: os dois saíram da igreja separados e a partir de então, só se encontraram às escondidas. Mas o tio Fulberto ficou engasgado com o fato de Abelardo ter-se aproveitado da sobrinha, e...

certa noite, depois de subornar um dos meus criados, enquanto eu dormia, castigou-me com a mais cruel e infamante das vinganças: mandou cortar aquela parte do meu corpo que havia cometido o crime. Na manhã seguinte a aldeia inteira se juntara diante da minha casa.

*Narrar agora o horror, o pasmo, os lamentos e os gritos dos amigos seria muito difícil e talvez impossível.*⁶⁰

Nem todos choraram, no entanto. O seu outro antigo mestre, Roscelim, chegou a fazer troça. Enviou-lhe uma carta na qual dizia: “Há partes do seu corpo que valem muito mais. Agradeça a Deus que só lhe tiraram aquilo.” Mas Abelardo não achou a menor graça: retirou-se num mosteiro e mandou Heloísa fazer o mesmo. Ele se tornou monge em Saint-Denis, e ela freira em Argenteuil. Daquele dia em diante só mantiveram contato por carta.⁶¹ Suas cartas são fascinantes. Aconselhamos calorosamente a leitura. De qualquer forma, na medida do possível, tentarei resumir pelo menos as quatro primeiras.

A primeira carta de Heloísa

Ao seu amo, aliás pai, aliás irmão, aliás esposo; a sua criada, aliás filha, aliás irmã, aliás esposa: para Abelardo da sua para sempre Heloísa.

A terrível afronta que foi infligida ao teu corpo faz entender toda a inveja que existia ao teu respeito. Sabes quanto te amei e continuo amando.

O que me prendeu não foi o vínculo do matrimônio mas sim o meu amor. Deus é testemunha: eu sempre acatei as tuas ordens.

Por ti estou disposta a ser chamada de esposa, amiga, amante e até amásia. Se o próprio Augusto me tivesse pedido pessoalmente para ser mulher dele, eu teria preferido ser puta contigo, antes que imperatriz com ele.

Tu tens duas coisas que geralmente os filósofos não têm: o fascínio da palavra e a graça dos teus versos.

A carta continua mantendo mais ou menos o mesmo tom até que, no fim, a jovem parece tomar coragem e se queixa do fato de ele nunca mais ter aparecido:

Diz-me somente por que desde a nossa clausura me abandonaste. Não vens visitar-me, não me escreves.

O teu interesse por mim era só atração física, e não amor? Em nome de Deus eu suplico: aparece. No passado, quando me procuravas para satisfazer tuas torpes vontades, sempre escrevias. Agora, não mais.

E eis aqui, em resumo, a resposta de Abelardo.

A primeira resposta de Abelardo

A Heloísa, caríssima irmã em Cristo, Abelardo seu irmão em Cristo. Se depois da nossa fuga do mundo ainda não te escrevi uma palavra sequer, isto se deve ao fato de eu ter por ti imensa estima.

Achei que uma mulher como tu não precisasse deste tipo de ajuda. És a única capaz de levar de volta ao bom caminho quem errou, e sabes encorajar quem ainda está em dúvida. Como? Com a oração. É necessário que nós, para expiarmos os nossos numerosos pecados, oremos ao Senhor. Sabes muito bem quão eficazes são as rezas das mulheres.

A continência e a castidade das freiras é o que de mais eficaz existe nestes casos. Lembra-te sempre de mim nas tuas orações e nunca te canses. Deus Pai, tenho certeza disto, terá misericórdia de nós.

A segunda carta de Heloísa

Àquele que é tudo para ela depois de Cristo. Surpreende-me que tu, meu único bem, anteponha na tua carta o meu nome ao teu, isto é, a mulher antes do homem, a esposa antes do marido, a criada antes do amo, a freira antes do monge. E mais uma coisa deixou-me

atônita: a tua carta deveria ter sido um consolo, e ao contrário aumentou os meus prantos e a minha dor.

Escreves que estarias pronto a morrer, mas como podes pensar que eu, depois, poderia continuar a viver sem ti?

“Qual é a necessidade”, disse Sêneca, “de antecipar as desgraças e perder a vida antes mesmo de morrer?”

Eu, infeliz e aflita entre todas as mulheres. Tu levantaste-me ainda mais alto só para aumentar a minha dor na queda. Enquanto entregávamo-nos aos prazeres da luxúria, Deus fingiu não estar vendo, mas depois castigou-nos: e nem mesmo o nosso casamento abrandou a sua cólera. O Maligno sabe até bem demais como usar uma mulher para arruinar um homem. Éramos dois, a pecar, mas só tu tiveste de pagar. Agora eu também sofro. Por tempo demais entreguei-me aos prazeres da carne e este é o justo castigo. Persegue-me a lembrança. Até durante a Missa, quando a oração deveria fazer-me sentir mais pura, as lembranças atormentam a minha mente, e em lugar de arrepender-me, tenho saudade daquilo que perdi. As pessoas louvam a minha castidade só porque não sabem que no fundo não passo de uma hipócrita. A minha habilidade em fingir consegue enganá-las, mas eu não me curei: penso em ti, te amo, te quero, te desejo, como antes, mais do que antes.

A segunda resposta de Abelardo

À esposa de Cristo, o seu criado. Em quatro pontos demonstras a tua alma ofendida. Primeiro admoestas-me por ter escrito o teu nome antes do meu, depois acusas-me de ter atijado em vez de abrandado os teus prantos, depois entregas-te mais uma vez às queixas em relação a Deus, e finalmente convidas-me a não superestimar os teus verdadeiros méritos.

Responderei a cada ponto. No que diz respeito à fórmula da saudação acatei o costume que exige o nome do superior antes daquele do inferior, e tu, deixa que o diga, és-me superior. Quanto à segunda acusação, tu mesma pediste que te mantivesse informada acerca das minhas aflições, e não esqueças de qualquer forma o que diz o Apóstolo: “Todos aqueles que almejam viver em Jesus Cristo precisam sofrer.”

Terceiro ponto: lembra-te de tudo aquilo que Deus fez por ti.

E quanto, finalmente, à recusa de qualquer louvor, estou de acordo. Alguém já disse que “quem se humilha se exalta” e eu desejo que te humilhes mais.

Seguem-se mais oito cartas: as de Heloísa, cada uma mais pungente do que a outra, as de Abelardo, todas inspiradas pelo arrependimento e pelo amor por Cristo. O que dizer? A meu ver ela era um ser delicioso, uma pessoa excepcional, sempre sincera. No que diz respeito a ele, no entanto, já não tenho tanta certeza: ou era um carola arrependido, ou um grande fingido.

Mas a história não acabou. O primeiro a morrer foi Abelardo em 1142. Ela o seguiu vinte e dois anos mais tarde e, antes de exalar o último suspiro, pediu a Pedro, o Venerável, para ser enterrada junto com o seu grande amor. Disse que aquele havia sido o último desejo de Abelardo. O Venerável contentou-a, mas nos séculos seguintes os despojos foram transferidos para sepulturas separadas até que, no fim do século XVIII, colocaram-nos novamente juntos nos

subterrâneos da capela de Saint-Léger: mas botaram uma chapa de chumbo entre os dois amantes para que os esqueletos não se aproveitassem da situação.

⁵⁶ Abelardo, *Storia delle mie disgrazie*, Garzanti, Milão, 1974.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Abelardo, *Lettere di Abelardo e Eloisa*, Rizzoli, Milão, 1996.

XX

AVERROÉS

Gosto do nome Averroés, soa bem. Lembro-me de um cavalo de corrida, um trotador, que se chamava Averroés. Apostei dez liras e ganhei sessenta. Sessenta liras da época, é claro. Fica justamente entre as minhas mais bonitas lembranças: não é fácil acertar num vencedor que pague seis por um. Atualmente, no entanto, as pessoas de cultura pelo menos mediana conhecem-no como um filósofo aristotélico.

Apesar de árabe, Averroés, ou Ibn Rushd, se preferirem, pertencia à cultura ocidental. Nasceu na Espanha, em Córdoba, em 1126. Como filósofo, foi o mais racional entre todos aqueles que encontramos até aqui. Podemos dizer logo que era um admirador fanático de Aristóteles e que trocou amiúde as cartas na mesa só para fazer com que todos se apaixonassem por ele. Dizia de Aristóteles: “É aquele que colocou a palavra fim na filosofia”, e para convencer os outros disto levou a cabo nada menos de três traduções diferentes do grego, com três níveis diferentes de dificuldade. Acreditava, por exemplo, que neste mundo existem vários tipos de comunicadores: os filósofos que falam entre si, os teólogos que falam para os discípulos, e os pregadores que falam às massas. Daí os três tratados: *O comentário grande*, *O comentário médio* e *O comentário pequeno*. Todos os acadêmicos, no meu entender, deveriam seguir o exemplo de Averroés e fazer três versões de cada ensaio: seria melhor para eles e melhor para nós. Até Dante Alighieri cita-o com admiração, obviamente no Inferno,⁶² e define-o “*l’Averois che ’l gran comento feo*” (“o Averroés que fez o grande comentário”). Não se sabe por que o mesmo Dante coloca por sua vez no Paraíso um dos mais acalorados admiradores do filósofo, um tal Siger de Brabant, atribuindo-lhe até “luz eterna”.⁶³ Mistérios da *Divina comédia*!

As ideias que distinguem Averroés dos demais filósofos são duas: a ideia do não nascimento do Universo e a ideia da compatibilidade entre a filosofia e o Corão. Vamos examiná-las.

A primeira é aquela segundo a qual Deus e o Universo teriam nascido juntos, no mesmo instante ou, melhor dizendo, simplesmente não teriam nascido. Para entendermos este conceito precisamos aceitar a ideia de a eternidade não ser uma dimensão relacionada com o tempo: não é um filme que começa com os créditos e acaba com a palavra FIM. Assim como é errado dizer “antes de Deus”, também seria errado dizer “antes do Universo”, uma vez que nem Deus nem o Universo têm um “antes” e um “depois”. A única concessão divina é a de fazer com que os seres vivos acreditem que o tempo passa, quando na verdade, sendo cíclico, não só não passa como volta ao ponto de partida. Não acreditar na eternidade também faz desmoronar a necessidade de acreditar na alma e no Além, e isso não é pouca coisa.

No seu *De anima*, Averroés afirma que alguns indivíduos têm mais predisposição do que

outros para acolher os conceitos inteligíveis, mesmo que depois os percam para sempre logo que o corpo se desfaz. O mesmo que dizer: “Enquanto você está vivo, é alguém, mas depois disto, meu caro, sinto muito mas não há mais nada que você possa fazer. A morte nivela”, como disse oitocentos anos mais tarde um filósofo de que gosto muito.

A segunda ideia é aquela pela qual não haveria qualquer incompatibilidade entre o Corão e a filosofia. E aí a coisa complica! Averroés, de qualquer maneira, não se deu por vencido até encontrar no Corão alguns trechos que confirmavam a sua tese. Por outro lado, no livro sagrado dos muçulmanos há conceitos às vezes contraditórios: alguns falam de criação a partir do nada, outros de alguma coisa que se transforma em alguma outra coisa, tudo isso enquanto “Alá, sentado no trono, observa e paira acima das águas”, quer dizer, cuida da sua própria vida. Resultado: o nosso filósofo acabou sendo objeto de muitas críticas. Quem o atacou, no entanto, foi por sua vez castigado. Ao colega al-Ghazali, que alguns anos antes escrevera *A destruição dos filósofos* justamente para incriminar Aristóteles e os seus seguidores, Averroés dedicou um livro inteiro intitulado *A destruição da destruição dos filósofos*.

Por outro lado, todos aqueles que acreditam no Além (de Deus, de Iavé ou de Alá, tanto faz), e portanto no Paraíso, no Purgatório e no Inferno, não podem aceitar uma filosofia que tira dos sacerdotes todos os instrumentos necessários para chantagear os fiéis. Na ausência de um Além, ninguém poderia continuar dizendo a um pecador: “Arrependa-se, meu filho, e peça perdão a Deus, pois do contrário irá se dar mal.”

Averroés começou como médico palaciano. Além da medicina conhecia muito bem a teologia, a jurisprudência, a matemática e a filosofia. Em resumo, era aquilo que hoje em dia nós chamaríamos de mente eclética. Além disso, quando já tinha trinta anos, tornou-se *cádi*, isto é, juiz popular, e finalmente cultor e tradutor de Aristóteles. Parece que quem o convenceu a dedicar-se à filosofia foi o próprio califa Yussuf. Averroés conta-nos isso num dos seus escritos:

Certo dia Abu Yakub Yussuf mandou chamar-me e queixou-se comigo da linguagem obscura de Aristóteles.

– Por que não o estuda em profundidade – disse-me – para então explicá-lo aos outros? Você tem todos os requisitos para fazer isso. Eu não posso pois tenho outras coisas para cuidar.

Apesar do endosso do califa, entretanto, os integralistas islâmicos, os durões, aqueles para os quais só pronunciar o nome de Alá equivalia a cometer um sacrilégio, tornaram-lhe a vida difícil. E vejam bem que o coitadinho tinha demonstrado que não havia motivo de conflito entre a filosofia e a religião maometana, acrescentando que “proibir a filosofia com a desculpa que poderia afastar os fiéis de Alá era como proibir a água a um sedento com a desculpa de que poderia morrer afogado”.⁶⁴ Mas não adiantou. Disseram dele cobras e lagartos: que era um cínico, um racionalista, um homem “de dupla fé” e um falador de “dupla língua”.

Acabaram exilando-o no Marrocos, em Marrakech, onde morreu aos setenta e dois anos, para imensa satisfação dos seus adversários.

⁶² Dante, *Divina comédia*, Inferno, IV, 144.

⁶³ Ibid., Paraíso, X, 136.

⁶⁴ Averroés, *O tratado decisivo*, Rizzoli, Milão, 1994, p. 45.

XXI

MAIMÔNIDES

O meu filósofo medieval preferido sempre foi o judeu Maimônides, pela precisão, Moshe bem Majmôn. Ele também, como Averroés, nascido em Córdoba no começo do século XII, e médico praticante. Por que preferido? Porque escreveu um livro intitulado *Guia dos perplexos*, todo dedicado àqueles (como eu) que repudiam tanto a fé quando o ateísmo. Na prática, Maimônides diz: vamos fazer hipóteses, quem sabe até otimistas, e esperemos que elas se realizem.

Nesta altura sinto-me na obrigação de confessar: quando alguém me pergunta a quantas ando no que diz respeito à religião, sempre respondo: “Graças a Deus sou ateu.” Obviamente só digo isto para não perder a chance de fazer graça: na verdade não é bem assim. Considero o crente e o ateu dois pretensiosos que se declaram seguros de certos princípios, mas que na verdade só estão tateando no escuro. E também confesso: espero ardorosamente que vença o primeiro. Enquanto isso, prefiro definir-me agnóstico, ou no máximo uma pessoa em dúvida, mas positiva. Tudo bem, portanto, se houve um filósofo que dedicou um livro inteiro aos perplexos. Invejo os crentes, mas amo os incertos e todos aqueles que os defendem!

Maimônides, coitado, tentou conciliar a filosofia (principalmente a de Aristóteles) com o Corão e as Sagradas Escrituras. Obviamente não conseguiu. Mesmo assim, uma vez que se dirigiu exclusivamente aos filósofos, criou pelo menos as condições para que pudéssemos discutir certos assuntos em praça pública sem por isto sermos considerados descrentes ou hereges. No fundo ficava torcendo por Aristóteles, mas sempre de forma comedida, sem alarde.

Dizia que a ciência, a filosofia e a religião podiam conviver como se fossem irmãs. Então acrescentava: “Não há motivo para não imaginarmos um Criador na origem de todas as coisas, e uma Criação surgida a partir de um determinado momento. O fato de o Universo ser eterno não quer dizer que ele também não possa ter tido um começo.”

Em resumo, Maimônides era uma pessoa tolerante e, como todos os defensores da Dúvida, ouvia com a devida abertura mental qualquer tese que não ofendesse a lógica.

Uma outra coisa que me faz gostar de Maimônides é o fato de ele nunca ter apreciado os astrólogos e os magos em geral. Certo dia, como resposta a uma comunidade judaica residente na França, segundo a qual todas as ações humanas já teriam sido definidas pelas constelações, ele disse: “Parem com essas bobagens: a responsabilidade das ações humanas só cabe aos que as cometem, e somente os idiotas ou os vigaristas podem atribuir a culpa aos astros.”

Quanto a este assunto em particular, Maimônides acredita que no Céu haja dez esferas inteligentes de valor crescente e que a décima, por ele chamada de Intelecto Agente, seja o mais alto grau de inteligência possível. Abaixo das dez esferas, então, haveria o nosso mundo, o sublunar, onde cada ser teria cinco faculdades: a nutritiva, a sensitiva, a apetitiva, a imagética e a intelectiva. Como se dissesse que nascemos animais e morremos humanos. Uns mais, outros

menos, obviamente.

Só espero que o Senhor leve em conta o ânimo bondoso de Maimônides e perdoe as suas perplexidades. Acredito que quando ele se apresentou no Paraíso, Deus lhe disse: “Está vendo? Eu existo!”

E ele: “Isso mesmo. Fico contente, principalmente pelo Senhor.”

XXII

JOAQUIM DE FIORE

Vamos falar a verdade: até agora toda a atenção dos filósofos cristãos foi dedicada ao Pai e ao Filho, enquanto o Espírito Santo recebeu muito pouca, para não dizer nenhuma. A maioria dos padres da Igreja, de fato, só se lembrara do Espírito Santo para tornar crível a virgindade de Maria. No mais, quase não chegaram a mencioná-lo. Pois bem, coube justamente ao filósofo Joaquim da Fiore revalorizá-lo com esta declaração: “A história da humanidade pode ser dividida em três eras consecutivas, cada uma diferente da outra: a primeira, a que vai da Criação do Universo ao nascimento de Jesus, quando quem comandava era o Pai, a segunda, do nascimento de Jesus até hoje, caracterizada pelo Filho, e a terceira, a que está a ponto de começar justamente agora, sob o comando do Espírito Santo. Também são três os ideais nos quais inspirar-se: a Lei, a Graça e a Liberdade.”

Nem todos gostaram, no entanto, desta tentativa de equiparar as três Pessoas da Trindade. Havia quem colocasse Deus em primeiro lugar, Jesus em segundo e o Espírito Santo em terceiro. Outros, por sua vez, punham Jesus em primeiro, Deus em segundo e o Espírito Santo em terceiro. Mas ninguém, ninguém mesmo, que tivesse dado mais espaço ao Espírito Santo.

Quem acabou ajudando Joaquim nesta reavaliação da Santíssima Trindade foi o próprio Dante, quando no Purgatório afirmou sem meias palavras que...

*Louco é quem espera que a nossa razão
Possa percorrer o caminho infinito
Que tem uma substância em três pessoas.*

*Fique contente, espécie humana, com o quia;
Pois se lhe fosse possível saber tudo
Não precisava conceber e parir, Maria.*⁶⁵

Equivale a dizer que, se o Espírito Santo teve tanto trabalho para fazer com que Maria parisse, devia forçosamente haver um bom motivo.

Joaquim de Fiore, “o calabrés abade Joaquim de espírito profético dotado”,⁶⁶ nasceu em Celico, perto de Cosenza, em 1130 e morreu em 1202 numa pequena aldeia na floresta da Sila chamada San Giovanni in Fiore. No começo tornou-se monge, mas depois percebeu que ficar trancado num mosteiro seria o mesmo que desperdiçar a vida e achou por bem fazer romarias por toda a Itália para dedicar-se à pregação. O seu problema fundamental era o caráter. Vamos dizer a verdade: era um terrível criador de casos. Ao longo da vida só fez brigar, principalmente com as autoridades religiosas. Tanto assim que foi condenado por heresia e “triteísmo” por um concílio lateranense organizado só por causa dele. Mas o que vem a ser o tal

“triteísmo”? Quer dizer acreditar em três divindades em lugar de uma só. Joaquim era culpado de ter até escrito a respeito um livro inteiro intitulado, justamente, *Libellus de unitate et essentia Trinitatis*.

Na realidade, as suas ambições não se limitavam apenas a uma mera revalorização do Espírito Santo. No seu entender, a Igreja, nos últimos séculos, havia passado por um grave processo de involução: de uma vida feita de renúncia e de oração ela passara a uma ostentação de relaxamento digno das piores cortes medievais; e tudo por culpa das autoridades eclesiásticas que haviam assumido o poder. Ele, Joaquim, com o anúncio da terceira Era, a do Espírito Santo, queria deixar de sobreaviso todos os chefões da cristandade, inclusive o Papa, para que recuperassem o antigo espírito dos padres da Igreja. Como bem sabemos, a sua tentativa deu em nada: uma coisa era bancar o monge na Calábria e outra, o cardeal em Roma.

O seu maior desejo era ver os cristãos e os judeus caminharem de braços dados depois de tornar o Antigo e o Novo Testamentos um texto único. “Se Deus existe”, costumava dizer, “só pode ser Um, e então que sentido pode haver em chamá-lo com nomes diferentes?”

Obviamente não conseguiu unificar as duas religiões; em compensação, entretanto, foi muito amado pelos mendigos que fizeram dele o seu guia espiritual, enquanto era ao mesmo tempo considerado uma imensa chateação pelos ricos. Para falarmos em termos atuais, podemos dizer que era um extremista da cristandade, muito à esquerda dos padrões admitidos: os pobres estavam com ele, e os menos pobres do lado contrário. O mesmo que admitir de uma vez por todas que certas posições continuam de qualquer forma as mesmas de sempre. Que se trate de política ou de religião, lá no fundo, na base de tudo, há sempre a inveja de um lado e o egoísmo do outro.

Depois de uma viagem ao Oriente, Joaquim fundou uma ordem religiosa chamada dos Florenses ou dos Joaquitimitas, dedicada à contemplação. Contam que os seus seguidores ficavam ajoelhados, formando um círculo um ao lado do outro, contemplando o céu em silêncio, absolutamente imóveis. Às vezes podiam tocar o saltério, um instrumento musical em forma de triângulo que, evidentemente, fazia com que se lembrassem da Santíssima Trindade.

⁶⁵ Dante, *Divina comédia*, Purgatório, canto III, 34-39.

⁶⁶ Ibid., Paraíso, canto XII, 140-141.

XXIII

ROBERTO GROSSATESTA

Nasce na Inglaterra por volta de 1170, torna-se frade franciscano, é eleito chanceler da Universidade de Oxford e, alguns anos mais tarde, bispo de Lincoln. Pois bem, embora sendo cem por cento inglês, ele se chamava Grossatesta,⁶⁷ coisa que de alguma forma me faz lembrar um ilustre cavalheiro napolitano dos anos 1930: o marquês Roberto Mezacapa,⁶⁸ último cidadão italiano a ser condenado por homicídio só por ter matado em duelo regular com a pistola um rival no amor. Juntamente com o marquês também foram presos os padrinhos e todos aqueles que haviam assistido ao duelo, inclusive a nobre dama pela qual se haviam desafiado. Esta lembrança, de qualquer maneira, só se deve à semelhança entre os dois sobrenomes, uma vez que o Mezacapa napolitano, no que diz respeito à filosofia, era de uma ignorância total. Mas vamos examinar, em vez disso, o motivo que me levou a incluir o bispo inglês nesta pretensa história da filosofia medieval.

Roberto Grossatesta é conhecido pela sua teoria sobre a luz. Segundo ele, com efeito, todos os corpos são feitos de matéria e de luz, no sentido que ocupam algum espaço com o seu corpo e um espaço muito maior com a sua imagem. Mas cuidado, no entanto, para não confundir aquilo que se vê com aquilo que se toca com a mão: a luz que emana da matéria, com efeito, é visível enquanto enfocada por outra luz, de nível totalmente diferente, que vem de cima e atesta a existência de Deus. Graças a esta luz (*lumen*) que emana acima das nossas cabeças torna-se possível subir uma espécie de escada formada por nove esferas celestes, a mais baixa das quais é a da lua, e quatro esferas terrestres que pertencem respectivamente à água, ao fogo, ao ar e à terra. É claro que para se chegar aos últimos degraus da escada é imprescindível ter pelo menos um pouco de fé.

Esta teoria marca a volta ao pensamento de santo Agostinho. Para o grande filósofo também, de fato, o conhecimento é alguma coisa que vem de cima, como uma espécie de iluminação divina. Em seu tratado *Sobre a verdade*, Roberto Grossatesta diz textualmente:

Assim como os olhos do corpo não podem ver as cores se não forem iluminados pela luz, os olhos da mente são cegos se não forem iluminados pela luz de Deus.

O frade filósofo, ao ensinar em Oxford, desvia os seus alunos das matérias do trívio para as do quadrívio, e particularmente para a ótica e a física. Tudo, no seu entender, podia ser reduzido a uma fórmula matemática. A luz, afirmava, é como uma matéria extremamente sutil, pouco mais densa do que o ar, que se espalha continuamente até encontrar alguma coisa que a bloqueia. Se porventura não encontrasse coisa alguma, iria continuar o seu caminho ao infinito, até chegar aos confins do universo e portanto, em outras palavras, ao próprio corpo de Deus. Logo em

seguida acrescenta: se quiserem ter um contato físico com o Criador, basta que fiquem no sol de olhos fechados. Não demorarão a perceber a presença de Deus em sua pele através do calor.

Outra paixão dele: o grego. Para que os seus patrícios pudessem entender melhor os clássicos, traduziu do grego muitas obras de Aristóteles, de Platão e de Dionísio, o Aeropagita. De própria autoria, por sua vez, escreveu vários tratados de filosofia, entre os quais o *Comentário das sentenças*, as *Considerações sobre os seis dias*, um texto *Sobre a verdade* e principalmente o *De luce*, um tratado de física em que o mistério da Criação é explicado nos mínimos detalhes recorrendo à ótica.

⁶⁷ Cabeças Grandes, em italiano. (N. do T.)

⁶⁸ Meia Cabeça, em napolitano. (N. do T.)

XXIV

SÃO BOAVENTURA

Caro leitor, se você vivesse na Idade Média e quisesse de qualquer maneira tornar-se frade, abrir-se-iam à sua frente dois caminhos: ou dominicano, ou franciscano. Dois caminhos diferentes com objetivos diferentes: o primeiro cultural, o segundo ascético, ambos nascidos no começo do século XIII, e ambos ricos de significado. A ordem de são Domingos, *Ordo fratrum praedicatorum*, toda dedicada ao estudo e à luta contra as heresias. A de são Francisco, *Ordo fratrum minorum*, toda devotada à renúncia dos prazeres terrenos. De um lado, os cultos, e do outro, os pedintes. Mas cuidado para não confundir os franciscanos com os mendigos de rua: o modelo de vida escolhido por são Francisco é o que de mais ascético se possa imaginar. Os franciscanos, aliás, nem foram os únicos a fazer esta escolha: só para citar alguns nomes, houve os humilhados e os autoflageladores. Todos mais ou menos enfocados na renúncia dos bens materiais e todos decididos a contestar o luxo muitas vezes ostentado pelas altas hierarquias eclesiásticas.

Quando são Francisco vai procurar Inocêncio III para explicar-lhe as suas ideias, fala logo da *Regula prima*, isto é, da pobreza entendida como afastamento dos prazeres e desprezo pelo corpo. Para tornar-se franciscano não era necessário qualquer preparo cultural: amar o próximo era mais do que suficiente. Isso não impede que a Ordem tenha contado com alguns exímios intelectuais, entre os quais Alexandre de Hales, o primeiro franciscano titular de teologia na Universidade de Paris.

São Boaventura nasceu em 1221 na pequena aldeia de Bagnoregio, perto de Viterbo, e ficou na história como o “segundo fundador da Ordem franciscana”. Na verdade, afastando-se um pouco de são Francisco, conseguiu enfiar na *Regula* uma pontinha de pragmatismo. Disse: “Tudo bem com a pobreza, mas não precisamos exagerar: que os frades disponham pelo menos do mínimo indispensável para sobreviver.” Por indispensável entendia-se um prato de comida e um pedaço de pano para não morrer de fome e de frio. Os mais observantes, no entanto, defendiam que na vida “é preciso não possuir coisa alguma: nem bordão nem alforje nem pão nem dinheiro, e tampouco duas batinas, uma para o verão e outra para o inverno”. Ele, são Boaventura, só acreditava em Jesus e, por caminhos subordinados, em Platão. Muito bonita uma sua definição de Deus: “É uma esfera inteligível cujo centro está em toda parte e cuja circunferência está em lugar nenhum.” Tornou-se arcebispo de Albano e morreu em 1274, no mesmo ano de são Tomás.

Para Boaventura, cujo nome verdadeiro era João de Fidenza, a única finalidade da filosofia era fazer com que nos lembrássemos da brevidade da vida. Cito alguns exemplos. Exemplo número um: “Perdi na Supersena por um triz. Saiu o 34 em lugar do 35.” “E por que você se importa?”, diria são Boaventura, “mais cedo ou mais tarde, de qualquer maneira, você vai ter de

morrer.” Exemplo número dois: nas últimas eleições a coalizão dos partidos de direita venceu a dos partidos de esquerda. “E daí?”, replicaria são Boaventura. “De qualquer maneira, na próxima vida não vai haver nem esquerda nem direita.”

Os seres humanos só têm uma razão de ser: enquanto representam a ideia do divino na Terra. Tudo mais é apenas *vana curiositas*. O problema é que correm o risco de tornar-se tão vaidosos a ponto de poder mudar o seu próprio destino. O sentido da vida pode ser resumido pelo título que Boaventura deu a uma das suas obras mais famosas: *Itinerarium mentis in Deum*.

Neste escrito diz que na mente humana existe uma *ratio inferior* e uma *ratio superior*. A primeira, a razão inferior, serve a resolver os problemas práticos, os de todos os dias, enquanto a segunda, a superior, faz com que possamos intuir o mundo do espírito. Confiemos portanto na *ratio superior*, na esperança de que tudo dê certo.

No começo, na época de Adão e Eva, não tínhamos de nos preocupar com todos estes problemas mas então, infelizmente, o pecado original deu-nos uma rasteira cujas consequências nós continuamos a sofrer até hoje. O que fazer para melhorar a nossa situação? Em seus conselhos são Boaventura não é igualmente claro. Afirmo que tudo depende do nível em que cada um se encontra. Quer dizer, terá de arrepender-se de um jeito diferente se pertencer ao *vestigium*, à *imago* ou à *similitudo*. O *vestigium* é próprio das criaturas sem juízo, aquelas que não raciocinam; a *imago*, por sua vez, é própria das que pensam, e a *similitudo* daquelas que já se sentem próximas de Deus.

Quanto a mim, devo admitir que desconheço qual seja o meu nível: não sei, por exemplo, se até hoje já cometi muitos pecados ou se não cometi nenhum. Às vezes tenho a impressão de ter sido um grande pecador, mas também há horas em que me parece nunca ter feito coisa pior do que estacionar em fila dupla. Como é que fica, então?

Agora muitos irão certamente ficar escandalizados, mas não posso deixar de citar outro Boaventura, um personagem dos anos 1930 que me foi muito querido. Era o protagonista de uma tira do *Corriere dei Piccoli*. Um Boaventura que nada tinha a ver com o filósofo do qual acabamos de falar. Enquanto o primeiro, franciscano, gabava-se de ter conseguido tomar distância do dinheiro, o segundo não pensava em outra coisa. A tira sempre começava com a mesma frase:

Aqui começa a aventura do senhor Boaventura

e sempre acabava com alguém que, para agradecer-lhe algum tipo de ajuda ou de favor recebidos, doava-lhe infalivelmente um milhão. Outros tempos, aqueles, outro valor do dinheiro! Nenhum italiano tinha visto um milhão todo junto, um milhão em dinheiro vivo, e nós meninos só podíamos imaginá-lo assim como o mostrava o *Corriere dei Piccoli*⁶⁹: uma folha do tamanho de papel almaço na qual aparecia a escrita UM MILHÃO. Depois vieram a guerra, a inflação, e até o senhor Boaventura acabou na miséria.

⁶⁹ Revista infantojuvenil publicada pela mesma editora do jornal *Corriere della sera*, de Milão. (N. do T.)

SANTO ALBERTO MAGNO

Vamos passar agora de um franciscano para um dominicano: de Boaventura para Alberto Magno, conde de Bollstädt, nascido por volta de 1200 em Levingen, na Suécia, mestre de teologia em Paris, no Bairro Latino.

Alberto Magno ganhou o cargo devido a uma greve estudantil. Pois é, isso mesmo: “como consequência de uma greve estudantil”. Percebo que pode parecer difícil imaginar uma greve estudantil no século XIII, mas foi o que aconteceu. Diante disso os professores deixaram a escola e foram embora de Paris. Dois anos mais tarde, em 1231, a escola dominicana voltou a funcionar e a cátedra, depois de algumas tentativas que não deram certo, foi entregue a Alberto de Bollstädt.

O filósofo passou uma boa parte da sua vida estudando as obras de Aristóteles e, como todos os que tentaram o mesmo, viu-se diante do costumeiro dilema: “É melhor a Fé ou a Razão?” Talvez o próprio Aristóteles, se tivesse vivido naquela época, teria tido os mesmos problemas. O importante, de qualquer maneira, é ter inimigos e, graças a Deus, Alberto Magno encontrou um sob medida na pessoa do bispo de Paris, um certo Estêvão Tempier, que o acusou de heresia só por ter explicado aos alunos algumas teorias aristotélicas. Os dois falaram cobras e lagartos um do outro. Tempier pronunciou uma condenação articulada em duzentas e dezenove acusações, e Alberto Magno respondeu definindo-o “um animal selvagem que blasfema sem nem mesmo saber do que está falando”,⁷⁰ para então acrescentar: “Pode ser comparado com aqueles que mataram Sócrates, exilaram Platão e forçaram Aristóteles a deixar Atenas.”⁷¹

Na verdade, isso aconteceu porque Tempier e Alberto Magno vinham de escolas diferentes. Tempier da velha Escolástica, aquela onde a Filosofia era considerada uma humilde criada da Teologia, e Alberto da nova Escolástica, aquela em que a Filosofia e a Teologia eram duas matérias distintas e separadas que nada tinham em comum. Cada coisa, diz Alberto, pode ser examinada de dois pontos de vista diferentes: como *res in se* (coisa em si) e então pertence à Filosofia, ou como *res ut beatificabilis* (coisa beatificadora) e então pertence à Teologia. Aquilo que para a Teologia é verdadeiro, para a Filosofia é somente provável, toda a diferença consiste nisto. O choque entre Fé e Razão, como já vimos em outros casos, caracteriza toda a Idade Média até a Idade Moderna (entendendo por Idade Moderna o período histórico que começa com o Humanismo).

Alberto Magno, ou melhor, santo Alberto Magno, além de Paris ensinou em Ratisbona, Estrasburgo, Bolonha, Pádua e Colônia, onde teve como discípulo nada menos que Tomás de Aquino. Muitas vezes foi forçado a dar aula ao ar livre devido ao grande número de estudantes que queriam ouvi-lo. Há uma praça em Paris, praça Maubert, que ao que parece deve justamente o seu nome a Alberto Magno (com Maubert como contração de *Magister* e *Albertus*).

A dupla Alberto-Tomás marcou a filosofia de século XIII. Nunca até então, com efeito, houvera um mestre tão bom para abrir caminho a um seu discípulo. Querendo recorrer a uma expressão típica do voleibol, podemos dizer que Alberto levantava a bola para Tomás dar a cortada.

Ele, Alberto Magno, podia certamente ser considerado um homem bonito. Além de ter um porte elegante, também tinha boas maneiras e, obviamente, uma notável capacidade de se comunicar. Morreu bem velho: segundo alguns, com setenta e cinco anos de idade, segundo outros com oitenta e sete, quando no entanto já ficara surdo e praticamente cego. Escreveu um *Commentarius* das obras de Aristóteles em quatro volumes, o *De bono*, o *De adhaerendo Deo* e uma *Summa theologiae*, mas principalmente a *Summa de creaturis*, um resumo do seu pensamento que os amantes da filosofia medieval não podem de forma alguma ignorar.

⁷⁰ *Commentarii in opera b. Dionysii Aeropag.*, VII, 2.

⁷¹ *Politicorum Aristotelis (VIII lib.)*, I, VIII, 6.

XXVI

SANTO TOMÁS

Hoje em dia os intelectuais dividem-se em dois grandes grupos, os de esquerda e os de direita. No passado, por sua vez, e principalmente no século XIII, eles eram aristotélicos ou platônicos. Quem melhor caracterizou a postura mental dos dois grandes filósofos gregos foi Rafael, que mais tarde, no seu célebre quadro *A escola de Atenas*, apresenta-os um ao lado do outro: o primeiro, Platão, com um dedo em riste, apontado para o céu para indicar o ideal, e o segundo, Aristóteles, com a palma da mão aberta a indicar a terra e portanto a realidade concreta e tangível.

O mais importante dos aristotélicos foi sem dúvida alguma santo Tomás de Aquino, uma figura lendária que iria dominar todo o pensamento medieval mesmo depois da sua morte (basta pensar na sua influência sobre Dante Alighieri).

A vida

Tomás nasceu em 1225 na pequena aldeia de Roccasecca, perto de Cassino, e morreu em 1274, em Terracina.⁷² Era o oitavo ou nono filho de uns pequenos feudatários, os Aquino de Roccasecca. O pai, o conde Landolfo, até morava num castelo. Podemos imaginar, portanto, que Tomás teve uma infância serena. Quem mandava, naquela época, era o imperador Frederico II. De qualquer forma, depois de a sua candidatura a Montecassino não dar certo, o jovem mudou-se para Nápoles onde teve o seu primeiro contato com a filosofia aristotélica, para em seguida frequentar a Ordem dos pregadores dominicanos. A família, no entanto, não gostou nem um pouco do fato de o jovem querer tornar-se frade, tanto assim que, ao saber que ele estava viajando para o Norte com outros noviços, mandaram dois guardas atrás dele para pegá-lo e levá-lo de volta para casa, onde ficou praticamente preso por quase um ano. Ele aproveitou a ocasião para ler e aprender de cor toda a Bíblia. Contam que, para dissuadi-lo de tornar-se dominicano, certa noite introduziram no seu quarto uma prostituta nua. A tentativa, no entanto, acabou antes mesmo de começar, pois Tomás escorraçou-a com um tição ardente tirado da lareira, sem nem mesmo dar-lhe tempo de vestir a roupa. Depois disso teve um desmaio e sonhou que dois anjos o cingiam com uma faixa branca, símbolo de castidade.

Tomás era um homem grande, alto e corpulento, moreno, um tanto careca e de caráter esquivo. Quer dizer, um sujeito caladão, carrancudo: falava muito pouco e não se entrosava com os colegas da escola, a ponto de ter ganho o apelido de “boi mudo”. Então, certa vez, começou a falar durante a aula com tamanha profundidade de pensamento que o mestre Alberto Magno exclamou:

– Aquele que agora vocês chamam de “boi mudo” algum dia irá mugir tão alto que será

ouvido em todo o mundo civilizado.

Nunca houve uma previsão mais acertada.

Na qualidade de frade dominicano morou primeiro em Colônia e depois em Paris, no mosteiro da rua Saint-Jacques, onde, com apenas trinta anos, foi nomeado *Magister* em Teologia, e finalmente em Nápoles, onde passou o resto da vida ensinando (contam) ontologia em dialeto napolitano. Morreu relativamente jovem, com menos de cinquenta anos, enquanto estava indo ao Concílio de Lyon. Vinte anos depois foi nomeado santo pelo papa João XXII com a seguinte motivação: “Iluminou a Igreja mais do que conseguiram fazer os demais Doutores.”

A alma

Como já dissemos no começo, santo Tomás era um aristotélico com alguma queda pela filosofia árabe (só até um certo ponto, no entanto). Com as suas ideias acabou entrando em conflito com as autoridades universitárias, tanto em Paris quanto em Nápoles, e com todos aqueles que por qualquer razão preferiam Platão a Aristóteles. Motivo da contenda: a qualidade da alma. O que é a alma? Uma parte do corpo como o coração e o cérebro, diferente para cada pessoa, e além do mais imortal? Ou uma pequena partícula da Mente de Deus que por alguns anos vive dentro de nós, para depois voltar para casa no Intelecto de Deus, como aliás já tinham afirmado Avicena e Averroés? Os mais observadores fizeram-lhe notar que o fato de não acreditar numa alma individual era o mesmo que blasfemar, e ele saiu-se com um jogo de palavras: disse que existia uma “dupla verdade”, isto é, uma verdade filosófica baseada na Razão, e uma verdade teológica baseada na Revelação. Afinal de contas, ele frisou, que culpa tinha Aristóteles de ter nascido quatro séculos antes de Cristo? Se tivesse nascido depois, teria certamente adaptado o seu conceito de alma à fé cristã.

Não passou pela cabeça de ninguém que poderia haver uma terceira verdade, isto é, a não existência da alma.

A verdade

Já estava com quarenta anos quando escreveu um dos seus livros mais famosos, a *Summa contra gentiles* (naquele tempo eram chamados de gentios todos aqueles que não acreditavam na religião cristã, não porque fossem particularmente gentis, mas sim porque a palavra derivava do plural da palavra latina *gens*). Os “gentios” contra os quais ele argumentava eram quase sempre os maometanos. Contesta todos os pontos da crença deles e faz o possível para mostrar-lhes que tomaram o caminho errado. Vamos ver como ele enfrenta a tarefa.

Um homem, afirma, pode ser perito num campo mas não em todos. Se for um marceneiro, sabe como construir uma mesa, se for médico sabe como curar um doente. Ninguém, no entanto, sabe tudo. E o que vem a ser “tudo”? É a verdade. E quem poderá nos comunicar a verdade? A primeira resposta que vem à nossa mente é a Razão, mas a Razão, afirma Tomás, só pode nos ajudar em parte. De tanto raciocinar, com efeito, podemos chegar à existência de Deus e quem sabe até a imortalidade da alma, mas não a demonstrar a existência da Santa Trindade, da Encarnação e do Juízo Final. Só a Revelação pode desvendar certos mistérios. De alguma forma

as pessoas cultas, graças ao raciocínio, podem até dar um jeito, mas os ignorantes jamais poderão conseguir, e infelizmente, veja só, são justamente os ignorantes os que mais precisam acreditar.

A Razão, de qualquer maneira, embora subordinada à Fé, tem uma clara função específica: antes de mais nada demonstra a necessidade de um Criador, aí então deixa bem claras as vantagens da crença, e finalmente luta contra os que não acreditam. E ao chegarmos a este ponto vamos ver como a Razão raciocina.

O Motor Imóvel

Tudo aquilo que se move é movido por alguma coisa, e uma vez que não podemos voltar infinitamente para trás, acabamos entendendo que na origem do Universo deve haver alguma Coisa com o C maiúsculo que não se movia e que moveu o resto. Isto é o que Aristóteles diz na sua teoria do Motor Imóvel. Pena que na época de Aristóteles, de Deuses, isto é, de Motores Imóveis, houvesse pelo menos uns cinquenta. Na *Summa theologiae* santo Tomás não nos oferece apenas uma, mas sim cinco demonstrações da existência de Deus. A primeira é a já mencionada do Motor Imóvel. Mas também há as da Causa Primeira, da Necessidade, da Perfeição e do Escopo Final. Tira daqui, puxa dali, trata-se afinal sempre da mesma demonstração, quer dizer que deve ter havido um fundamento que sustenta todo o resto, e este fundamento chama-se Deus.

Como é Deus? Pois bem, talvez vocês não acreditem, mas na *Summa theologiae* santo Tomás descreve-o como se o tivesse conhecido pessoalmente, e depois de ficar lendo algum tempo, a gente acaba até acreditando. Em suma (e desculpem o trocadilho com a *Summa*) Deus seria assim: Imóvel, Necessário, Perfeito, Inteligente e, obviamente, Causa Primeira. Querendo, diz o santo, também seria possível descrevê-lo por “via negativa”, isto é, mencionando todas as imperfeições que não possui, só que levaria tempo demais.

E pensar que eu sempre o imaginei com uma longa barba, e só isto!

A ontologia

Em santo Tomás também a parte mais complicada do seu pensamento é a ontologia. Para entendermos melhor deveríamos estabelecer claramente qual é a diferença entre “Essência” e “Existência”, coisa que, sejamos francos, não é nada fácil!

A Existência, diz santo Tomás remontando a Avicena, é somente uma propriedade das coisas que existem, enquanto a Essência é alguma coisa mais, uma faculdade que está presa dentro de um ente e que o identifica mais do que qualquer outra definição. Essência e Existência, portanto, como ensina Aristóteles, estão uma para outra assim como Potência e Ato. O que significa? Significa que todas as coisas que vemos nada mais são do que forças potenciais que se transformaram em realidades atuais. O mundo representa portanto na forma de Ato tudo aquilo que antes Deus era em Potência. E o que fazia a Potência, quer dizer, Deus, antes de transformar-se em Ato? Nada, absolutamente nada. Já sei: alguns professores irão torcer o nariz lendo estas explicações; mas não poderão negar, de qualquer maneira, que elas ajudam a

entender. Pois bem, dizia Tomás, com a Razão nós podemos no máximo intuir a Existência de Deus, mas nunca a sua Essência.

Ainda não tinha completado trinta anos quando escreveu *O ente e a essência*. Evidentemente o problema ontológico fascinara-o desde o começo, desde o seu primeiro contato com Aristóteles.

A felicidade

A felicidade não consiste nos prazeres da carne, no poder, no dinheiro e em todas aquelas coisas pelas quais a maioria dos homens danam sua alma desde o momento em que acordam até a hora em que adormecem. A felicidade só está na possibilidade de poder olhar Deus cara a cara. E a propósito desta frase, Bertrand Russell logo avisa que é melhor não levá-la ao pé da letra demais, uma vez que Deus não tem cara.

Permanece de qualquer forma o fato de que também para santo Tomás a felicidade não pode ser alcançada nesta vida, mas sim apenas na próxima. Paciência, digo eu, mas enquanto isso vamos procurar pelo menos evitar a infelicidade.

Contam que pouco antes de morrer santo Tomás disse ao amigo Reginaldo: “Não tenho vontade de reler aquilo que escrevi. Ficaria com a impressão de só ter escrito coisas imprecisas e acabaria jogando tudo na fogueira.”

Eu também penso a mesma coisa, razão pela qual nem passa pela minha cabeça reler este capítulo.

⁷² Por falar em datas, quero precisar que todas as que citamos neste livro devem ser lidas com alguma condescendência, admitindo-se sempre uns poucos anos a mais ou a menos.

XXVII

ROGER BACON

Eu tinha um amigo que se chamava Filippo e que era do Partido Verde. Acontece que nunca consegui entendê-lo direito. Como “Verde”, era de se esperar que fosse um amante da natureza, uma pessoa com os pés bem assentados no chão, de ideias práticas e claras, mas, ao contrário, era um emotivo, um sonhador, um sujeito com o qual era impossível manter uma conversa racional. Certa vez, só por eu ter dito que no século XIX, embora ainda não houvesse poluição atmosférica, a doença mais difundida era a tuberculose e que a duração média da vida mal chegava aos quarenta e oito anos, acusou-me de ser um defensor da globalização e um amante da guerra (nunca entendi o que a guerra tinha a ver com o assunto). Pois bem, Roger Bacon parecia-se bastante com o meu amigo Filippo: por um lado acreditava na ciência e na natureza, por outro frequentava magos, adivinhos e pessoas não muito confiáveis. Basta dizer que, além de filósofo e matemático, também era alquimista e astrólogo. Mas afinal de contas vivia na Idade Média, e era muito mais justificável do que Filippo.

Roger Bacon, que não devemos confundir com o grande Francis Bacon (ele também inglês, e também filósofo, mas nascido três séculos mais tarde), nasceu por volta de 1215, talvez em Oxford, e logo que chegou à maioridade mudou-se para a França para matricular-se na faculdade de Artes da Universidade de Paris. Em seguida, já de volta à Inglaterra, tornou-se frade franciscano e aluno de Roberto Grossatesta. Foi o iniciador de um ensino todo baseado na observação da natureza. Disse: “Usando a cabeça, nós somos levados a raciocinar sobre a possível existência de Deus: às vezes acreditamos nela, às vezes não. Verão que, se abrirmos os olhos e dermos uma boa olhada em volta, acabaremos compreendendo muito melhor os mistérios da vida.” E depois acrescentou: “Duas são as fontes do conhecimento: a Razão e a Experiência. A Razão, infelizmente, nunca consegue eliminar por completo a dúvida. A Experiência, no entanto, uma vez que pode ser repetida à vontade, acaba sendo uma preciosa colaboradora. A própria Experiência, no entanto, também pode ser de dois tipos: *externa* e *interna*. A *externa* nos é dada pelos sentidos, a *interna* pela iluminação divina, isto é, a *Graça*.” De forma que o nosso Bacon parte de premissas puramente científicas e acaba apelando para o mais total misticismo. Claro, comparado com os seus colegas de então, ele parece um supertécnico, tanto assim que com alguma boa vontade poderíamos até considerá-lo um dos precursores da ciência moderna. Num escrito intitulado *De mirabili potestate artis et naturae* consegue prever as possíveis invenções futuras, e nos conta de navios a motor, de automóveis, de aviões, de guas e de submarinos. Transcrevo em seguida o trecho em questão:

Tornar-se-á possível a construção de imensos navios movidos sem a ajuda de remadores... assim como de carros capazes de avançar sem cavalos para puxá-los... e de máquinas

voadoras com um só homem no comando... e de instrumentos não muito grandes mas capazes de levantar e baixar pesos imensos... e até de aparelhos capazes de percorrer rios e mares navegando nas profundezas.

Pois é, mais precursor do que isso é impossível! Só não tinha imaginado a televisão. Os seus alunos apelidaram-no de *Doctor mirabilis* e sempre havia à sua volta um bom número de fãs. Os seus trabalhos principais foram a *Obra maior*, a *Obra menor* e a *Terceira obra*. Só conseguiu terminar a primeira, no entanto. Isso porque de repente, em 1268, morreu Clemente IV, o pontífice que sempre o tinha protegido, e logo em seguida foi excomungado pelo sucessor, o papa Gregório X.

Mas qual foi o motivo de ele ter tantos inimigos? Muito simples: a inveja. Como muitas vezes acontece, com efeito, ele não era muito amado pelos colegas universitários, e uma vez que naquela época todos os professores eram unha e carne com a Igreja, bastava muito pouco para alguém ser acusado de heresia ou, pior ainda, de ter mantido conluíus secretos com os povos descrentes. Não podemos esquecer, de fato, que no começo do século XIII as fronteiras da Europa sofriam o assédio de povos das mais diversas religiões: mongóis, árabes e tártaros. O próprio Bacon, na *Obra maior*, exortara os europeus a se precaverem contra possíveis invasores. Escrevera: “Os tártaros têm a lascívia do poder. Não só gostariam de nos impor o seu imperador como também o seu Deus.” Sem mencionar os sarracenos que atacavam continuamente as nossas regiões meridionais. Para dar-se conta disto basta viajar por mar, mesmo agora, ao longo da costa de Amalfi para ver que a cada quilômetro há uma torre de vigia contra os piratas sarracenos. Não é por acaso que a frase “*Mamma, li turchi!*”⁷³ foi inventada por um nosso antepassado do Sul.

Seja como for, com turcos ou sem turcos, o nosso Bacon foi censurado pelo general da Ordem franciscana, Jerônimo de Ascoli, devido ao seu relacionamento preferencial com a ciência. Jogado numa masmorra, ficou preso nada menos de catorze anos. O pior foi que o proibiram de escrever. Pena, pois entre os seus planos havia o de compilar uma *Enciclopédia geral das ciências*, que iria livrar o saber dos condicionamentos da religião.

⁷³ Mais ou menos “Minha nossa, lá vêm os turcos!” em napolitano. (N. do T.)

XXVIII

RAIMUNDO LÚLIO

Para Lúlio, Averroés e todos os averroístas eram uma verdadeira pedra no sapato. Qualquer coisa que o filósofo árabe tivesse feito ou dito era para ele motivo de fastio, principalmente a teoria segundo a qual ao morrer o homem perdia a alma. “Paciência”, dizia, “se com a idade ficamos mais feios, paciência se o corpo se torna esquelético, paciência se aumentam as doenças, mas que a alma também se vá, como se os vermes pudessem devorá-la, francamente isto já é demais.” Este seu pensamento, ou melhor dizendo, esta sua mania, levou-o a viajar por todo o Oriente Médio, sempre à procura de alguém para converter ao Cristianismo ou, no fim das contas, com quem brigar. Era justamente por isto que tinha aprendido a língua árabe: para brigar com os infiéis. Na prática, era um cruzado, viajando sozinho, com uns bons trinta anos de atraso, e com uma única arma: a palavra.

Raimundo Lúlio, ou Ramón Llull. Com dois “L” no começo e mais dois no fim, nasceu em Palma de Maiorca em 1235 e morreu apedrejado pelos árabes nos arredores de Tunes, em 1316. Só podia acabar desse jeito, afinal: passara a vida inteira a atormentá-los e, na primeira ocasião que tiveram, eles se vingaram.

Teve uma produção literária imensa. A sua obra principal foi a *Ars magna*, isto é, uma espécie de enciclopédia com fim místico. Ele afirma tê-la escrito em transe, palavra por palavra, conforme iluminação divina. Será verdade? Não sei! Só posso dizer que o texto mais estimulante de Lúlio é o que se chama *Livro do Gentio e dos três sábios*, em que o protagonista, o Gentio, atormentado pelas dúvidas, encontra uma bonita jovem que lhe apresenta três sábios e lhe mostra cinco árvores. A jovem, que representa a inteligência, interroga os três sábios, isto é, as três religiões monoteístas, e graças às árvores consegue fazer comparações entre as várias religiões, todas com resultado favorável ao cristianismo. No fim emergem seja as características em comum entre elas, seja as que as diferenciam, e portanto a Santíssima Trindade, o Juízo Universal e a vida de Jesus. De qualquer maneira, mesmo depois de ter feito o possível para ressaltar os méritos do cristianismo, Lúlio conclui o seu trabalho sem deixar o protagonista dizer qual foi o credo que o deixou mais convencido, como se sugerisse que as três religiões se integram na Fé num só Deus onipotente. A obra teve considerável sucesso na Idade Média e foi traduzida em várias línguas.

Lúlio também escreveu um romance autobiográfico que intitulou *O livro de Blanquerna*, no qual conta a história de um cavaleiro errante que passa de uma vida cheia de aventuras, típica da cavalaria da época, para uma vida mística toda dedicada à conversão dos infiéis, até chegar a uma experiência eremítica acompanhada por infalível visão de Deus.

Atraído pelos mais variados assuntos (lógica, astronomia, medicina, matemática, geometria e pedagogia), Raimundo Lúlio demonstrava um interesse todo especial pelas árvores. Num dos seus tratados, intitulado justamente *A árvore da ciência*, conta ter encontrado um monge que lhe explicou detalhadamente como uma árvore é feita, e quais diferenças existem entre as raízes, o tronco, os galhos, as folhas e os frutos. Sempre comparando cada parte da planta com a alma humana.

Seguem mais duzentos e cinquenta livros, entre os quais: *O livro da contemplação*, o *Livro do esplendor*, o *Livro da criação*, o *Livro do amante e do amado* (em que o amante é o cristão e o amado é Jesus), o *Livro da cavalaria*, o *Livro das maravilhas*, o *Livro do intelecto ascendente e descendente* e finalmente, nem precisava dizer, o *Livro da aflição*.

XXIX

AGENOR CÚPIO

Se há um rótulo que realmente me incomoda é o de “filósofo napolitano”. Principalmente quando sou convidado a aparecer na tevê, com efeito, acontece cada vez mais frequentemente que alguém se dirija a mim com a costumeira frase: “Vocês napolitanos, afinal de contas, são todos meio filósofos.” Costumo responder bastante ressentido, pois a afirmação não tem qualquer fundamento, ainda mais porque a porcentagem de filósofos napolitanos (incluindo Giambattista Vico e Benedetto Croce, nascido em Pescasseroli) é muito menor do que a dos filósofos nascidos em outras cidades do Norte. Se além do mais acrescentarmos a isso tudo a nunca suficientemente execrada letra da canção

*Basta che ce sta o' sole,
che ce remasto o' mare,
'na nenna a core a core
e 'na canzone pe' cantà,
chi há avuto, há avuto, há avuto,
chi há dato, há dato, há dato,
scurdammece o' passato,
simme 'e Napule paisà⁷⁴*

e a não menos detestável frase “*San Gennà fottatenne*” (“Não ligue para eles, são Genaro”) que apareceu escrita embaixo da estátua do santo no dia em que se duvidou publicamente do milagre, teremos então uma clara demonstração de quão aproximativas podem ser as ideias acerca da filosofia quando acaba sendo confundida com a costumeira e lastimável “filosofia de botequim”.

Nesta altura, entretanto, é muito justo perguntar: “Mas houve ou não houve filósofos napolitanos na Idade Média?” Pois bem, houve. Talvez não tão famosos quanto santo Agostinho, nascido em Tagaste, ou santo Tomás, nascido não muito longe de Cassino, mas mesmo assim merecedores de uma lembrança. No fim do século XII, por exemplo, houve um sujeito que formou um grupo de pensadores errantes chamados *thanatoferos* devido à fixação em lembrar a todos que a morte é inevitável. Este porta-bandeira dos *thanatoferos* era um certo Agenor Cúpio, que também era considerado um emérito chato e, por isto mesmo, era escrupulosamente evitado por todos os moradores do bairro de Pignasecca.

Resumida em poucas palavras, a sua técnica de abordagem consistia mais ou menos no seguinte.

- O que houve? – dizia Cúpio ao ver um amigo que avançava mancando.
- Caí descendo as escadas – respondia o amigo – e quebrei a perna.

– Sorte sua! – exclamava ele, todo satisfeito, apertando-lhe a mão. – Já pensou se tivesse morrido? Agora a sua mulher seria uma viúva desesperada e os seus filhos uns pobres órfãos sem um tostão para viver. E ao contrário, graças a Deus, aqui está você mais vivo do que nunca. Sim, eu concordo, está mancando, mas não vai demorar muito para ficar bom.

Quer dizer, usando justamente uma expressão que detesto, aconselhava que “levassem a vida com filosofia”, para então acrescentar:

– Leia o *Fédon*, em que Sócrates diz a Símias: “Seria ridículo se agora, depois de ter passado a vida inteira acreditando na transmigração da alma, eu fosse me queixar porque está chegando a minha hora. É para isto que serve a filosofia, para a gente se acostumar a morrer.”

Depois disso, todos afastavam-se o mais depressa possível recitando esconjuros e, como é costume entre nós, passando a mão nas partes mais íntimas.

Outra vez, um conhecido que lhe perguntou o que seria mais temível, uma morte cheia de sofrimentos ou uma repentina, ele respondeu: “A dor total é sempre a mesma, e é repartida entre os que ficam e o que se vai. Quanto mais sofre aquele que parte, menos sofrem os que ficam. Às vezes, aliás, eles até desejam que o moribundo acabe de sofrer. Acontece justamente o contrário no caso de mortes repentinas. Neste caso, o sofrimento fica todo por conta dos sobreviventes.”

Agenor Cúpio escreveu um pequeno livro do qual nada chegou até nós. Só sabemos que se intitulava *Como ser feliz na desgraça*. Parece que teve muito sucesso entre os doentes.

⁷⁴ Traduzindo livremente: *Desde que haja sol, desde que haja mar, uma garota perto do coração e uma canção para cantar, vamos esquecer o passado, vamos esquecer tudo o mais, estamos em Nápoles, paisano.* (N. do T.)

XXX

JOÃO DUNS SCOTUS

No fim da Idade Média a Ciência ganha cada vez mais terreno em relação à Religião. No começo ela nem estava incluída entre as matérias da Escolástica. Então, no século XIII, de tanto bater às portas do saber, acaba se tornando uma espécie de “colaboradora familiar” da Fé: quer dizer, um instrumento que pode até ser usado, desde que não se levante qualquer dúvida sobre a existência de Deus. São Tomás já tinha começado a trilhar este caminho com o seu aristotelismo, mas é com Duns Scotus que se começam a ver os primeiros resultados. Nada de espetacular, é claro: continuam sendo apenas umas tímidas abordagens muito comedidas. Dou um exemplo: quando Scotus diz: “Uma verdade pode ser entendida pelo cérebro, mas só até um certo ponto além do qual é indispensável a iluminação divina”, elogia sem dúvida alguma a ciência, mas também reconhece os seus limites diante da onisciência de Deus. Desconfio que dissesse estas coisas não tanto por estar convencido delas quanto para não provocar a hostilidade das autoridades eclesiásticas. E, afinal, vamos nos imaginar no lugar dele: quem mandava, naquele tempo, eram os padres. O seu ordenado, e portanto a sua sobrevivência, dependiam deles. Para não acabar como Bacon, que ficou catorze anos mofando num calabouço, tinha de abrir mão de alguma coisa. Era por isto que todos, mas todos mesmo, quando chegavam ao que interessava, chamavam à baila ora a Graça, ora o Intelecto agente, ora a Luz que vinha lá do Alto; além da existência de Deus, precisavam com efeito salvar também a sua própria.

No começo do século XIV, no entanto, alguma coisa muda no relacionamento entre Estado e Igreja e isso força todos aqueles que contavam a tomar partido: ou ficavam com Filipe, o Belo, ou então apoiavam Bonifácio VIII. O choque chega ao seu ponto mais alto com a “afronta de Anagni”, quando Sciarra Colonna, com a cumplicidade do rei da França, dá um bofetão no papa. Estamos em 1303. Alguns anos mais tarde o papado muda a sua sede de Roma para Avignon, e o nosso Scotus também vai ter de escolher de que lado ficar. Num concílio pedem-lhe que acuse publicamente as ações de Bonifácio VIII e ele, juntamente com outros docentes da Universidade de Paris, prefere justamente recusar-se ou, melhor dizendo, declara: “Sou apenas um professor de filosofia e só trato de metafísica, lógica, ontologia... de coisas, em suma, que nada têm a ver com política.” Mesmo assim foi um desastre: em uma semana estava expulso de todas as universidades do reino da França.

João Duns Scotus, conhecido como o *Doutor Sutil*, nasceu em Mauxton, na Escócia, em 1266. Assim como o seu colega Roger Bacon, em 1281 tornou-se franciscano, estudou em Oxford e Paris, e lecionou em ambas as universidades para então morrer em Colônia com apenas quarenta e dois anos de idade, em 1308. Quanto aos seus escritos, podemos citar: a *Obra de Oxford*, as *Transcrições parisienses*, o *Primeiro princípio dos seres*, a *Metafísica*, a *Lógica*, a *Livre interpretação* e o *Tratado sobre a alma*. Não temos certeza, no entanto, de que sejam

todos dele.

Duns Scotus acredita na Ciência apesar de dividi-la em duas matérias distintas e separadas, e precisamente a *demonstrável* e a *provável*, e ao fazer isso separa a Filosofia da Teologia. Enquanto a Filosofia comunica a Dúvida, a Teologia ajuda o homem a viver melhor. Como dizer: “Felizes aqueles que têm Fé: viverão melhor durante a última parte da vida, justamente quando se começa a pensar.” A Teologia, nesse caso, deixa de ser apenas uma disciplina teórica para também tornar-se uma ciência prática. É só experimentar.

Assim como a primeira função da vista é distinguir entre o branco e o preto, da mesma forma a primeira função da inteligência é distinguir o que é daquilo que não é, quer dizer, o Ser do Não Ser. Acontece contudo que a noção de Ser não é de tipo analógico entre Deus e o mundo (como afirmava santo Tomás), mas sim de tipo absolutamente unívoco. Agora, querendo comparar Deus com o mundo, a única coisa que podemos dizer é que o primeiro gerou o segundo, e até aqui estamos todos de acordo. Ao mesmo tempo, porém, Duns Scotus recusa a tese platônica segundo a qual os indivíduos seriam apenas uma projeção dos Universais.

Finalmente, no seu tratado sobre o *Princípio dos seres*, o filósofo também ensaia uma demonstração da existência de Deus. Vejamos como ele faz isto.

Defende que existe uma hierarquia entre todos os seres possíveis, e portanto também a existência de um valor máximo que por enquanto não é visível. É como estar diante de uma pirâmide da qual não conseguimos enxergar o topo. Não o vemos, mas podemos deduzi-lo. E uma coisa é certa: só poderemos alcançar a felicidade por meio da Revelação, e portanto da Fé.

Para Scotus o homem é livre para seguir o caminho do bem ou o do mal. Mais do que apontar a trilha certa, Deus não pode fazer. “Problema dele, se escolheu errado”, dizia, como aliás também afirmava o padre Atanásio, o pároco de Santa Lúcia quando eu era menino, fazendo o sinal da cruz.

XXXI

MARSÍLIO DE PÁDUA

Até agora nunca falamos de política, ou, melhor dizendo, até agora só falamos de política, isto é, do conflito entre aqueles que elegeram a Igreja como seu guia espiritual e aqueles que, por sua vez, haviam escolhido a Razão (entendendo-se por Razão a ciência da natureza e, com ela, a lealdade para com o imperador da vez). Marsílio Mainardini militou nesse segundo grupo: para ele a lei era uma prática que devia ser resolvida na mesma hora, e não adiada para uma segunda hipotética vida. É claro que ao acreditar numa justiça terrena, Marsílio criou logo muitos inimigos, e particularmente todos aqueles que, em nome do Nosso Senhor, julgavam-se os únicos depositários dos verdadeiros mandamentos, isto é, os padres, com todo o seu séquito.

Marsílio nasceu em Pádua em 1275, e desde criança mostrou um especial pendor por Averroés. Na condição de averroísta, não acreditava na imortalidade da alma e, portanto, tampouco no Paraíso, no Purgatório e no Inferno, ignorando por completo o seu coetâneo Dante Alighieri. A *Divina comédia*, para ele, era apenas um poema. Considerava Dante, aliás, um sujeito que evitava qualquer engajamento político, e não estava lá muito errado se lembrarmos que o poeta, mesmo sendo um guelfo branco, sempre procurou evitar maiores problemas: quando decidia botar alguém no Inferno, só fazia isso se a pessoa já estava morta e sepultada.

Quanto mais leio Marsílio, mais acabo acreditando que a escrita “A lei é igual para todos” deve ter sido dele. No seu livro intitulado *Defensor pacis (O defensor da paz)*, com efeito, diz isso sem meias palavras: “O fato de um indivíduo ser sacerdote, lavrador ou pedreiro não deveria ter a menor importância para quem está a julgá-lo, assim como não deveria ter importância para um médico a profissão do paciente.” A pretensão das autoridades de administrar a justiça conforme a pessoa indiciada ser ou não um membro da Igreja seria portanto um verdadeiro abuso. Falando de forma ainda mais simples, Marsílio diz textualmente: “Uma coisa são as obrigações civis que todos nós temos em relação ao Estado, e outra os deveres espirituais que temos em relação a quem nos pôs no mundo: as primeiras têm a ver com a lei, os segundos com a alma. Não deveríamos jamais confundir as duas coisas.”

Raciocinando deste jeito, Marsílio arrumou logo centenas de inimigos e não demorou muito, obviamente, para ser excomungado. Para evitar o cárcere fugiu de Avignon no meio da noite juntamente com outros excomungados e procurou a ajuda de Ludovico, o Bávaro, candidato a tornar-se imperador do Ocidente. A resposta de João XXII foi rápida: excomungou também Ludovico, o Bávaro, que, por sua vez, organizou um concílio de bispos para acusar o Papa de heresia. Era assim mesmo, naquela época.

Em 1312 Marsílio tornou-se reitor da Universidade de Paris e manteve o cargo até o dia em que foi excomungado. No seu entender, quem comandava devia ser exclusivamente o povo, ou, melhor dizendo, aquela parte do povo, por ele chamada de *pars valentior*, na qual a sabedoria

tinha condições um pouco melhores do que o povão inculto. Se ainda estivesse vivo, aconselharia que só se deixassem votar aqueles com o curso obrigatório completo. Diria: “Uma vez que com a televisão é possível escravizar os ânimos dos mais ignorantes, que tal deixarmos votar somente os que menos facilmente se deixam escravizar, isto é, os instruídos e conscientes?” Será que afinal estava tão errado?

GUILHERME DE OCCAM

Na minha época de estudante universitário pratiquei bastante o atletismo. As minhas maiores satisfações ficaram por conta do revezamento 4 por 400. Ora, para quem não sabe, a 4 por 400 é uma prova na qual cada atleta, no fim do seu trecho, entrega o bastão ao companheiro seguinte que o segura e continua correndo, até o quarto participante que chega à linha de chegada. Pois bem, foi mais ou menos o que aconteceu com Duns Scotus e Guilherme de Occam. O primeiro passou o bastão ao segundo, que continuou o discurso começado pelo primeiro. Mas enquanto para Duns Scotus a Filosofia era uma ciência pobre, por manter-se distante da realidade, para Guilherme de Occam era uma matéria até rica demais, desde que porém não perdesse tempo com a Teologia. Equivale a dizer que a Filosofia e a Teologia eram para Guilherme duas maneiras diferentes de conceber a vida, além do mais separadas por uma vala insuperável.

Guilherme de Occam, frade franciscano, dirigindo-se ao papa João XXII, certo dia enviou-lhe a seguinte mensagem: “Se você ler com atenção a vida de São Francisco irá perceber o que significa viver realmente como autêntico cristão. Não como você, papa desavergonhado que chafurda o dia todo no luxo dos veludos e das joias das suas salas!” Chamado por isto a Avignon em 1324, trancou-se logo durante quatro anos na clausura de um mosteiro, para então fugir bem em cima da hora, um dia antes do processo. Com ele também estavam Miguel de Cesena, o general da Ordem franciscana, e mais dois pobres sujeitos à beira da excomunhão. Abrigando-se finalmente junto de Ludovico, o Bávaro, parece que se apresentou ao imperador dizendo: “Defenda-me com a espada, e eu irei defendê-lo com a pena!” Enquanto isto, porém, o Papa havia nomeado uma comissão de seis altos prelados que num piscar de olho redigiram contra os quatro fugitivos uma acusação de vilipêndio articulada em cinquenta e um pontos.

Vilipêndio, naquela época, não era brincadeira: era o que de pior podia acontecer a um pobre coitado. Na melhor das hipóteses corria-se o risco da prisão perpétua, pois do contrário a pena era a fogueira em praça pública. Digo isso pois sei muito bem do que estou falando: uns dez anos atrás fui acusado de vilipêndio contra a religião, juntamente com Renzo Arbore e Roberto Benigni, só por termos escrito o roteiro de *Pap'occhio*, um filme logo a seguir posto no índice e banido de todas as salas do Reino Pontifício, *pardon*, queria dizer da República. Desprezando o perigo, no entanto, nós não somente não fugimos, como também não fomos queimados vivos.

Guilherme de Occam, também chamado de *Doutor Invencível*, nasceu em Surrey, na Inglaterra, em 1290. Quem era ele, na realidade? Era um sujeito que queria chegar logo ao âmago das coisas, e para conseguir isso cortava fora tudo aquilo que, a seu ver, era inútil ou de qualquer forma supérfluo. Esta sua maneira de enfrentar a realidade ficou conhecida na história como “navalha de Occam”. Tudo o que havia sido dito pelos escolásticos era cortado, e

portanto também a univocidade do Ser, a noção metafísica da Causa final, o conceito metafísico de Substância, as categorias de Aristóteles e, finalmente, os nossos conhecidos Universais. Para ele os Universais não passavam de “palavras, somente palavras”. E tampouco achava indispensáveis as hierarquias eclesásticas, inclusive os papas, os bispos e os cardeais. As únicas entidades que no seu entender mereciam respeito eram Deus e os seres humanos. Nada mais. Mas antes de rotulá-lo como negador total, vejamos como ele responde a uma pergunta específica.

Pergunta: – Deus existe?

Resposta: – Existe, mas não como nos foi apresentado por santo Tomás ou santo Anselmo. Para acreditar em Deus basta ler Aristóteles e Averroés. Deus existe porque o infinito já é um conceito imaginável, e não precisa de forma alguma ser demonstrado.

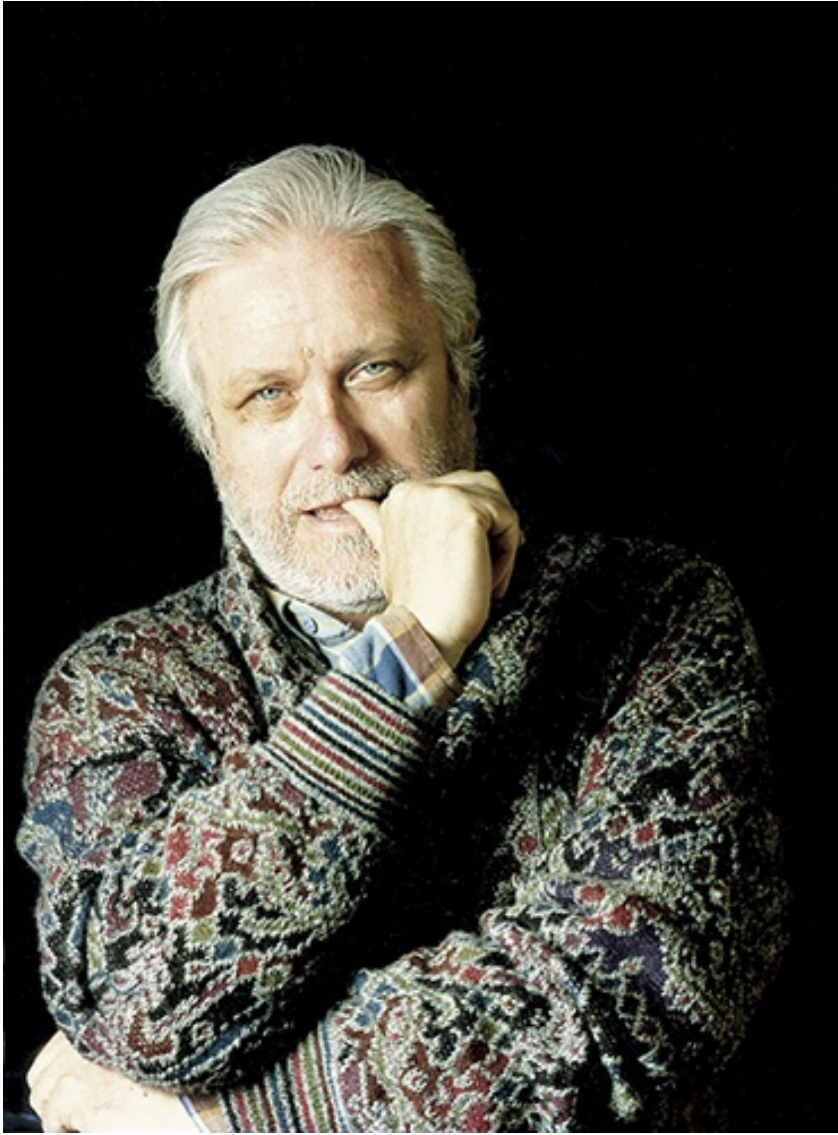
Infelizmente, no entanto, naquela época havia duas maneiras de entender o cristianismo: para o papado era um instrumento de poder, enquanto para os franciscanos, e para Guilherme em particular, era uma missão evangélica.

A Escolástica, no começo, havia feito o possível para conciliar a Ciência e a Religião. Então, com o passar dos anos, aliás dos séculos, as duas disciplinas haviam progressivamente se afastado até se tornarem duas matérias distintas e separadas justamente graças a Guilherme de Occam que, com todo o direito, pode ser considerado o último filósofo da Idade Média e o primeiro da Idade Moderna.

A teoria na qual acreditava era o *empirismo radical*, segundo o qual tudo aquilo que superava os limites da experiência direta podia até ser interessante, mas nem por isso podia ser algo em que acreditar de olhos fechados. Se por exemplo falarmos do Além, dizia Guilherme, o máximo que posso aceitar é que exista, mas nada mais do que isto. Surgem daí dois tipos de conhecimento: o *intuitivo* e o *abstrativo*. O primeiro divide-se por sua vez em conhecimento *perfeito* e conhecimento *imperfeito*. Temos o perfeito quando podemos demonstrá-lo com a experiência. Ele será imperfeito, por sua vez, quando permanecer em nível hipotético. O conhecimento abstrativo, finalmente, é próprio dos artistas e dos poetas, prescinde da realidade e é uma faculdade que só poucos seres humanos possuem.

É óbvio que teorias como essas não podiam ser aceitas num regime baseado na Fé Cega e Absoluta. Daí as acusações de vilipêndio e o subsequente exílio.

Espero que agora, encontrando-se no Paraíso, Guilherme de Occam tenha tido a oportunidade de comprovar ao vivo tudo aquilo que tinha esperado na vida.



LUCIANO DE CRESCENZO é engenheiro, escritor e diretor de cinema. Autor, entre outros livros, de *Ordem e desordem* e *A dúvida*, ambos publicados pela editora Rocco.